



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

DANUSA LOPES BERTAGNOLI

**Título: “Era Maria vai com as outras, Maria de cozer, Maria de casar”:
Um estudo enunciativo sobre a designação genérica produzida a partir de
nomes próprios**

CAMPINAS

2011

DANUSA LOPES BERTAGNOLI

Título: “Era Maria vai com as outras, Maria de cozer, Maria de casar”:

**Um estudo enunciativo sobre a designação genérica produzida a partir de nomes
próprios**

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como
requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em
Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi Fontana

CAMPINAS

2011

Dedico este trabalho à minha mãe Maria, que entre tantas “Marias” se destaca por ser uma mulher incrivelmente batalhadora e amorosa, que sempre apoiou minhas escolhas e me deu todo o suporte necessário para que eu chegasse até aqui. E aos meus amigos, que nunca duvidaram dos caminhos que trilhei e que, mesmo à distância, sempre me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi Fontana que aceitou a tarefa de me orientar neste trabalho e contribuiu imensamente para o meu aprendizado, além de ter demonstrado a beleza do sentido na linguagem, em suas aulas de semântica que eu assistia com especial interesse. Agradeço pela paciência que teve durante todo este processo, mesmo nos momentos (naturais) de nervosismo com a reta final do curso.

Agradeço também à Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira que muito contribuiu com este trabalho desde sua fase inicial, indicando bibliografias ou fazendo comentários bastante relevantes nas oportunidades que tive de apresentá-lo, contribuindo assim constantemente para o seu desenvolvimento. Agradeço também à Profa. Dra. Carolina Machado que se dispôs a ler este trabalho e participar da banca em que o defendi, trazendo preciosas contribuições e também à Profa. Dra. Cristiane Dias pela compreensão e auxílio nos períodos mais conturbados da graduação durante o período em que foi minha orientadora de estágio no Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb).

Agradeço aos meus professores da graduação no Instituto de Estudos da Linguagem que através das aulas e de sua produção me mostraram como é possível observar a beleza da linguagem por diferentes caminhos.

Agradeço aos meus colegas de turma da Linguística 2008 e também de Letras 2007, em especial à Beatriz, à Aline e ao Gleiton pelo companheirismo e por sempre me socorrerem nos momentos mais difíceis do curso. E também a todos os meus amigos, em especial às minhas amigas Adriana, Flávia, Melissa, Mariana Santos, Mel e Renata e ao meu amigo Carlos Eduardo (Santista) por todo o apoio e carinho que sempre me deram. Agradeço ainda à minha família pelo suporte que dá às minhas escolhas e pelo carinho de sempre.

Agradeço também o apoio da Fapesp que financiou este trabalho na modalidade de Iniciação Científica.

“E a palavra, um ser
esquecido de quem o criou: flutua,
reparte-se em signos – Pedro, Minas Gerais, beneditino –
para incluir-se no semblante do mundo.
O nome é bem mais do que nome: o além-da-coisa,
coisa livre de coisa, circulando.”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Neste trabalho nos propusemos a estudar algumas expressões de caráter avaliativo do português brasileiro, produzidas a partir dos nomes próprios Maria e José, tais como *maria-vai-com-as-outras* e *zé ninguém*. Nosso interesse é entender quais os mecanismos envolvidos neste processo de designação em que o nome próprio articulado a outro elemento (nome comum, verbo ou sintagma verbal) produz uma leitura genérica, designando assim não mais um indivíduo definido, mas uma “classe” ou conjunto de indivíduos indeterminados. Procuramos também compreender quais as questões enunciativas envolvidas nesta produção linguística, através da descrição da cena enunciativa dos textos em que estas expressões ocorrem. Para isso, nossa análise se divide em três momentos distintos. Em um primeiro momento procedemos à descrição morfosintática dessas estruturas, a partir da análise da construção da expressão e de seu funcionamento sintático nos enunciados que nomeiam algumas das comunidades do Orkut que selecionamos. Procuramos compreender de que forma os elementos que compõem essas expressões se relacionam e se há alguma regularidade nesta estrutura. Em seguida, procedemos à análise semântico-enunciativa das expressões, a partir de três materiais distintos: os textos que descrevem as comunidades do Orkut em que aparece a designação genérica e os enunciados definidores produzidos em dois suportes diferentes - um dicionário produzido por internautas de forma colaborativa e um dicionário de gírias, produzido por um profissional da linguagem. Neste momento, procuramos descrever as relações entre essas expressões e as palavras que as reescrevem, através do conceito de Domínio Semântico de Determinação (DSD), proposto por Guimarães (2007). Por fim, continuando nossa análise semântico-enunciativa, procuramos compreender como se configura a cena enunciativa em que aparecem estes enunciados, mapeando a partir de que lugares sociais e de dizer essas expressões são enunciadas, para percebermos se há diferenças e/ou regularidades a partir da comparação dos três materiais analisados, além de abordar algumas questões discursivas para as quais aponta a designação genérica.

Palavras-chave: Semântica, Enunciação, Genericidade, Nome Próprio

ABSTRACT

This work aimed to study some expressions of evaluative character in Brazilian Portuguese originated from the names Mary and Joseph. Our goal is to understand the mechanisms involved in the designation process that happens when the name itself articulated with another element (common name, verb or verbal phrase) produces a generic reading, which is no longer representing an individual, but a “class” or a set of indeterminate individuals. We also sought to understand what are the enunciative issues involved in this linguistic phenomenon by describing the enunciative scene of texts in which these expressions occur. In order to do so, our analysis is divided into three distinct stages. At first, we proceeded to the morphosyntactic description of these structures from the analysis of the construction of the expressions and their syntactic function in the utterances that name some of the Orkut communities we selected. We studied how the components of these expressions are related and if there is any regularity in this structure. After that, we proceeded to the semantic-enunciative analysis of the expressions, from three different materials: the descriptions of the Orkut communities, in which it appears the generic designation, and the definitions that occur in two different types of media – a dictionary collaboratively produced by any internet user and a dictionary of slang, produced by a professional of the language. In the meantime, we describe the relation between these expressions and the words that rewrite them through the concept of Semantic Domain of Determination (in Portuguese, Domínio Semântico de Determinação - DSD), proposed by Guimarães (2007). In an effort to understand how the enunciative scene in which these utterances appear is formed, we mapped from which social and saying places these expressions are enunciated, in order to realize if there are differences and/or regularities by comparing the three materials analyzed, and to broach some discursive issues to which the generic designation points.

Key-words: Semantics, Enunciation, Genre Studies, Proper Name

Sumário

Introdução	01
1. Situando a pesquisa	01
2. Objetivos	03
3. Constituição do Corpus e Metodologia.....	05
Capítulo 1 - Quadro Teórico	07
1.1. Semântica do Acontecimento	07
1.2. O Funcionamento do Nome Próprio (Designação e Referência)	11
1.3. O Domínio Semântico de Determinação	13
Capítulo 2 - Descrição Morfossintática	15
2.1. Composição das Expressões	15
2.2. Descrição do Funcionamento Sintático	22
2.3. Como Classificar as Designações Genéricas?	27
Capítulo 3 - Análise Semântica das Expressões a partir de seu DSD	29
3.1. Especificidades do Corpus: Orkut.....	29
3.2. Especificidades do Corpus: Dicionário.....	32
3.3. Análise dos Dados	35
3.3.1. Análise das Designações Construídas a partir do Nome Próprio Maria	35
3.3.2. Análise das Designações Construídas a partir do Nome Próprio Zé	49
Capítulo 4 - Análise da Cena Enunciativa	63
4.1. A Cena Enunciativa nas Descrições do Orkut.....	64
4.1.1. Comunidades em que o criador se identifica com a classe nomeada	64
4.1.2. Comunidades em que o criador não se identifica com a classe nomeada.....	69
4.2. A Cena Enunciativa nas Definições do Dicionário de Gírias e do Dicionário inFormal	75
Capítulo 5 – O Discurso acerca das Designações Genéricas	83
Considerações Finais	89
Referências Bibliográficas	92

Introdução

1. Situando a pesquisa

Este trabalho¹ surgiu do interesse em estudar algumas expressões do português brasileiro construídas a partir de nomes próprios considerados familiares ou corriqueiros, tais como Maria e José para se referir a determinados “tipos de pessoas” ou comportamentos sociais. A escolha desses dois nomes para este estudo deve-se ao alto índice de expressões de caráter avaliativo que encontramos na língua, tais como zé ninguém (a partir da redução de José) e maria-vai-com-as-outras, entre tantas outras que ouvimos e lemos todos os dias, e que até produzimos de forma corriqueira e despercebida.

Foi a grande variedade e produtividade de expressões dessa natureza que provocou nosso interesse por este fenômeno que parece ser infinito, pois a cada dia podemos ter contato com uma nova construção, em que se mantém o nome próprio e acrescenta-se a qualidade que se deseja atribuir a alguém. Por exemplo, a partir da redução do nome José para Zé podemos criar inúmeras expressões, tais como: zé perfeito, zé mané, zé dorminhoco, zé ruela etc. Há alguns aspectos que nos chamam atenção ao observarmos essa produção linguística: a produtividade dessas expressões (para atribuir quaisquer qualidades que se queira a qualquer pessoa), as diferentes possibilidades estruturais de construí-las e, por fim, a seleção ou predileção por nomes específicos. Pode haver expressões dessa natureza com outros nomes, mas sua ocorrência é bem menor em relação aos nomes por nós selecionados.

Sobre este último aspecto, podemos perceber que parece haver qualquer propriedade nestes nomes que os permitem formar tais expressões. Entendemos que esta propriedade e a produtividade destas construções se dão na língua posta em funcionamento na enunciação. Envolvendo assim, não só questões estruturais da ordem da língua, mas também questões relativas ao acontecimento da enunciação e ao agenciamento enunciativo, bem como questões relativas à história que permeia a formação e circulação destes nomes.

¹ Este trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no período de julho a dezembro de 2011, processo nº 2010/17344-6.

*Os versos “Era Maria vai com as outras, Maria de cozer, Maria de casar” que constituem o título deste trabalho foram retirados da música “Maria vai com as outras” de Toquinho e Vinícius de Moraes.

Esse fenômeno em que um nome próprio deixa de designar uma pessoa para funcionar como um nome comum é chamado por Henriques (2004) de eponímia que, segundo ele, consiste em uma relação constituída por um processo metonímico a partir de nomes de pessoas e significações que ainda não têm um significante correspondente. Esse processo acontece com bastante frequência em áreas técnicas: na medicina, por exemplo, as doenças são frequentemente denominadas com nomes de cientistas que contribuíram de alguma forma para a descoberta de determinada doença. Assim, a partir do nome próprio, cria-se um nome comum para denominar essas significações, e é justamente essa transposição de um nome próprio para um nome comum que caracteriza ou forma o epônimo.

Este processo também é bastante comum em relação a algumas logomarcas que, por se destacarem como a marca de melhor qualidade, passam a nomear o objeto. É o caso, por exemplo, de Gillette que passa a nomear toda e qualquer lâmina de barbear, por ser a marca mais consumida ou difundida. Outro processo semelhante se dá em relação à propaganda da marca de eletrodomésticos Brastemp, em que se utiliza o nome da marca como sinônimo de “produto de qualidade”, funcionando não como nome do objeto, mas como predicação de uma característica. Podemos citar ainda como exemplo a marca Bombril para designar qualquer esponja de aço e Maizena para designar amido de milho.

Ainda segundo o autor, além da relação metonímica, está envolvido também um processo metafórico, em que se utiliza um nome próprio como substantivo comum, a partir de alguma característica do antropônimo que deu origem ao epônimo. Um exemplo que dá o autor é o caso do epônimo “camões” para designar qualquer ser caolho, sendo que essa transposição de substantivo próprio para substantivo comum só é possível mediante a atribuição de um sentido impessoal ao antropônimo.

Entretanto, casos como maria-vai-com-as-outras e zé-ninguém, já citados acima, são epônimos com características um pouco diversas, sendo considerados por ele como “(...) um tipo de neologismo semântico que transforma nomes próprios em comuns sem que haja qualquer relação semântica direta² com a palavra que lhe dá origem, a qual não identifica nenhuma pessoa real ou imaginária”. (HENRIQUES, 2004, p. 49). Dessa forma,

² Entendemos que a relação semântica que se estabelece entre o epônimo e a palavra que lhe deu origem não é direta, mas determinada pelo interdiscurso, no acontecimento enunciativo, a partir das relações que estabelecem as palavras articuladas no texto.

as expressões desse tipo são consideradas pelo autor como “epônimos anônimos”, visto que não remetem a nenhuma pessoa específica que teve ou tem notoriedade social, sendo, portanto, formadas a partir de relações semânticas distintas. Sendo assim, poderíamos pensar sobre qual a necessidade do uso do nome próprio nestas expressões se ele não identifica nenhuma pessoa como nos outros casos de eponímia. Podemos dizer que, neste caso, o nome próprio já traz o memorável da simplicidade e da indeterminação, podendo identificar qualquer um, ou melhor, identificando aqueles que não são importantes.

A análise de Henriques (2004) traz para nós questões relevantes como as que apontamos acima, entretanto, como dissemos, entendemos que os efeitos de sentido produzidos por estas expressões devem ser descritos analisando seu funcionamento no acontecimento enunciativo, o que nos leva a considerar: os lugares de enunciação, ou seja, de que lugar essas expressões são enunciadas, o memorável - as enunciações anteriores evocadas pelo funcionamento destas designações - e o nome próprio que deixa de ter uma leitura individual para permitir uma leitura genérica envolvendo vários indivíduos.

Dessa forma, inscrevemos nossa análise na Semântica Enunciativa, mais especificamente a partir dos conceitos produzidos pela Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002), como mostraremos a seguir.

2. Objetivos

Como eixo organizador das atividades de pesquisa, estabelecemos três objetivos para nosso estudo, que serão trabalhados em momentos distintos da análise:

1. Análise da construção

A partir de alguns exemplos apresentados no tópico acima, foi possível perceber que o processo que constrói a expressão *maria gasolina* é diferente do processo de formação de *maria-vai-com-as-outras*, por exemplo. Por isso julgamos importante fazer a descrição dessas expressões, com o objetivo de entender de que forma são produzidas e como se estruturam. Para tanto, julgamos ser necessário em um primeiro momento do trabalho, proceder à descrição morfofossintática dessas expressões, a fim de mapear quais as operações envolvidas neste processo e de que maneira estas expressões são compostas a partir da

articulação entre um nome próprio (entre os citados anteriormente) e outros elementos que integram por composição este tipo de construção.

2. Análise das definições

A questão da definição é relevante visto que nas comunidades da rede social Orkut, por nós pesquisadas, em sua maioria criadas e destinadas a pessoas que não gostam do grupo de sujeitos designados pela designação genérica, vemos aparecer por várias vezes tentativas de se definir essas designações. Na comunidade “Eu odeio Maria gasolina”, por exemplo, um dos tópicos do fórum de uma destas comunidades é “DEFINA: MARIA GASOLINA... em algumas palavras”³. A análise dos enunciados definidores será feita através do estabelecimento do DSD dos itens lexicais selecionados, observando as relações de determinação que se estabelecem entre o item lexical que nomeia a comunidade e a definição presente em sua descrição (comunidades do Orkut) e entre a palavra entrada e a sua definição, no caso dos verbetes do Dicionário de Gírias e do Dicionário inFormal.

3. Análise da cena enunciativa em que são produzidas estas definições

A descrição da cena enunciativa nos permitirá compreender de que lugares sociais são produzidas estas definições, quais os sentidos produzidos pelos nomes próprios que participam dessas construções (Maria e José), além de nos permitir compreender quais os memoráveis que estes nomes recortam no acontecimento da enunciação. E ainda, como esses nomes nos permitem uma leitura genérica e não única.

Por fim, pretendemos verificar a existência de expressões semelhantes às abordadas pelo trabalho, bem como a sua distribuição para se referir a homens e mulheres, no que se refere aos processos históricos de significação das relações de gênero.

³ Retirado da comunidade *Odeio “Maria Gasolina”* em www.orkut.com.br. Não trabalharemos aqui com os fóruns de discussão, mas apenas com os textos que descrevem as comunidades.

3. Constituição do Corpus e Metodologia

Devido à infinidade de expressões utilizadas para produzir este tipo de designação genérica selecionamos para este estudo cinco itens lexicais contendo o nome próprio feminino Maria e cinco itens lexicais com a redução do nome próprio masculino José (Zé), a saber: maria gasolina, maria chuteira, maria parafina, maria tatame⁴, maria-vai-com-as-outras, zé-ninguém, zé-povinho, zé mané, zé graça e zé ruela. Escolhemos um nome masculino e outro feminino para mapearmos se o fator gênero contribui para a produção e circulação dessas expressões, conforme esboçamos no tópico de introdução deste trabalho.

Visto que essas expressões se dão na linguagem oral ou coloquial, utilizamos como material de análise textos em que esta modalidade de fala está presente. Mais especificamente, trabalharemos com os títulos e descrições de algumas comunidades do site de relacionamentos Orkut (www.orkut.com) que se reportam às pessoas que são designadas por essas expressões. Assim, os dados foram recolhidos das seguintes comunidades:

Maria	Zé
Odeio Maria gasolina!	Eu sou um Zé Ninguém
Eu ODEIO Maria Chuteira!!!	Sempre tem um Zé! UM ZÉ MANÉ!!
Eu ODEIO Maria-Tatame!	Sinônimos de Zé Ruela
Soh pra quem é Maria parafina	O que os Olhos não vêem Zé Povinho Deda!!!
ODEIO MARIA VAI COM AS OUTRAS	Zé graça... eu?!

Selecionamos essas comunidades por julgar que suas descrições produziam definições mais completas, o que nos permite compreender melhor o funcionamento dessas designações. Ressaltamos ainda que preservamos a grafia original tanto dos títulos como dos textos que descrevem as comunidades, fazendo as correções apenas nos quadros dos DSDs. Pois sendo a designação genérica uma expressão híbrida entre um nome próprio e outro termo, julgamos que preservar a grafia nos levaria a compreender o modo como o falante percebe essas expressões, como veremos no capítulo 2. Dessas comunidades, trabalharemos com os nomes que recebem (título da comunidade) e suas definições

⁴ Inicialmente, havíamos proposto trabalhar com a expressão maria palheta, porém como esta expressão aparecia apenas no Orkut, achamos melhor trocá-la por maria tatame que aparece em mais de um material e nos permite observar algumas questões importantes, principalmente em relação à cena enunciativa.

espontâneas que aparecem no espaço de descrição da comunidade. Para a descrição morfossintática, utilizamos títulos de outras comunidades, além destas citadas acima.

Trabalhamos também com as definições produzidas por dicionários, a partir da seleção de dois espaços de definição: o Dicionário inFormal (disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/>), que é um dicionário colaborativo da internet em que qualquer pessoa pode produzir definições e o Dicionário de Gíria. Modismo Linguístico. O Equipamento Falado do Brasileiro de JB Serra e Gurgel, produzido não mais por qualquer falante, mas por um profissional da linguagem. Assim, poderemos perceber as diferenças entre as definições espontâneas produzidas na internet e as definições regradas pelo modo de se produzir dicionários, enquanto espaço pleno da definição.

Dessa forma, nosso estudo será feito levando em conta os conceitos estabelecidos pela Semântica do Acontecimento para identificar questões como: os memoráveis recortados por essas expressões, os sentidos que são produzidos por estas designações, o agenciamento enunciativo e a descrição da cena enunciativa. Também analisaremos os verbetes dos dois dicionários citados e as descrições das comunidades do Orkut enquanto textos, fazendo um trabalho sobre os processos de reescrituração dessas expressões, através de seu DSD.

Capítulo 1 - Quadro teórico

Como dissemos anteriormente nosso trabalho toma como base teórica a Semântica Enunciativa, mais especificamente os conceitos produzidos pela Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002). Interessam-nos desta abordagem três grandes questões: a cena enunciativa em que se inscreve a produção dessas expressões, o funcionamento do nome próprio e o conceito de Domínio Semântico de Determinação (DSD). Faremos uma breve exposição sobre cada uma delas, mostrando como se articulam às questões por nós levantadas neste trabalho.

1.1. Semântica do Acontecimento

A partir do livro “Semântica do Acontecimento” de Guimarães (2002), trazemos aqui alguns conceitos que vão fundamentar nosso estudo. O autor considera a enunciação como um acontecimento e não como um ato centrado no sujeito, como proposto por Benveniste. Sem deixar de considerar o funcionamento da língua incorpora noções trazidas de outros campos disciplinares, essencialmente a partir da Análise do Discurso (de origem francesa, tal como é desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil), trabalhando com conceitos como interdiscurso e posição sujeito, ao tomar “a enunciação como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (GUIMARÃES, 2002, p. 8).

Concorda com Benveniste e Ducrot em que um enunciado uma vez produzido jamais pode ser repetido, entretanto, em relação ao primeiro procura deslocar a centralidade do locutor em relação ao enunciado, dizendo que é o próprio enunciado que instaura sua temporalidade, e não o sujeito que diz “eu”, e em relação a Ducrot, afirma que a temporalidade do enunciado não se constitui apenas pela sua posição no tempo cronológico. Para Guimarães (2002) o enunciado instala sua própria temporalidade, sendo esta constituída por uma projeção para o futuro (o interpretável) e por um passado que é determinado pela história (o memorável).

No caso das expressões que trabalharemos, podemos dizer que o nome Maria, por exemplo, evoca o memorável do discurso religioso, visto que muitas mulheres receberam este nome devido à grande importância que tem a mãe de Jesus na tradição católica. Assim

temos Maria da Conceição, Maria dos Remédios, Maria do Socorro etc. Observamos aqui que este nome evoca ao mesmo tempo o memorável da pobreza, uma vez que a família de Jesus era pobre, e esta é uma característica bastante valorizada pela igreja católica e também o memorável de santidade, uma vez que Maria deu à luz ao filho de Deus.

Acontece que este efeito de sentido produzido pelo memorável do religioso em que a mulher tem algo de sagrado (a possibilidade de dar à luz) se perde, passando a recortar um outro memorável, em que a mulher deixa de ter esse caráter de santidade para ser marcada de forma pejorativa. Desse modo, deixa de recortar o memorável do sagrado para recortar um novo memorável, o memorável do profano, em que a mulher já não é mais vista como santa, mas como interesseira e aproveitadora, como no caso de expressões do tipo maria chuteira e maria gasolina.

Ao discordar da centralidade do sujeito proposta por Benveniste como origem de toda enunciação e, por consequência, origem da organização temporal do enunciado, Guimarães afirma que é o acontecimento que instaura sua própria temporalidade e, dessa forma, a temporalidade do acontecimento não coincide com o tempo do sujeito que diz “eu”, chamado pelo autor de Locutor. Reestrutura também assim, a própria noção de falante ao afirmar que este se constitui por uma relação política com a língua, trata-se não de um sujeito empírico, mas de uma figura política constituída por um espaço de enunciação, definido por Guimarães como:

(...) espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. O espaço de enunciação é um espaço político (...). (GUIMARÃES, 2002, p. 18-19).

A partir da definição acima, percebemos que o espaço de enunciação é dividido, pois nele circulam diferentes línguas que estão em disputa o tempo todo a partir de relações de poder. É essa disputa que faz com que o político atravesse o espaço da enunciação. Essa divisão é marcada por uma hierarquia de identidades e se dá não só na relação dos falantes com as línguas, mas também na disputa pelo dizer entre os falantes dessas línguas, sendo

determinada por agenciamentos enunciativos configurados politicamente. No caso das expressões por nós escolhidas, podemos pensar em uma relação de hierarquia entre os nomes utilizados em sua constituição no que diz respeito à questão do gênero, visto que grande parte destas expressões que tem um caráter pejorativo é articulada com o nome feminino Maria, sendo que não há correspondentes no gênero masculino. Assim, temos maria gasolina, mas não temos zé gasolina, por exemplo, o que nos leva a pensar sobre quais memoráveis estão sendo recortados. Neste caso, aparece o memorável da mulher interesseira, que só pode ascender socialmente através da relação com o homem, memorável este que parece não funcionar em relação ao homem.

Estes agenciamentos enunciativos, sendo configurados politicamente, determinam “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”, permitindo assim a distribuição dos lugares de dizer que são estabelecidos pela própria temporalidade do acontecimento, e que constituem assim a cena enunciativa. Esta é formada por um lado dos lugares de enunciação e por outro dos lugares de dizer.

Os lugares de enunciação dizem respeito aos lugares sociais a partir dos quais o Locutor fala e ele só pode produzir seu enunciado enquanto predicado deste lugar social. Guimarães faz a distinção entre Locutor (com letra maiúscula ou simplesmente L) como aquele que assume a palavra, se colocando assim como fonte deste dizer, e o locutor (com letra minúscula) que fala sempre a partir de um lugar social, representado pela variável “x”, sendo assim chamado de locutor-x. Neste caso, temos o locutor-presidente, o locutor-apresentador, o locutor-cientista etc. Segundo o autor, essa relação entre o Locutor e o locutor-x é constituída por uma disparidade entre o presente do Locutor e a temporalidade do acontecimento.

Já os lugares de dizer ocorrem no acontecimento enunciativo nos quais justamente este lugar social não é representado: o Locutor se representa como lugar de dizer simplesmente, chamado por Guimarães de enunciador. Pode ocorrer como um enunciador individual (no caso de um enunciado em que se faz uma promessa, por exemplo), um enunciador genérico (como nos ditos populares), um enunciador coletivo (caso dos abaixo-assinados e manifestos) e como um enunciador universal (em que se submete o Locutor ao sistema de relações lógicas de verdade e falsidade, próprio do discurso científico). Os enunciados em que se apaga o lugar social se caracterizam por se representarem como se

fossem independentes da história (os três primeiros casos) ou como se estivessem fora da história (o último caso), ainda que sejam lugares próprios da história.

É de nosso interesse descrever a cena enunciativa, pois, segundo Guimarães (2002), o processo enunciativo da nomeação pode envolver lugares de dizer diferentes, podendo assim recortar enunciações diversas. E, se a cena enunciativa é determinada pelo agenciamento enunciativo, podemos dizer que o processo de nomear é afetado o tempo todo pela memória do dizer, ou seja, pelo interdiscurso, sendo determinado também pelo político que atravessa o espaço da enunciação, como nos mostra o autor:

O processo enunciativo da designação significa, então, na medida em que se dá como um confronto de lugares enunciativos pela própria temporalidade do acontecimento. Este confronto recorta e assim constitui um campo de “objetos”. Se se mudam os lugares enunciativos em confronto recorta-se um outro memorável, um outro campo de “objetos” relativos a um dizer. (GUIMARÃES, 2002, p. 40)

Poderemos observar também se a maneira como essas expressões são definidas pelos falantes⁵ é a mesma ou difere em relação à maneira pela qual os sujeitos autorizados a produzir definições (lexicógrafos) o fazem. Segundo Elias de Oliveira (2004, p. 35), as definições que constam nos dicionários são produzidas da seguinte maneira: “os locutores (l) falam do lugar social (l-x) de lexicógrafos de dicionários de língua nacional. Como é típico da metalinguagem das definições lexicográficas modernas, o lugar de dizer (E) mais frequentemente representado é o universal.” Assim, nos interessa descrever e compreender de que lugares sociais ou de dizer essas expressões são enunciadas e como são constituídas as cenas enunciativas em que se inscrevem, a partir da comparação de espaços definidores autorizados (dicionário de gírias) e espaços de definição espontânea (dicionário colaborativo da internet).

⁵ Utilizaremos definições para estas expressões produzidas por usuários da internet encontradas por nós nos sites indicados no tópico “Constituição do Corpus”.

1.2. O Funcionamento do Nome Próprio (Designação e Referência)

As questões relativas ao processo de nomeação também são relevantes para este estudo, visto que este se debruça sobre estruturas da língua que são construídas a partir de um nome próprio. Segundo Guimarães (2002), o nome próprio está sempre em busca de unicidade e esta busca é efeito do funcionamento do nome próprio enquanto processo de identificação de um indivíduo perante o Estado e à sociedade e, dessa forma, designar um indivíduo por um nome próprio de pessoa é, em última instância, tomá-lo como sujeito. Assim, dar nome a alguém é identificar este sujeito na sociedade, caracterizando-se assim como um processo social de subjetivação.

O autor estuda este processo de nomeação do indivíduo a partir de quatro aspectos que apontam para funcionamentos distintos. Trataremos aqui apenas dois deles. O primeiro aspecto refere-se ao fato de que o indivíduo é nomeado a partir do lugar social de pai (locutor-pai) que tem a obrigação legal de registrar o filho. Entretanto, Guimarães afirma que ao lado dessa nomeação, é possível também que o sujeito tenha seu nome alterado ao longo de sua vida social, através de enunciações feitas a partir de outros lugares sociais que não o de pai, sendo que essa alteração se dá sempre a partir da enunciação dos pais.

Dessa forma, vemos que ao lado do processo jurídico de identificação do sujeito perante o Estado, temos um processo de designação que também produz subjetivação ao renomear o que foi nomeado do lugar de pai, marcando assim o segundo aspecto que abordamos aqui. Esta questão é importante para o nosso trabalho, visto que os nomes próprios envolvidos na designação genérica aparecem reduzidos como Zé e Mané. Essa redução se dá normalmente na esfera familiar ou íntima, em que temos um processo bastante frequente de reduzir os nomes próprios a uma espécie de “apelido”. Temos assim José que vira Zé e Manuel que vira Mané. Entretanto, observamos que esta redução não ocorre em relação ao nome feminino Maria, o que poderia ser explicado pelo memorável de santidade que este nome evoca.

A partir disso, podemos perceber a instabilidade que caracteriza os processos de designação que funcionam a partir de relações de referência instáveis determinadas por diferentes posições sujeito. Neste sentido, julgamos importante considerarmos como processos de identificação e individuação do sujeito não só o nome próprio de pessoa, mas

também os processos de designação a partir de toda e qualquer construção morfossintática que se refira ou predique em relação ao sujeito, tal como o faz Zoppi Fontana (2003). A autora defende que devemos ampliar a relação que se estabelece entre processos de designação e processos de subjetivação para além da designação através do nome próprio, incluindo assim toda e qualquer construção morfossintática que participe deste processo, visto que são estas formas que constituem e nos mostram os sentidos produzidos nos processos de identificação a partir de diferentes posições ideológicas.

Neste sentido, nos propomos a trabalhar com a designação genérica eponímica considerando as duas questões apontadas acima. Por um lado, temos como um de nossos objetivos justamente entender como estes nomes passam de particularizar sua referência como um indivíduo singular e definido para recortá-la a partir de uma leitura genérica (como classe de indivíduos indeterminados), já que, ainda que se mantenha certa identificação social, esta deixa de ser em relação a um sujeito único e se desloca para um grupo de sujeitos que partilham de determinadas qualidades.

O nome José ou sua redução Zé, por exemplo, ao integrar a expressão zé ninguém, deixa de se referir a um indivíduo assim identificado socialmente, para identificar um grupo de pessoas que partilham das características indicadas pela expressão, neste caso, a característica de não ter notoriedade, de ser um indivíduo sem expressão social. Por outro lado, procuramos compreender também como estes nomes determinam a construção da identidade dos sujeitos nomeados pela designação genérica, e como estes sujeitos se constituem enquanto tal neste processo de nomeação.

Lembramos ainda que a designação é definida por Guimarães (2002, p. 9) como a significação de um nome, não como algo abstrato, mas como uma relação linguística e, por isso, simbólica, remetida e exposta ao real, sendo assim uma relação tomada e determinada pela história. Segundo esta perspectiva, a referência não é o processo pelo qual as coisas são meramente nomeadas, a partir de uma relação transparente e unívoca da língua com o objeto, mas um processo que produz significação: “as coisas existentes só são referidas enquanto significadas, e não simplesmente enquanto existentes” (GUIMARÃES, 2002, p. 10). É sob esta perspectiva que trabalha a significação enquanto um processo determinado pela história que inscrevemos este trabalho.

1.3. O Domínio Semântico de Determinação

Por fim, o terceiro ponto que queremos trabalhar é a questão do Domínio Semântico de Determinação (daqui em diante DSD) apresentado por Guimarães (2007), visto que este será um importante instrumento para nossa análise, pois nos permitirá observar os sentidos que constituem as expressões que estamos estudando, a partir da relação que se estabelece entre estas expressões e as outras palavras que constituem os enunciados analisados.

O autor se coloca em uma postura diferente da posição referencialista e afirma que a significação daquilo que é externo à língua só é possível a partir de relações internas a ela, mais especificamente, a partir de uma relação entre as palavras. Essa relação caracteriza-se por ser uma relação de determinação (relação entre determinante e determinado) que é construída no acontecimento da enunciação. Assim, segundo o autor, conhecer o sentido de uma palavra é estabelecer seu DSD.

Para estabelecer o DSD de uma palavra é preciso analisar dois tipos de procedimentos de determinação: reescrituração e articulação. Começemos pela definição do primeiro procedimento:

A reescrituração é o processo pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

Segundo o autor, este procedimento aciona a operação, chamada por ele de predicação, que não é a relação própria ao enunciado ou à sentença, mas uma operação na qual uma expressão se reporta a outra, podendo ser por: repetição, substituição, elipse, expansão, condensação, definição, sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração. Esta operação é a retomada que se dá sobre uma forma que parece ser a mesma, mas ao ser retomada é significada de outro modo.

Dentre estas operações ativadas pela reescrituração, interessa-nos especialmente a reescrituração por definição, visto que nosso material de análise é composto majoritariamente por definições. Estas podem ser espontâneas, produzidas em uma linguagem mais informal por qualquer usuário da língua (como aparece no corpus retirado da rede social Orkut) ou ainda estabilizadas, no formato de enunciados definidores

lexicográficos, utilizando uma linguagem mais formal (caso dos dados retirados de um dicionário de gírias). Como dissemos acima, essa diferença no modo de definir nos permitirá compreender de que lugares sociais são enunciadas estas definições.

O outro processo envolvido, a articulação, se dá a partir de relações próprias das contigüidades locais e podem ser de três tipos: dependência (os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui no conjunto um só elemento), coordenação (toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos elementos) e incidência (quando um elemento de uma natureza e outro de outra natureza formam um novo elemento do segundo tipo). As articulações podem ser internas a um enunciado ou se dar na relação entre eles, constituindo assim uma relação de integração em um texto. Entre elas estão as relações de predicação e referência, a pressuposição e as relações argumentativas (GUIMARÃES, 2009).

Entretanto, as operações de articulação devem sempre se reportar ao processo de reescritura. É importante destacar aqui que, para o autor, um DSD não é um modo de organizar o mundo, ou seja, organizar a cognição, e sim é a caracterização de como, no acontecimento da enunciação, uma língua se movimenta ao funcionar produzindo sentidos. A relação da linguagem com as coisas é construída por uma determinação enunciativa, que os Domínios Semânticos de Determinação descrevem e interpretam (GUIMARÃES, 2007).

Capítulo 2 - Descrição Morfossintática das Expressões

Como dissemos na introdução deste trabalho, o que despertou nosso interesse por essa produção linguística foi a composição de uma expressão a partir de um nome próprio mais outro elemento linguístico para atribuir qualidades e “classificar” um conjunto de indivíduos, sendo fortemente marcada por um caráter avaliativo. O primeiro aspecto que nos chamou a atenção foi justamente o uso do nome próprio, pois, como vimos em seção anterior, este é usado para particularizar um único referente (ainda que esta particularização seja ilusória). Entretanto, nesta nova produção, o nome próprio perde esse funcionamento passando a servir como uma espécie de base a qual se acresce um outro elemento para construir a designação genérica.

Outro aspecto que nos chama a atenção é a recorrência do uso dos nomes próprios Maria e Zé (redução de José) para construir a designação genérica. É possível encontrarmos o mesmo tipo de designação com outros nomes próprios, como João, Chico, Joana, etc., mas sua ocorrência é bem menor em relação aos nomes Zé e Maria. Assim, nos deteremos agora na composição dessas expressões, a partir da descrição de sua estrutura e de como ela pode aparecer na sintaxe dos enunciados analisados.

2.1. Composição das Expressões

Antes de procedermos à descrição e análise das estruturas que compõem essas expressões, faremos uma breve exposição sobre algumas questões que envolvem o processo de formação de palavras envolvido nesta produção: a composição. No português nós temos duas possibilidades de formação de palavras: a derivação e a composição. A primeira é caracterizada pelo caráter fixo das propriedades semânticas e sintáticas, enquanto a segunda não tem elementos fixos, sendo determinada pela necessidade de se expressar novas significações.

Esta classificação é proposta por Basílio (2007) no livro “Teoria lexical” no qual a autora discute os processos de formação de palavras no português e as diferentes abordagens teóricas sobre o tema. Para nós interessa particularmente a seção na qual ela trata da composição. Segundo a autora, o processo de composição é definido pela sua

estrutura, que evidencia o modo pelo qual cada uma das bases se junta para formar a nova palavra, sendo que essa “junção” não se dá de forma aleatória. Há uma hierarquia entre as duas bases, sendo que uma funciona como núcleo da construção, enquanto a outra funciona como um modificador, especificador ou qualificador. Além disso, essas bases podem ser livres como em guarda-chuva (guarda + chuva) ou presas, em que uma das bases não pode funcionar de forma independente, como em agricultura (agri- + cultura).

A autora apresenta algumas possíveis formações a partir do processo de composição, entre elas as formas: substantivo + substantivo (em que o primeiro substantivo é o núcleo e o segundo o modificador - sofá-cama -, especificador - couve-flor - ou qualificador - operário-padrão), substantivo + adjetivo (em que o substantivo é o núcleo e o adjetivo o modificador, como carta-branca) e verbo + substantivo (em que o substantivo tem função análoga a de objeto direto, como beija-flor). Dessa forma, o que se tem é inicialmente uma classificação geral (através do núcleo) e um elemento particularizante (especificador). Interessa-nos particularmente o primeiro tipo de formação, pois, entre as formas citadas, é a única que ocorre em nosso corpus.

Outra questão relevante para nós no que diz respeito ao estudo da morfologia dessas expressões é a formação de plural para nomes compostos, caso das expressões que estamos trabalhando. Segundo a Gramática Normativa, o plural para nomes compostos ligados por hífen pode apresentar variação em todos os termos da composição ou em apenas um deles, sendo regido pelas seguintes regras: **a)** apenas o primeiro termo toma a forma plural nos casos em que as bases são ligadas por preposição ou quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como especificador (pés-de-cabra/navios-escola); **b)** apenas o segundo termo toma a forma de plural quando o primeiro termo é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjetivo (guarda-chuvas) e **c)** ambos os termos tomam a forma de plural quando o composto é formado por dois substantivos ou de um substantivo e um adjetivo (cartas-bilhetes).⁶

Após esta breve exposição acerca de alguns conceitos da morfologia que caracteriza essa produção, passemos à descrição da estrutura que compõe as designações genéricas:

⁶ Adaptado de Cunha, C. & Cintra, L. Capítulo 8: Substantivo. In: Nova gramática do português contemporâneo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007. Pp. 187-188.

Expressões	Primeiro termo + segundo termo
maria gasolina	nome próprio + nome comum
maria chuteira	nome próprio + nome comum
maria parafina	nome próprio + nome comum
maria tatame	nome próprio + nome comum
maria-vai-com-as-outras	nome próprio + sintagma verbal (verbo + preposição + artigo definido + pronome)
zé ninguém	nome próprio + pronome indefinido
zé mané ⁷	nome próprio + nome próprio
zé povinho	nome próprio + nome comum diminutivo
zé graça	nome próprio + nome comum
zé ruela	nome próprio + nome comum

A partir dessa descrição, podemos perceber que há certa variedade na classe gramatical da palavra que se liga ao nome próprio, ainda que o nome comum apareça em maior número. Chamaremos de primeira posição o elemento preenchido pelo nome próprio destes compostos, e de segunda posição o elemento que apresenta variação.

A primeira formação possível para este tipo de designação é a composição de um nome próprio mais um nome comum. Para as expressões formadas com o nome próprio feminino Maria, o nome comum que ocupa a segunda posição exibe certa regularidade semântica, na medida em que em todos os casos apresentados, estabelece-se uma relação metonímica com o aquilo que define o status social do homem com o qual a mulher designada pela expressão irá se relacionar, seja pela posse de um objeto valorizado, seja pela profissão que este homem tem. Em maria gasolina, por exemplo, temos gasolina enquanto parte de carro (objeto que determina a escolha do homem com a qual essa mulher irá se relacionar). O mesmo ocorre com maria chuteira em que chuteira é parte de jogador de futebol, maria tatame em que tatame é parte de lutador de jiu-jitsu e maria parafina em que parafina é parte de surfista (ou prancha de surf).

⁷ Esta expressão tem um funcionamento um pouco particular em relação às demais, pois o fato de ser composta por dois nomes próprios nos faz pensar se haveria nesta expressão algum núcleo, pelo fato de “mané” já ser uma eponímia. Entretanto, se pensarmos que “Mané” aparece apenas em uma das expressões enquanto “Zé” funciona de base para inúmeras outras expressões, podemos dizer que o núcleo é o nome “zé”, a partir desta regularidade apresentada por esse tipo de expressão.

Este parece ser um funcionamento específico das expressões construídas com Maria, pois além das quatro expressões selecionadas para este trabalho, encontramos um número muito grande de expressões com este funcionamento, por exemplo: maria shampoo (que gosta de homem com cabelo comprido), maria rolamento (que gosta de skatista), maria catraca (que gosta de homem que tem bicicleta), maria pick-up (que gosta de DJ), etc. Como vimos nestes exemplos, o nome comum que se liga ao nome próprio designa sempre parte do objeto que o homem possui (carro, bicicleta, skate) ou que caracteriza sua atividade (chuteira, parafina, pick-up). Inclusive, a maioria dessas expressões foi retirada de um vídeo chamado “Marias da Vida”⁸ em que se fala justamente da infinidade de expressões produzidas a partir deste nome próprio e que “tipo” ou “classe” de mulheres elas designam, mostrando-nos assim a frequência de uso dessas expressões no espaço de enunciação brasileiro, que motivou a produção de um vídeo para falar do assunto.

Outras três expressões construídas pela composição de nome próprio mais nome comum são as expressões zé ruela, zé graça e zé povinho, em que esta última é formada pelo diminutivo do nome comum povo. Percebemos que seu funcionamento é similar ao das expressões anteriores, com a diferença de que não são constituídas por uma relação metonímica, mas por uma relação metafórica, não sendo determinada por uma relação com o outro, mas pela falta de uma qualidade ou característica da própria pessoa designada. Em zé graça, por exemplo, graça não representa um status social que atrairia o interesse material de uma mulher, mas uma característica que falta à pessoa designada, já que a expressão zé graça designa justamente aquele que quer ser engraçado, mas que não tem graça.

Já a expressão zé ruela nos causa um pouco de dificuldade, uma vez que um dos sentidos de ruela é “rua pequena”, sendo assim difícil estabelecer uma relação de sentido com a expressão. Entretanto, ruela pode ser também redução de arruela, peça de fixação entre uma porca e um parafuso, que pode também ser usada como mola ou espaçador. Até aí poderíamos não ver relação nenhuma entre a expressão zé ruela e a peça acima definida. Entretanto, podemos pensar que o sentido da expressão é determinado pelo discurso que circula socialmente em relação à arruela, uma vez que ela é frequentemente identificada

⁸ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ORpWRce08LM>. Acesso em 09/03/2011.

como uma peça sem função ou que ninguém sabe para quê funciona, em outras palavras, uma peça inútil, tal como é definido o zé ruela.

Já na expressão zé povinho o nome comum aponta a origem da pessoa designada por ele ou de seu comportamento. Temos aí novamente uma relação metafórica já que, em princípio, não há como atrelar certos comportamentos como “ser fofoqueiro” ou “se portar de forma inadequada em determinadas situações” como uma característica exclusiva do povo, ao menos não como fizemos para as expressões anteriores. A característica apontada acima (que define o zé povinho) é atribuída como um comportamento específico de uma classe, a classe daqueles que pertencem ao povo, que, neste caso, não remonta ao sentido nacionalista, mas ao sentido de pobreza.

Retomando então a questão apontada por Basílio (2007) sobre a função que cada elemento tem na estrutura composta, podemos dizer que nas sete expressões analisadas acima, o nome próprio constitui o núcleo do composto na primeira posição, enquanto o nome comum especifica e qualifica, particularizando assim um conjunto de indivíduos. Para as expressões maria gasolina, maria chuteira, maria tatame e maria parafina, o primeiro elemento maria designa a classe genérica de mulheres, enquanto o segundo especifica as mulheres que se relacionam com homens que possuem carro, jogadores de futebol, músicos e surfistas, respectivamente.

O mesmo ocorre nas expressões construídas com o nome Zé. Este funciona como o núcleo que designa a classe genérica de homens (veremos mais à frente que também designa pessoas de modo geral, englobando homens e mulheres) e o segundo elemento especifica os homens designados: aqueles que querem ser engraçados, mas não são (zé graça), aqueles que são considerados bobos (zé ruela) e aqueles homens ou pessoas consideradas fofoqueiras (zé povinho), sendo que este comportamento é designado como característico de uma classe maior, a classe mais pobre da população, designada aqui pela palavra povo.

Podemos ter também na segunda posição da designação genérica outro nome próprio, caso da expressão zé mané. Essa composição é possível, pois o nome próprio Mané (redução de Manuel) pode designar por si só homem bobo, por exemplo. Entretanto, é possível também que apareça ligado ao nome Zé, para designar alguém que partilhe da mesma característica. Na verdade, o próprio nome Zé também pode ter este funcionamento,

como veremos no capítulo seguinte na análise do DSD dessas expressões. Parece-nos que, no caso da expressão *zé mané*, o nome próprio *Mané* especifica⁹ um conjunto de indivíduos, aqueles que não são espertos, que são considerados otários.

Outra estrutura encontrada foi a composição entre o nome próprio e o pronome indefinido “ninguém”, que já diz muito sobre o conjunto de indivíduos designados pela expressão. Ela é utilizada para designar pessoa simples, sem importância social. Percebemos aqui mais uma vez que a segunda palavra que compõe a expressão indica a característica a ser atribuída, neste caso, o anonimato, funcionando mais uma vez não pela posse, mas pelos sentidos de falta: a falta de importância social marcada pelo pronome indefinido “ninguém”. Há inclusive uma expressão no português brasileiro que marca justamente uma situação oposta. Dizemos muito “ser alguém na vida”, para falar da importância de se conseguir uma posição social melhor, em que o pronome definido “alguém” indica notoriedade social, enquanto “ninguém” designa aquele que não tem posição social nenhuma. Vemos mais uma vez que o segundo elemento (o pronome indefinido) especifica entre o conjunto de homens ou de pessoas aqueles/aquelas que não têm status social.

Comparando então as expressões no que diz respeito ao gênero, já é possível observar uma diferença entre as expressões construídas com o nome feminino e aquelas construídas com o nome masculino. É possível perceber que as expressões cujo núcleo é *Zé*, o especificador/qualificador remete a uma característica que é própria do indivíduo designado, sem passar por uma relação com o outro. Já para as expressões cujo núcleo é *Maria*, o especificador nunca é uma qualidade ou característica da mulher designada, e sim do homem com a qual ela se relaciona. Em *maria parafina*, por exemplo, *parafina* não se refere à mulher surfista, mas ao homem surfista com o qual essa mulher se relaciona. Assim, o elemento que irá especificar a classe designada é determinado pela relação com o outro, o que nos remete aos memoráveis que são recortados a partir dessas designações, dos quais trataremos mais adiante.

⁹ Temos aqui uma particularidade que merece ser analisada com cuidado em outra oportunidade, como já foi apontado anteriormente. Temos aqui dois nomes próprios, o que pode gerar dúvidas se de fato o nome próprio *Mané* é um especificador, já que pode funcionar de forma independente da base *zé*. Contudo, não desenvolveremos esta questão neste momento, deixando-a em aberto para futuros trabalhos.

Deixamos por último a expressão *maria-vai-com-as-outras* devido à sua especificidade. Inicialmente temos uma estrutura composicional bem diferente em relação às anteriores, já que não é apenas uma palavra que se liga ao nome próprio, mas todo um sintagma verbal. Essa diferença reside no fato de que, ao contrário das outras expressões em que esta segunda posição é ocupada por um nome que caracteriza ou o conjunto de indivíduos designados ou o objeto possuído pelo homem que desperta o interesse das mulheres designadas por elas, em *maria-vai-com-as-outras*, o sintagma verbal que constitui o “segundo”¹⁰ elemento da expressão remonta a uma situação pragmática específica. Podemos dizer que se trata de uma expressão criada a partir de uma derivação delocutiva.

A derivação delocutiva foi introduzida nos estudos linguísticos por Benveniste em seu trabalho “Os verbos delocutivos” (1958), texto que mostrava que alguns verbos da língua são derivados não de um nome (caso dos verbos denominativos), mas de um ato enunciativo. Segundo o autor, a particularidade deste fenômeno está no fato de que neste processo um signo linguístico deriva de uma locução de discurso e não de outro signo linguístico. Sendo assim, os verbos delocutivos guardam em sua base nominal a relação “dizer...” e não “fazer...”, conforme especifica Benveniste.

Ilari (2002), em seu artigo “Encore quelques délocutifs”, expande a questão introduzida por Benveniste e defende que se fale em “derivação delocutiva”, como um processo mais geral, ao invés de se falar simplesmente em “verbos delocutivos”, pois acredita que este processo é capaz de criar novas palavras na língua que não pertencem à classe verbal. Ao longo de seu texto, apresenta diversos casos de expressões delocutivas do português brasileiro, como por exemplo, a unidade lexical pois é para designar o carro Fusca. Trata-se de uma palavra criada a partir uma situação enunciativa frequente em que o proprietário do Fusca ao mesmo tempo em que confirma a posse de um carro depreciado socialmente, lamenta o fato. A partir disso, é possível considerar pois é como um nome, podendo funcionar, por exemplo em: “O único carro da casa é um pois é” (ILARI, 2002).

Guimarães (2008) também trabalha com a questão da delocutividade em seu artigo “Um contra argumento delocutivo: “Fala sério!””. Neste texto, o autor analisa a expressão “Fala sério” sob a perspectiva da Semântica do Acontecimento, mostrando como se configuram as diferentes cenas enunciativas em que pode aparecer esta expressão, além de

¹⁰ Consideramos aqui como o segundo termo todo o sintagma verbal “vai com as outras”, como uma unidade.

mostrar como a partir de uma derivação delocutiva esta expressão se constitui como um contra argumento a algumas enunciações. Assim, mostra como a expressão “Fala sério!” não se origina de uma relação sintática ou composicional de “fala” + “sério”, mas de enunciações anteriores, que são rememoradas ou recortadas no acontecimento enunciativo como razão para se dizer “Fala sério!”.

Da mesma forma, podemos pensar que a expressão *maria-vai-com-as-outras*, remonta a uma situação enunciativa, em que se dizia: “Lá vai a Maria com as outras”. Há inclusive algumas versões acerca da origem da expressão. Uma delas diz que este era o enunciado produzido pelas pessoas ao observar a Rainha Maria I caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro no início do século XIX, sendo acompanhada por suas damas e seguindo suas determinações, devido ao seu estado de saúde mental. Independente desta hipótese ser verdadeira ou não, é certo que o fato da expressão ter em sua segunda posição todo um sintagma verbal que remete a uma ação, nos leva a crer que muito provavelmente ela é fruto de uma derivação delocutiva.

2.2. Descrição do Funcionamento Sintático

Para esta etapa de nosso estudo, utilizamos os enunciados que dão nome às comunidades do site de relacionamentos Orkut, selecionadas para esta pesquisa. A maioria dos nomes dessas comunidades tem estruturas semelhantes, já que elas têm mais ou menos as mesmas finalidades, como podemos ver abaixo de forma esquemática (em que x é a designação genérica):

- 1) Declarar amor ou ódio à pessoa designada pela expressão ou seu comportamento: (Eu) odeio/amo/adoro/curto x;
- 2) Identificar proximidade de uma pessoa com tal comportamento: Eu conheço x, Eu tenho um amigo x, Meu vizinho/irmão/amigo é x, Na minha cidade/rua/bairro tem x,
- 3) Identificar alguém que pode ser caracterizado pelo comportamento descrito na comunidade: Fulano é um x;
- 4) Assumir e defender tal comportamento: Sou x sim e daí?, Eu sou x;

5) Se diferenciar deste comportamento: Sou y e não x, Sou x, mas y;

A partir da recorrência de formas encontradas, faremos uma descrição dessas estruturas como “esquemas enunciativos” para procedermos à análise sintática a partir delas, para que esta não seja exaustiva. Nestes esquemas chamaremos de “x” a designação genérica que nos interessa e de “y” o termo utilizado muitas vezes para se opor a essa designação. Por exemplo, há uma comunidade cujo título é “Sou boleira, não maria-chuteira”, em que boleira se opõe a maria chuteira, teríamos então “Sou y, não x”. Os parênteses indicam que a palavra pode ou não ocorrer, como no primeiro exemplo, em que assumida/entendida pode ou não ocorrer. Assim, encontramos como recorrentes as seguintes estruturas (pode haver pequenas diferenças de acordo com a expressão):

1. (Eu) sou x (assumida/entendida)./Eu não sou (um/a)x.

Exemplos: Sou Maria-chuteira assumida, Eu Sou Maria PaRaFiNA, Eu não sou um “Zé ruela”.

2. Sou y, não x./ Sou de y, mas não sou x.

Exemplos: Sou boleira, não maria-chuteira, Sou da Ralé, mas não sou Zé Mané.

3. Eu conheço um/uma x.

Exemplos: Eu Conheço Uma Maria Gasolina, Eu conheço um zé ninguém.

4. (Eu) odeio/detesto mina/mulher/meninas/gente x. /(Eu) odeio x.

Exemplos: Eu odeio mina maria gasolina!, Eu odeio gente Zé Povinho, Odeio Maria-vai-com-as-outras, Detesto maria gasolina.

5. Sou x e daí?

Exemplos: Sou Maria gasolina e daí?, EU SOU UM ZE NINGUEM, E DAI....

6. Meu bairro/minha rua tem x.

Exemplos: Minha rua só tem Zé Povinho, Meu bairro tem maria gasolina.

7. Eu tenho (um(a)) amigo/amiga/amigos/amigas x.

Exemplos: Eu tenho um amigo Zé ninguém, Eu tenho amigos MARIA GASOLINA.

8. Minha irmã/meu irmão/minha cachorra/minha família/meu patrão é x.

Exemplos: Minha Cachorra é Maria Gasolina, Meu patrão é um zé ruela, Meu Vizinho é Zé Povinho, Minhas vizinhas são ZÉ POVINHO.

9. (Eu) adoro/curto/amo x.

Exemplos: Adoro maria parafina, Eu Curto Maria Chuteira, Amo as maria gasolina.

10. Já “peguei” um(a) x./Já namorei um(a) x.

Exemplos: já peguei uma maria chuteira!, Já namorei um Zé Ruela.

11. Fulano(a) é um(a) x./Fulano x.

Exemplos: A Michelle é uma Zé Ruela, Felipe Zé Graça.

12. Sempre/Todo lugar tem um(a) x.

Exemplos: Sempre tem um Zé Povinho..., Todo lugar tem um zé povinho.

13. Dizem que sou/ me chamam de x.

Exemplos: Dizem que sou Maria Gasolina, Eles me chamam de zé ruela.

14. Y é coisa de/para x.

Exemplos: Brigar por uma mulher é p/ zé mane, Orkut é coisa de zé povinho, Personalidad ã é pa zé mané!!!!.

15. X verbo y.

Exemplos: Zé povinho é o cão, ZÉ RUELA FAZ ZEZISSE, ZE POVINHO MORRE DE INVEJA, Zé mané expõe chave do carro.

Em relação aos enunciados acima listados, podemos fazer algumas observações no que diz respeito ao modo como as formas linguísticas afetam umas às outras, ou seja, como se dão as contigüidades locais nestes enunciados. Iremos analisar então os aspectos que mais nos chamam atenção no que diz respeito aos processos de articulação presentes nestes títulos.

Em primeiro lugar, se mostra relevante o fato de que em algumas comunidades há uma tentativa de se construir uma identidade que não se aplica à designação genérica. Por exemplo, em “Sou y, não x”, temos que a forma negativa “não” incide sobre a designação genérica, produzindo uma oposição entre “ser y” e “ser x”. Neste caso, “sou boleira, não maria chuteira”, temos que o “não” reforça a orientação argumentativa do enunciado, reafirma que ser boleira e ser maria chuteira são coisas diferentes. Da mesma forma o enunciado “Sou da ralé, mas não sou zé mané”, em que a conjunção “mas” incide sobre o enunciado anterior, invertendo a orientação argumentativa. Assim, através da articulação da

conjunção que marca oposição e da forma negativa "não", observamos como se produz nestes enunciados uma não-identificação com a classe nomeada pela designação genérica, em que boleira é marcado como diferente de maria chuteira, assim como “ser da ralé” é diferente de “ser zé mané”.

Há também o movimento inverso em que há identificação com a classe nomeada pela designação genérica, sendo reforçada e assumida, como é o caso dos enunciados “Sou Maria-chuteira assumida” e “Sou Maria gasolina e daí?”, em que a forma “assumida” e a expressão "e daí?" incidem sobre a designação genérica, de modo a produzir um reforço argumentativo sobre o ato de assumir ser alguém que faz parte da classe designada. Podemos dizer ainda que alguns dos títulos se articulam a partir de uma relação por dependência, como é o caso de Felipe zé graça, amigo zé ninguém, mulher maria gasolina, gente zé povinho, etc., que se constituem como um único elemento.

Após identificarmos as estruturas mais frequentes em que aparecem essas expressões, podemos proceder à nossa análise a partir das funções sintáticas que estas expressões desempenham no enunciado, também a partir de esquemas formativos por nós estabelecidos:

1) Sujeito

X é y.

X faz y.

2) Predicativo do sujeito

Eu sou x (assumida/entendida)./Eu não sou x.

Sou y, não x./Sou de y, mas não sou x

Sou x e daí?

Fulano(a) é um(a) x./Fulano x (com verbo de ligação implícito).

Minha irmã/meu irmão/minha cachorra/minha família/meu patrão é x.

3) Adjunto adnominal

(Eu) odeio/detesta mina/mulher/meninas/gente x.

Eu tenho (uma) amiga/amigos/amigas x.

4) Objeto direto

Eu conheço um/uma **x**.

Eu odeio **x**.

Meu bairro/minha rua/minha cidade tem **x**.

(Eu) adoro/curto/amo **x**.

Já peguei um(a) **x**. / Já namorei um(a) **x**.

Além das estruturas acima, encontramos também essas expressões com função de vocativo, como aparece a seguir:

5) Vocativo

Para você não estou/ Tira o olho/ Sai do meu pé/ Cuida da sua vida **x**.

Exemplos: TIRA O OLHO MARIA GASOLINA, Sai do meu pé... ZÉ MANÉ!!!!.

A partir da observação do funcionamento sintático dessas expressões, podemos dizer que estas podem ser classificadas como expressões nominais que construídas a partir de um nome próprio + nome comum/pronome/nome próprio/sintagma verbal, designam um conjunto de indivíduos a partir de seu comportamento social. Elas podem desempenhar, como vimos, as seguintes funções sintáticas: sujeito, predicativo do sujeito, adjunto, objeto direto e vocativo.

Entretanto, chama-nos a atenção o fato de que essas expressões parecem não se flexionar nem em número, nem em gênero, além de poderem funcionar tanto para homens quanto para mulheres em alguns casos, independente do gênero do nome próprio que compõe a expressão. É o caso, por exemplo, do título A Michelle é uma Zé Ruela, em que o nome próprio e o artigo que constituem o sujeito do enunciado estão no gênero feminino, mas a expressão é constituída pelo nome próprio masculino. O mesmo acontece no título Minhas vizinhas são ZÉ POVINHO, em que além da questão do gênero observa-se a ausência de concordância de número. Também ocorre com a expressão construída a partir de nome próprio feminino, como no título Eu tenho amigos MARIA GASOLINA, em que podemos observar estes dois aspectos: apesar do sujeito ser masculino plural a expressão é construída com o nome feminino e está no singular.

Dessa forma, percebemos que as designações genéricas construídas a partir de nome próprio parecem não seguir as regras de concordância da língua, podendo ser empregadas como formas “fixas”, no sentido de não serem flexionadas. Inicialmente havíamos postulado se tratar de formas fixas, porém, a partir da leitura do trabalho de Lodovici (2007), acreditamos ser complicado fazer tal afirmação. A autora após um longo percurso sobre os estudos acerca das expressões idiomáticas, afirma que não podemos considerá-las fixas, visto que podem ter seus sentidos deslocados, ou mesmo serem recompostas morfossintaticamente. Lembra que o fato de serem dizeres estabilizados não significa que necessariamente sejam fixos, podendo assumir novos sentidos e composições ao serem atualizados na cena idiomática.

Do mesmo modo, ainda que tenhamos encontrado certa regularidade no modo como as designações genéricas eponímicas se articulam às outras formas no enunciado, principalmente no que diz respeito à ausência de flexão em gênero e número, não podemos afirmar que se trata de expressões fixas. Podemos apenas apontar a tendência de que o gênero do nome próprio que compõe a expressão não necessariamente irá concordar com o gênero do sujeito, o que nos permite dizer que o gênero gramatical do nome não é determinativo em relação aos sujeitos que a expressão genérica irá designar.

Contudo, como veremos na análise semântica, expressões como *maria gasolina* são usadas na grande maioria dos casos (foi encontrada apenas esta ocorrência do exemplo acima) para designar mulheres. A falta de concordância de gênero nos faz pensar que a diferença de uso dessas expressões para designar homens ou mulheres não é determinada pela estrutura ou gramática da língua, mas por fatores externos a ela como veremos no capítulo seguinte. Em relação à falta de concordância de número, podemos pensar que ela se enquadra em um processo mais amplo do português brasileiro de, geralmente, suprimir a concordância de plural na produção oral.

2.3. Como Classificar as Designações Genéricas?

Como pudemos observar a partir da análise sintática dos enunciados em que aparecem as designações genéricas estas caracterizam-se por ser um nome que designa um conjunto de indivíduos que partilham de determinada característica. Em relação aos

aspectos morfológicos dessas expressões, foi possível perceber certa variedade na posição de termo especificador na qual um elemento se liga ao nome próprio, sendo que este permanece estável (termo genérico).

Dessa forma, parece-nos que as designações genéricas produzidas a partir de nomes próprios funcionam da seguinte maneira: o nome próprio seja ele Maria ou Zé, funciona como uma base fixa à qual podem se ligar elementos de diversas naturezas (como vimos: nome comum, pronome indefinido, nome próprio e sintagma verbal). Por isso, propomos a seguinte fórmula: **nome próprio-x**, na qual o nome próprio ocupa a posição de termo genérico e x ocupa a posição do termo específico, podendo ser qualquer um dos elementos elencados acima ou quaisquer outros que possam surgir.

Em relação à grafia, pudemos perceber nos dados analisados que há certa confusão em como representar graficamente as designações genéricas, podendo aparecer com o nome próprio em letra maiúscula, os dois elementos em maiúscula ou os dois em minúscula. Também no Dicionário inFormal, foi possível observar que muitas vezes as definições trazem a classificação gramatical da expressão e em todas elas essas expressões são classificadas como nome próprio. Isso nos leva a pensar que, para o falante, a existência de um nome próprio na expressão se mostra mais relevante do que a função que ela cumpre no enunciado que, como já mostramos, não é mais a de particularizar uma referência, mas de designar um conjunto de indivíduos. Outro problema em relação à grafia é se as palavras que compõem a expressão devem ou não ser ligadas por hífen.

Capítulo 3 - Análise Semântica das Expressões a partir de seu DSD

3.1. Especificidade do Corpus: Orkut

Desde o início de nossa pesquisa, julgamos importante trabalhar com materiais nos quais ocorressem com frequência as designações genéricas produzidas a partir de nomes próprios, pois neles poderíamos encontrar com maior facilidade não só as possibilidades de formação dessas expressões, mas também os sentidos que as constituem. Pelo seu caráter de informalidade, seria bastante difícil encontrar essa produção em documentos formais, apesar de uma pequena parte dela já ser dicionarizada (caso de *maria-vai-com-as-outras* e *zé-ninguém*).

Por isso, elegemos como primeiro material de análise as comunidades que tratam do comportamento ou status social designado por essas expressões presentes no site de relacionamentos Orkut. Há uma quantidade muito grande delas em que se discute tais comportamentos, seja para declarar amor ou ódio, seja para se identificar ou se diferenciar em relação a eles, caracterizar alguém próximo, etc. Este material também nos permite encontrar definições espontâneas sobre essas designações nos textos que descrevem as comunidades. Assim, selecionamos dez comunidades para a análise, conforme descrito na seção 1.3. Constituição do corpus e metodologia.

Em texto que trata do discurso sobre a língua nas redes digitais, Dias (2011) define o Orkut como uma “rede de sujeitos interconectados, na qual o conhecimento de cada um é estruturado/representado em comunidades on-line” (DIAS, 2011, p. 2). Para a autora, essas comunidades marcam o modo como os sujeitos se inscrevem em determinados campos de saber e de interesses. É através da participação nessas comunidades que o sujeito constitui sua identidade, pois ao participar de determinada comunidade o sujeito se filia a determinados sentidos e não outros.

Em relação ao modo como se estrutura este espaço de interação, Dias (no prelo), agora em outro texto, trata um pouco do modo como se estrutura o perfil do usuário do Orkut. A autora mostra que a entrada do sujeito nesta rede passa pela questão “Quem sou eu?”, pondo em destaque assim a questão da origem desse usuário, do que caracteriza o ser. Assim, a autora afirma que a pergunta acima constitui um convite para que o sujeito fale de

si, para que fale daquilo que o constitui e o identifica, criando assim “um lugar de enunciação de si, de busca pelo sentido de sua existência, o seu lugar na história” (DIAS, no prelo). Essa entrada do sujeito na rede é motivada pela relação com o outro, ou seja, pela alteridade. Segundo a autora, não há subjetividade sem alteridade, logo é neste movimento, nesta relação com o outro que o sujeito se subjetiva e constrói sua identidade. Essa subjetivação se assenta na identificação com o outro, a partir da filiação a diferentes regiões do interdiscurso.

Como dissemos acima, observamos dois movimentos de identificação bastante recorrentes em relação às comunidades que analisamos. Há comunidades em que o sujeito se identifica com o grupo nomeado pela designação genérica, como na comunidade “Soh pra quem é Maria parafina” e outras em que a identificação se dá fora deste grupo, para marcar que o sujeito não se identifica com o comportamento designado, como em “Eu ODEIO Maria-Tatame!”, em que o sujeito se identifica com o outro não por ser maria tatame, mas por odiar o grupo que é assim nomeado. Veremos esta questão com mais detalhe ao final do trabalho, após construir a análise da cena enunciativa.

Outra particularidade deste corpus é a contribuição da imagem que constrói o perfil da comunidade. Toda comunidade tem um espaço no canto esquerdo superior da página para inserir uma imagem que a descreva. Entendemos que, ainda que não faça parte de nosso objeto de pesquisa, a imagem contribui significativamente para a construção do sentido atribuído a essas expressões. Apresentamos abaixo dois exemplos¹¹:

¹¹ A imagem aparece recortada não mostrando assim o canto direito no qual aparecem as pessoas que fazem parte da comunidade. Fizemos o recorte justamente para preservar a identidade dos participantes.



Figura 1. Página da comunidade “Eu ODEIO Maria Chuteira!!!”. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 09/11/2011.



Figura 2. Página da comunidade “Eu conheço um “Zé Mané””. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 09/11/2011.

Observamos nas imagens acima, primeiro o uso da imagem de uma mulher loira beijando um homem vestido com um uniforme de jogador de futebol, que seria então um “exemplo” de maria chuteira. Devemos observar um detalhe: a mulher não é morena, nem negra, mas loira, o que faz bastante diferença se lembrarmos que existe um imaginário de que a mulher loira seria mais “liberal”, tendo sua imagem frequentemente ligada à imagem

da mulher que não merece respeito ou da “vagabunda”. Este imaginário é reforçado inclusive por mulheres, em uma espécie de conflito que se estabelece diante de uma suposta preferência dos homens pelas mulheres loiras.

Na imagem seguinte, vemos a foto do personagem Mr. Bean que se caracteriza por ser atrapalhado e ter atitudes consideradas “tolas” ou “idiotas”, apresentado assim como uma espécie de “exemplo” de zé mané. Além dessas imagens, encontramos também o uso de imagens de carros ou de mulheres seminuas em frente a um carro ou moto nas comunidades que falam de maria gasolina, ou ainda fotos de palhaços ou pessoas com nariz de palhaço nas comunidades que falam do zé graça. A partir desses exemplos, podemos observar como a imagem contribui para a construção do sentido que constitui as designações genéricas.

3.2. Especificidades do Corpus: Dicionário

Outro material que se mostrou bastante produtivo para nosso trabalho foi o enunciado definidor, pois visto que nosso objeto de estudo constitui parte do léxico da língua, o dicionário se mostra como o lugar por excelência para a produção de suas definições. Podemos fazer tal afirmação a partir do que ressalta Horta Nunes (2006a) ao dizer que o dicionário é visto socialmente como objeto de consulta e obra de referência, sendo este imaginário sustentado pelo acúmulo e repetição que se dá entre as atualizações das diferentes edições ao longo do tempo. Porém, pelo fato de as expressões que selecionamos serem usadas majoritariamente na linguagem coloquial e não serem dicionarizadas¹², precisamos utilizar outro tipo de dicionário que não aquele institucional monolíngue.¹³

Assim, escolhemos como material de análise um dicionário de gírias produzido por um profissional da linguagem e um dicionário colaborativo produzido por usuários de internet, conforme citamos na seção 1.3. Constituição do corpus e metodologia. Nos propusemos a trabalhar com dois dicionários bem distintos entre si, pois julgamos relevante

¹² Exceto as expressões maria-vai-com-as-outras e zé ninguém que aparecem no Dicionário de Usos do Português e no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

¹³ Entendemos aqui por dicionário institucional monolíngüe, o dicionário que é definido por Auroux (1992, p.65), citado por Elias de Oliveira (2006, p.18) como tecnologia de gramatização, como um instrumento normativo de regulação e descrição da língua.

observar as diferenças entre a produção de definições de um profissional da linguagem, que estaria assim mais ligada à tradição lexicográfica, e a produção de definições espontâneas por sujeitos que não trabalham sobre a linguagem diretamente. Além disso, acreditamos que as diferenças entre os dois materiais podem contribuir para a descrição da cena enunciativa nestes diferentes espaços definidores.

Antes de falarmos sobre o que nos mostraram os dados, nos deteremos um pouco sobre algumas questões que caracterizam o fazer lexicográfico, bem como a estrutura dos enunciados definidores. Em relação à primeira questão devemos dizer que partilhamos da perspectiva discursiva que considera o dicionário enquanto um instrumento que é produzido por alguém, sob determinadas condições históricas, constituindo assim um espaço de produção de sentido por sujeitos e para sujeitos (HORTA NUNES, 2006b, p. 161). Toma-se assim o dicionário como discurso, questionando assim a evidência de sentidos, evidência esta que é fruto deste imaginário do dicionário enquanto o lugar do saber inquestionável.

Em relação ao modo como se estrutura o dicionário, ou melhor, o enunciado definidor, Horta Nunes (2006a) nos mostra que a definição de acordo com a concepção clássica (Antiguidade) é sempre estruturada por uma combinação de um elemento genérico com uma determinação específica, iniciada por um nome-cabeça, que geralmente é uma palavra hiperônima. Além disso, a definição pode trazer também marcações, como por exemplo, a marcação de regionalismos e de categorias gramaticais, muito comum nos dicionários monolíngues. Vejamos como exemplo a definição abaixo:

maria-vai-com-as-outras Nf (Coloq) pessoa sem personalidade, que se deixa levar pelos outros: os rosés são uma espécie de maria-vai-com-as-outras da bebida (CF) (DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL, 2002, p. 1005).

Vemos nesta definição que *maria-vai-com-as-outras* é a palavra-entrada, seguida da marcação de classe gramatical (Nf – nome feminino), da marcação Coloq que indica ser a palavra típica ou restrita ao uso coloquial e em seguida a definição. Esta é iniciada por um hiperônimo (pessoa) que constitui o elemento genérico combinado aos dois sintagmas seguintes que especificam de que tipo de pessoa que se trata sem personalidade e que se deixa levar pelos outros. O verbete normalmente traz um enunciado que exemplifica como

a palavra definida é utilizada, conforme aparece no nosso exemplo, em que CF indica a sua origem (Chão de ferro, NAVA, P. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.).

Pelo fato de nossos dois dicionários não serem produzidos a partir deste modo tradicional, não necessariamente todos os enunciados definidores que aparecem em nosso corpus apresentam essa estrutura de forma completa e aí tivemos uma surpresa. Esperávamos que o dicionário colaborativo não tivesse o mesmo rigor que os dicionários lexicográficos. Entretanto, vemos que a estrutura dos verbetes segue exatamente a estrutura canônica, conforme descrevemos acima. Ela é formada pela palavra-entrada, a classificação gramatical, sinônimos, antônimos, palavras relacionadas (que remetem a outros verbetes), a definição (que na maioria das vezes segue a estrutura da qual falamos) e o exemplo. Por ser colaborativo, traz também o nome de quem produziu a definição, o estado em que mora e a data, conforme veremos na seção de análise dos dados.

Ainda que a estrutura entre os dois dicionários seja bastante similar, conseguimos perceber algumas diferenças, principalmente nas escolhas lexicais para produzir as definições. Enquanto o Dicionário de Gírias define *maria gasolina* como “mulher que namora motorista ou garoto que tem carro importado ou muito bonito”, o Dicionário inFormal a define como “Mulher interesseira que só fica com homens que tem carro”. A partir deste exemplo, podemos perceber que o primeiro dicionário procura modalizar a relação entre a mulher designada pela expressão *maria gasolina* e o homem com o qual ela se relaciona, através do uso do verbo “namorar”, que define uma relação baseada em sentimentos como afeto ou amor. Já o segundo além de utilizar o verbo “ficar” que define uma relação descomprometida, que não necessariamente se baseia em afetividade, utiliza o adjetivo “interesseira”, julgando assim o comportamento descrito na definição, além de restringir o grupo de homens com o qual esta mulher sai através do advérbio “só”.

Dessa forma, vemos que o verbete do Dicionário de Gírias procura ser o mais neutro possível, sem demonstrar juízos de valores, enquanto o Dicionário inFormal não demonstra a mesma preocupação. Isso se dá pelo fato de que os dois dicionários são produzidos a partir de lugares sociais distintos, como veremos na análise da cena enunciativa no capítulo 5. Por ora, podemos dizer que o primeiro se sustenta no não-lugar enunciativo da ciência, caracterizado pela neutralidade e objetividade, já que é produzido por um lexicógrafo ou um cientista da linguagem que, em princípio, tem autoridade para descrever a língua. Já o

segundo é produzido não a partir do lugar do saber científico, mas do lugar do saber linguístico, partilhado pelos falantes de uma língua em um dado espaço de enunciação.

Isto nos leva a uma outra questão levantada pelos estudiosos que trabalham com dicionários: o fato de que, por mais que o dicionário se sustente no imaginário de neutralidade e objetividade ele se mostra na verdade como uma imagem da sociedade que procura descrever. Assim, para além das questões estruturais, nos propomos também a estudar os verbetes dos dois dicionários considerando-os como textos que produzem e fazem circular determinados discursos sobre fatos e relações sociais, tal como concebido por Horta Nunes (2006a).

Dessa forma, aliado à análise do DSD que se estabelece nas definições, faremos também um estudo sobre as diferenças sintático-enunciativas que constituem estes enunciados definidores, a fim de perceber como a sintaxe e a escolha lexical nos revelam os memoráveis recortados pelas designações genéricas que estudamos aqui. Uma de nossas hipóteses é que encontraremos diferenças no modo de definir as expressões construídas com o nome Maria em relação às expressões com o nome Zé, deflagrando aí algumas distinções de gênero. Essas distinções podem ser percebidas no verbete lexicográfico, pois o dicionário se mostra como um indicador das relações e práticas sociais, conforme afirma Horta Nunes:

Além de projetar um público leitor, vemos se esboçar nos verbetes um cenário das práticas sociais onde os sujeitos se encontram inseridos. Isto fica bastante explícito na análise dos exemplos, mas também nas definições. Como veremos mais adiante, as formas sintático-enunciativas das definições dizem algo a respeito dos sujeitos que a habitam ou não e de que modo, ou seja, é toda uma forma de dizer a sociedade que é construída nos enunciados lexicográficos. (HORTA NUNES, 2006a, p. 24)

3.3. Análise dos Dados

3.3.1. Análise das Designações Construídas a partir do Nome Próprio Maria

Passemos então à análise da reescritura dessas expressões nos textos que descrevem as comunidades do Orkut e nas definições produzidas pelo Dicionário InFormal e pelo Dicionário de Gírias, através da constituição de seu Domínio Semântico de Determinação (DSD). Começemos pela expressão maria gasolina:

Odeio Maria gasolina!

Odeio Maria gasolina, para as pessoas que sabe que mulher da muito mais moral para quem tem carro, algumas só fica com quem tem carro, isso é horrível, tudo interesseira, são poucas as que não são assim. Por isso odeio Maria gasolina. Odeio maria gasolina. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 14/02/2011)

Neste texto que descreve a comunidade, a expressão maria gasolina que aparece inicialmente no título é reescrita por expansão/desenvolvimento em “mulher da muito mais moral para quem tem carro” e em seguida por especificação “algumas só fica com quem tem carro”. Depois o pronome “isso” reescreve por condensação o comportamento descrito acima, ou seja, sair com alguém só porque esse alguém tem carro, classificando este comportamento como “horrível”. Depois maria gasolina é reescrita por totalização em “tudo interesseira”.

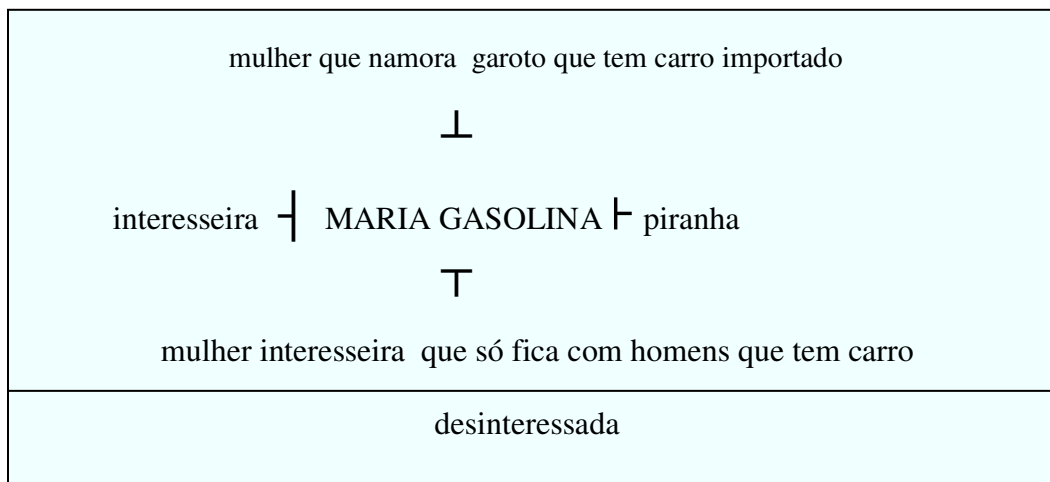
Vemos também que “mulheres” é reescrita por elipse em “são poucas as que não são assim” e “assim” reescreve “interesseira” por condensação. Por fim, a expressão é reescrita por repetição duas vezes em “Por isso odeio Maria gasolina” e depois em “Odeio maria gasolina”. Aqui podemos ver como há certa confusão para definir a grafia dessa expressão, pois em um mesmo enunciado ora aparece com o nome próprio em letra maiúscula, ora com as duas palavras em letra minúscula. Vejamos agora a definição do Dicionário de Gírias:

maria gasolina mulher que namora motorista ou garoto que tem carro importado ou muito bonito. “A piranha é uma tremenda maria gasolina”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 474)

Aqui temos que maria gasolina é reescrita por definição/expansão em “mulher que namora motorista ou garoto que tem carro importado ou muito bonito”. Percebemos aqui certa modalização para se definir o comportamento da mulher designada por essa expressão no corpo da definição, modalização esta típica do verbete lexicográfico tradicional. Entretanto, no exemplo dado pelo verbete, vemos claramente o memorável que esta expressão recorta, visto que maria gasolina é reescrita por substituição por “a piranha” - expressão utilizada para designar mulheres que têm um comportamento sexual “mais liberal” - e depois por repetição “maria gasolina”. Vejamos a diferença em relação ao Dicionário inFormal:

maria-gasolina: Sinônimos: interesseira. Antônimos: desinteressada. Palavras relacionadas: maria, maria-vai-com-as-outras, maria-maçaneta. Mulher interesseira que só fica com homens que tem carro. – Com esse carro novo que eu comprei eu vou pegar todas as maria-gasolina da faculdade. Enviado por Dicionário inFormal (SP) em 18-10-2006. (DICIONÁRIO INFORMAL¹⁴. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 24/09/2010).

Neste dicionário aparecem dois verbetes, logo duas definições para a expressão, diferenciando-se pela grafia: em uma delas maria gasolina é escrita de forma separada e na outra (a que trazemos aqui) é ligada por hífen. Como as diferenças entre as duas definições não são relevantes, selecionamos apenas a segunda definição, que nos pareceu mais completa. Nela, temos que maria-gasolina é reescrita por sinonímia “interesseira” e por antonímia “desinteressada”. É também reescrita por substituição “maria”, “maria-vai-com-as-outras” e “maria-maçaneta”. A expressão é reescrita ainda por definição em “mulher interesseira que só fica com homens que tem carro”, e por repetição no exemplo dado na definição “as maria-gasolina” ou ainda por totalização se recortarmos o sintagma inteiro “todas as maria-gasolina”. Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para maria gasolina:



Assim, temos neste DSD que maria gasolina é determinada por mulher que namora garoto que tem carro importado, por mulher interesseira que só fica com homens que tem carro (que é também uma reescritura por especificação de interesseira) e por piranha, além

¹⁴ Há casos (como este) em que a definição é produzida por quem regula o site, aparecendo então o nome do site, ao invés do nome do internauta e sua origem geográfica.

de se opor a desinteressada. Através deste DSD, podemos perceber que na medida em que a definição reescreve a expressão maria gasolina ela produz novos sentidos sobre aquilo que seria o mesmo. Vemos também que os enunciados acima recortam o memorável da mulher interesseira, que vive de dar o “golpe do baú” nos homens, que só se relaciona com eles e precisa deles para ter ascensão social, etc. Com a expressão maria chuteira podemos perceber que o mesmo memorável é recortado:

Eu ODEIO Maria Chuteira!!!

Se você tem nojo dessas alpinistas sociais de quinta categoria que só se esfregam nos jogadores pra poderem sair na capa da Sexy e dizer que são "Modelo e Atriz", aqui é o lugar certo para destruir essas vagabundas interesseiras!!! (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 25/09/2010).

Neste texto, retirado de uma das comunidades em que se declara e alimenta o ódio às mulheres consideradas maria chuteira, temos que a expressão que aparece inicialmente no título é reescrita por expansão/desenvolvimento por “(d)essas alpinistas sociais de quinta categoria” que, por sua vez, é reescrita por especificação por “que se esfregam nos jogadores pra poderem sair na capa da Sexy e dizer que são "Modelo e Atriz"”. A expressão é retomada por generalização em “essas vagabundas interesseiras”, que retoma as características da maria chuteira. Vejamos como aparece reescrita a expressão nos dois dicionários:

maria chuteira mulher que namora jogador de futebol. “A maria chuteira vive correndo atrás dos jogadores de futebol nos vestiários”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p.474)

maria chuteira: Classificação morfossintática: [maria chuteira] substantivo próprio fem singular. Sinônimos: _____. Antônimos: certinha, santa. Palavras relacionadas: maria gasolina, perva, judas. Mulher que gosta somente de jogador de futebol "A modelo francesa que namorava o Ronaldinho Gaúcho...a mina é muito gata e cheia de dinheiro você acha mesmo que ela queria o cara por que ele é bonito?...claro que não queria status aparecer na mídia....depois terminou pois disse que ele tava gordo demais e ela não namorava gordo...pra cima de mim...". Enviado por M. (TO) em 16-04-2007. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011.)

No Dicionário de Gírias temos que maria chuteira é reescrita por definição em “mulher que namora jogador de futebol” e por repetição no exemplo que aparece no

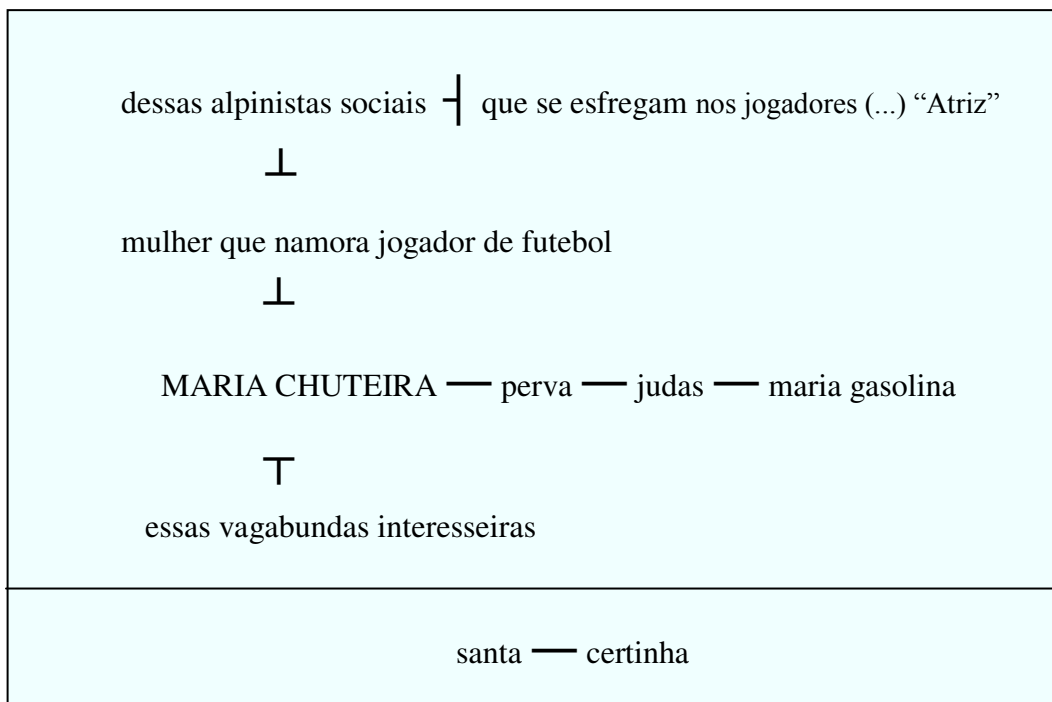
verbetes “maria chuteira”, sendo também o exemplo uma expansão de maria chuteira. Já no Dicionário InFormal temos que maria chuteira é reescrita por antonímia em “certinha, santa” e por substituição em “maria gasolina, perva, judas”. Na reescritura por substituição, podemos perceber que maria gasolina e maria chuteira podem se substituir, pois as duas expressões designam mulheres interesseiras, e a substituição por judas (outro epônimo), recorta o memorável da mulher traidora, adúltera, já que Judas é o maior símbolo de traição na tradição cristã.

Em seguida, a expressão é reescrita por definição em “mulher que gosta de jogador de futebol” e por expansão/especificação ao citar um caso específico de uma “mulher maria chuteira” no exemplo do verbete em “a modelo francesa que namorava o Ronaldinho Gaúcho” que é reescrita por condensação em “a mina”, por substituição em “ela queria o cara por que ele é bonito?”, por elipse em “queria status” e “depois terminou” e por substituição novamente em “ela não namorava gordo...”.

Comparando os dois dicionários, podemos notar que, ainda que ambos procurem manter uma linguagem “neutra” no enunciado definidor os preconceitos e juízos de valor resvalam em outros espaços do verbete. É o que observamos no verbete do Dicionário de Gírias em que apesar da definição ser um pouco mais “sutil”, aparece a palavra piranha como substituta de maria gasolina. Já o Dicionário inFormal traz a partir da construção da antonímia, todo um memorável que opõe a mulher certinha à mulher pervertida (perva). Este memorável também aparece na antonímia santa versus judas, que remete ao discurso religioso, mais especificamente à fidelidade do homem ou mulher a Deus ou Jesus, visto que Judas recorta o memorável da traição, como mencionamos acima.

Outra diferença que o Dicionário inFormal traz em relação ao Dicionário de Gírias é que o exemplo é construído a partir de uma enunciação que podemos, ainda que de forma imprecisa, localizar no tempo, pois faz referência a uma pessoa real (Ronaldinho Gaúcho). Neste caso, sabemos que, por se tratar do jogador, foi uma enunciação bastante frequente à época em que Ronaldinho estava no auge, muito provavelmente. Já o Dicionário de Gírias traz no exemplo uma enunciação que não traz qualquer referência a uma pessoa específica.

Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão maria chuteira:



No DSD acima temos que maria chuteira é determinada por mulher que namora jogador de futebol, sendo que esta é determinada por dessas alpinistas sociais que, por sua vez, determina que se esfregam nos jogadores(...). Maria chuteira é também determinada por essas vagabundas interesseiras, além de ser sinônima de perva, judas e maria gasolina e se opor a santa e certinha.

Podemos dizer a partir deste DSD que mais uma vez está recortado o memorável da mulher interesseira que usa o homem como único meio de ascensão social. A reescrituração por generalização em essas vagabundas interesseiras produz um novo sentido sobre maria chuteira, pois faz uma crítica ao comportamento dessas mulheres ao chamá-las de “vagabundas”. Continuando nossa análise, trataremos agora da expressão maria tatame, que aparece apenas no Orkut e no Dicionário de Gírias:

Eu ODEIO Maria-Tatame!

Comunidade para quem também acha que lugar de Maria-Tatame é fora do dojo!!! Porque Maria-Tatame só é bom para os homens se divertirem e, para nós, lutadoras de verdade, finalizarmos! (ORKUT. Disponível em www.orkut.com.br. Acesso em 30/03/2011)

No texto que descreve a comunidade do Orkut, temos que maria tatame é reescrita duas vezes por repetição e por definição em “só é bom para os homens se divertirem” e também em “para nós, lutadoras de verdade, finalizarmos”. Também podemos dizer que é reescrita por antonímia em “nós, lutadoras de verdade”. Esta última reescritura nos remonta a um aspecto bastante interessante que caracteriza a cena enunciativa na qual se inscreve este texto.

Ao contrário de outras comunidades em que o locutor-x parece ser uma vítima da maria gasolina ou maria chuteira, sendo portanto um homem que foi “usado” por essas mulheres, temos neste caso um locutor-lutadora de jiu-jitsu que, para não ser confundida com as mulheres nomeadas como maria tatame, procura estabelecer uma distinção entre estes dois grupos. E estabelece essa distinção trazendo para a cena o memorável de que há “mulheres feitas para casar” (ou “moças de família”) e há “mulheres feitas para o homem apenas se divertir” (ou “mulheres da vida”). Veremos este aspecto de forma mais detalhada na seção em que analisamos a cena enunciativa desses enunciados. Continuando nossa análise, vejamos a seguir como a expressão aparece no Dicionário de Gírias:

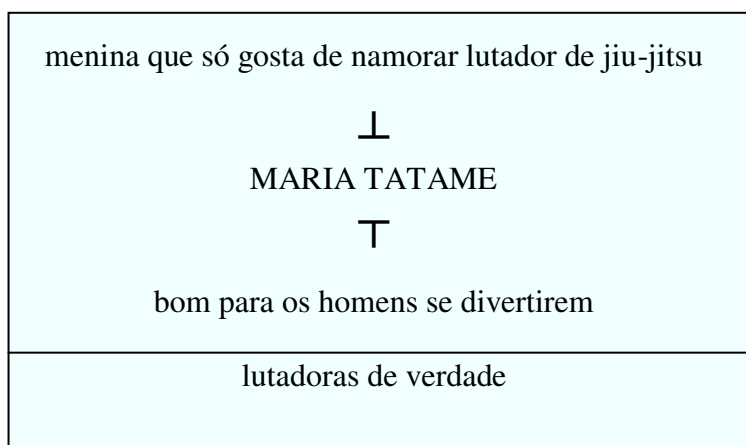
maria tatame (1997) menina que só gosta de namorar garotos que fazem jiu-jitsu. “A Maria tatame tá caçando um lutador qualquer para amarrar sua égua”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 475)

Neste verbete, observamos que a expressão maria tatame é reescrita por definição em “menina que só gosta de namorar garotos que fazem jiu-jitsu” e por repetição no exemplo que aparece na definição. É importante observarmos algumas diferenças em relação às definições anteriores. A primeira delas é o fato de que este verbete traz uma data que, supostamente, marcaria o ano em que a expressão começou a ser usada. Outra diferença relevante para nosso trabalho é o fato de que, nesta definição, maria tatame é reescrita como “menina” e não como “mulher”, como acontece nas definições anteriores, assim como o lutador está descrito como “garoto” e não como “homem”. Isto nos faz pensar que o memorável recortado aqui funcionaria em relação às mulheres mais jovens ou adolescentes e não às mulheres como um todo, marcando a expressão como uma “gíria” de um grupo específico.

Por fim, observamos como se constrói o sentido da designação maria tatame no exemplo que aparece no verbete. Inicialmente observamos o uso do verbo “caçar” que

recorta o memorável da mulher que sai à procura de um homem, neste caso, de um lutador de jiu-jitsu, marcando assim uma espécie de “má intenção” ou de uma “ação premeditada”, planejada, como é o ato de caçar.

Em seguida, aparece no texto o motivo pelo qual essa mulher ou menina “vai à caça”: amarrar sua égua. Este enunciado pode funcionar no sentido de que ela irá se envolver com o lutador, sendo o verbo “amarrar” equivalente a “se envolver” ou pode remontar ainda ao dito popular “amarrar o burro na sombra”, cujo sentido é viver de modo tranqüilo, sem precisar trabalhar. Vemos assim que, ao trazer um dizer já dito e repetido em diferentes cenas, sustenta-se o memorável de que se a mulher encontrar o lutador de jiu-jitsu não precisará mais trabalhar, pois será sustentada por ele. A partir disso, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão:



No DSD acima, observamos que a expressão maria tatame é determinada de um lado por menina que só gosta de namorar lutador de jiu-jitsu e por outro lado por bom para os homens se divertirem, além de se opor a lutadoras de verdade. Passemos então à nossa próxima expressão com a comunidade dedicada às mulheres designadas pela expressão maria parafina:

Soh pra quem é Maria parafina

Essa comu é para todas aquelas q se consideram As "Marias parafinas" ou melhor (gostam de surfistas) ou q jah beijaram.. namoraram.. ou estaum ah procura de um.. se vc se considera uma.. Entre nessa comu.. bjs.. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 10/04/2011)

Neste texto que descreve a comunidade temos que *maria parafina* é reescrita por repetição “as Marias parafinas” e depois por definição em “todas aquelas que (...) gostam de surfistas” e em “ou q jah beijaram...namoram... ou estão ah procura de um...”. Por fim é reescrita por elipse em “se vc se considera uma”. Essa comunidade também nos traz outra novidade. O locutor fala do mesmo lugar social ao qual pertence o alocutário, neste caso, do lugar social de *maria parafina*, ao contrário das comunidades, em que o Locutor falava de um lugar social diferente do lugar social ao qual pertencem os indivíduos nomeados pela designação genérica. Veremos essa questão com mais detalhes na seção de análise da cena enunciativa. Vejamos agora como a expressão aparece nos dicionários:

maria parafina entre surfistas, mulher que namora surfista famoso. “A maria parafina tá na praia e quer se arrumar.” (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 474)

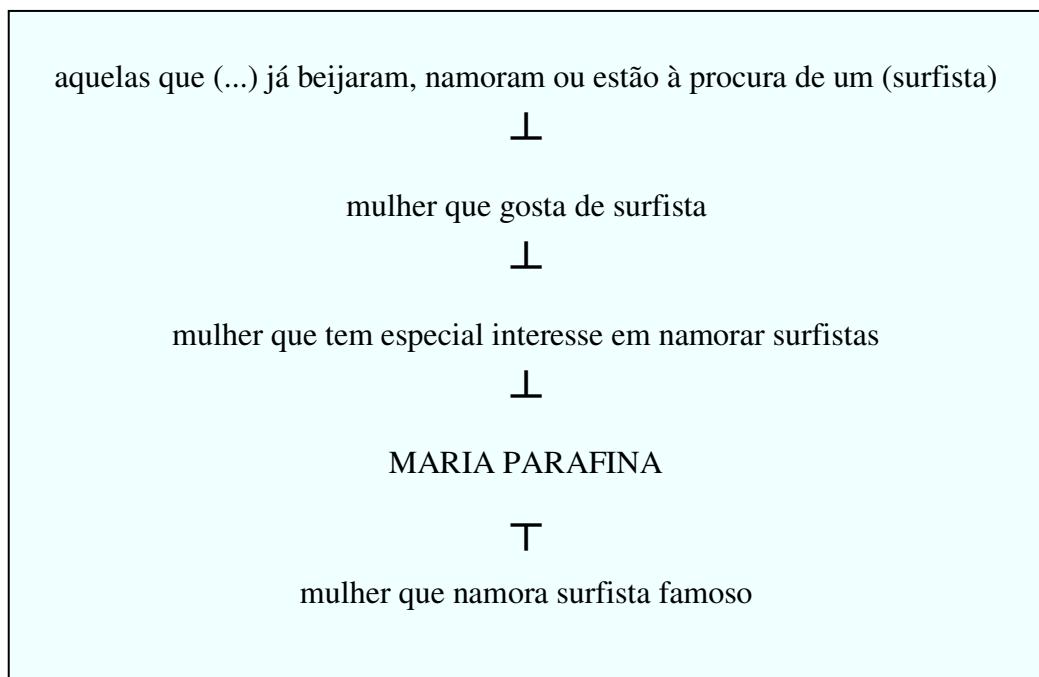
Neste verbete temos inicialmente uma restrição do uso da designação em “entre surfistas”, restringindo assim a comunidade ou o meio social em que a expressão é usada. Em seguida *maria parafina* é reescrita por definição em “mulher que namora surfista famoso” e depois por repetição no exemplo trazido pelo verbete “*maria parafina*”, sendo o próprio exemplo uma reescritura por desenvolvimento da definição.

Podemos perceber um acréscimo ao sentido da expressão, pois na comunidade do Orkut *maria parafina* designa apenas mulheres que gostam de surfistas, já na definição do Dicionário de Gírias, não basta que o homem que representa a possibilidade de ascensão social da *maria parafina* seja um surfista, ele deve ser um surfista de destaque, um surfista famoso, trazendo assim para a cena mais uma vez o memorável da “mulher interesseira”. Vejamos a seguir a definição que traz o Dicionário inFormal:

maria-parafina: Sinônimos: __. Antônimos: __. Palavras relacionadas: __. Diz-se da mulher que tem especial interesse em namorar surfistas. As praias estão sempre *com muitas* “*marias-parafina*”. Enviado por J.L. (SP) em 10-05-2009. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

Temos que *maria parafina* é reescrita por definição em “mulher que tem especial interesse em namorar surfistas”, e depois por repetição no exemplo “*marias-parafina*”. Ao contrário do que tem acontecido até agora, o Dicionário inFormal traz uma definição

modalizada, ao utilizar o verbo “namorar” que não traz qualquer traço pejorativo, enquanto a definição do Dicionário de Gírias marca o interesse da mulher no status que tem o surfista (surfista famoso). Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para maria parafina:



Vemos neste DSD que maria parafina é determinada por mulher que namora surfista famoso e também por mulher que tem especial interesse em namorar surfistas, que por sua vez é determinada por mulher que gosta de surfista, também determinada por aquelas que (...) já beijaram, namoram ou estão à procura de um (surfista).

A partir da descrição das quatro comunidades acima, podemos destacar alguns aspectos. O primeiro é que todas essas estruturas são compostas pelo nome próprio Maria mais um nome comum que designa parte daquilo que caracteriza o homem que as mulheres designadas por essas expressões “desejam”, a partir de uma relação metonímica com o objeto que este homem possui ou com aquilo que determina sua posição social. Assim, maria gasolina, tendo gasolina como parte de carro, maria chuteira tendo chuteira como parte de jogador de futebol, maria tatame, tendo tatame como parte de lutador de jiu-jitsu e maria parafina, tendo parafina como parte da prancha do surfista ou do próprio surfista.

Outra questão que nos chama atenção é a gradação que existe na valoração desse tipo de comportamento que, em tese, seria o mesmo. Os dados nos mostram que as

designações maria gasolina, maria chuteira e maria tatame possuem carga semântica muito mais negativa em relação à maria parafina. As primeiras são fortemente marcadas como “interesseiras”, “vagabundas” ou “mulher feita apenas para o homem se divertir”, enquanto maria parafina até poderia ser tratada como tal (seriam exceções), mas designa também as mulheres que apenas têm afinidade por surfista, sem ter interesse no status social que um namoro com este surfista possa proporcionar.

Entretanto, podemos pensar também que, a diferença na carga semântica que se estabelece entre essas expressões pode ser justificada pelo modo como se configuram as diferentes cenas enunciativas nas quais se inserem estes enunciados, mais especificamente, os enunciados que descrevem as comunidades do Orkut. No caso de maria gasolina e maria chuteira, temos um Locutor que parece falar do lugar social de um homem que foi vítima de uma dessas mulheres ou que foi preterido justamente por não ter carro ou o status de um jogador de futebol. Já no caso de maria tatame temos uma mudança, pois o Locutor fala do lugar social de lutadora que se opõe a maria tatame. A diferença é ainda maior em relação à maria parafina, visto que o Locutor fala do lugar social designado pela expressão, ou seja, trata-se de uma maria parafina falando para outras mulheres que se reconhecem também como maria parafina. Essa diferença em relação ao lugar social do qual se enuncia pode estar contribuindo para essa atenuação da carga semântica que cada expressão carrega.

Essa gradação de valores pode ser vista também ao observarmos a quantidade de comunidades relacionadas a essas designações. Enquanto encontramos aproximadamente 700 comunidades que falam de marias gasolina (em sua grande maioria declarando ódio a elas), temos apenas 25 comunidades para a designação maria parafina, o que mostra também o grau de popularização da expressão.

Por fim, podemos dizer que, de modo geral, essas expressões podem recortar o memorável da mulher interesseira, como já afirmamos acima, que oferece o sexo em troca de status social, possível de perceber através das palavras que as reescrivem, como “vagabundas”, por exemplo, palavra associada à prostituta ou mulher que não merece respeito. Fato observável é que essas expressões são utilizadas na grande maioria das vezes para designar mulheres, como se esse comportamento fosse tipicamente feminino e

praticamente improvável de ocorrer entre os homens. Voltaremos a essa questão em uma análise mais detida sobre as estruturas das definições que constituem nosso corpus.

Nossa última expressão com o nome feminino Maria tem um funcionamento um pouco diferente, pois não recorta este memorável do qual falamos acima e é utilizada frequentemente para designar tanto mulheres quanto homens, trata-se da expressão maria-vai-com-as-outras. A primeira diferença que notamos é a grafia dessa designação, em que as palavras são ligadas por hífen, demonstrando a fixidez da expressão. Trata-se de uma expressão dicionarizada, já incorporada ao léxico da língua. Vejamos o que nos diz o texto que descreve a comunidade:

ODEIO MARIA VAI COM AS OUTRAS

VC odeia aquelas pessoas que mudam de opiniao só pra agradar alguém, e não tem personalidade?

Essa comunidade é para todas as pessoas que ODEIAM MARIA-VAI-COM-AS-OUTRAS.

Ainda mais quando voce é uma das vitimas dessas pessoas, que não tem personalidade própria, que são a copia das pessoas que fazem acontecer, que não são como elas, que apenas gostariam de ser mas não conseguem, que são seguidores das pessoas que tem personalidade, nada mais do que isso, pessoa sem opinião própria, sem ideias, enfim nada mais do que copias. Sendo até submissas aceitando tudo de seus "Ídolos", perdendo grandes oportunidades e amizades. Se você odeia isso também, e concorda com o dito na descrição sinta-se a vontade para entrar aqui. SEJAM BEM VINDOS!! (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 29/03/2011).

Podemos perceber a partir desta descrição um funcionamento diferente do relatado anteriormente. Aqui não se trata mais do memorável da mulher interesseira, mas de toda e qualquer pessoa que “não tem opinião própria”. Poderíamos pensar, mas por que o nome feminino e não o masculino? Podemos supor que tal característica seja atribuída como típica do comportamento feminino, a mulher como alguém que não tem nada a dizer, não sabe sobre nada, ou sobre nenhum assunto de interesse público. Além disso, como mostramos no capítulo anterior, a expressão é originada de uma derivação delocutiva, apresentando assim um funcionamento distinto em relação às anteriores.

Assim, vemos que neste texto a designação maria-vai-com-as-outras é reescrita por expansão/definição em “aquelas pessoas que mudam de opiniao só pra agradar alguém, e não tem personalidade”, em “pessoas, que não tem personalidade própria”, em “que são a copia das pessoas que fazem acontecer”, em “pessoa sem opinião própria, sem ideias, enfim

nada mais do que copias” e por sinonímia em “submissas” e em “seguidores das pessoas que tem personalidade”. Vejamos a seguir a definição produzida pelo Dicionário de Gírias:

maria vai com as outras seguidor. “Ele é maria vai com as outras, mas é fiel”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 475)

Neste dicionário temos que *maria-vai-com-as-outras* é reescrita por sinonímia “seguidor” e depois por repetição no exemplo que traz o verbete. Vemos neste exemplo dois aspectos interessantes. O primeiro diz respeito ao funcionamento desse tipo de expressão formada com nomes próprios, pois, ainda que a expressão seja formada com o nome feminino “Maria” ela é utilizada para caracterizar um homem “Ele é maria vai com as outras...”, mostrando que, justamente, essa nova construção tem funcionamento distinto do nome próprio.

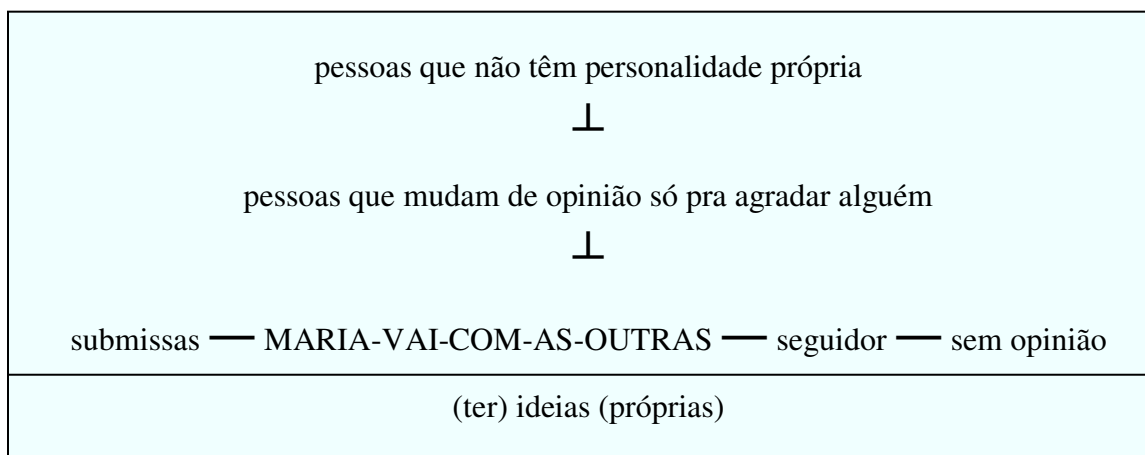
O segundo nos mostra como ao se produzir uma reescritura temos movimento entre os sentidos. Na definição, a expressão designa apenas “seguidor”. Entretanto, como vimos na descrição do Orkut apresentada acima e, como veremos na definição a ser apresentada abaixo, *maria-vai-com-as-outras* não designa apenas um seguidor, mas aquele que não tem opinião, ou seja, que segue qualquer um sem qualquer reflexão. Aí sim podemos compreender o enunciado do exemplo a partir da paráfrase “mesmo não tendo opinião própria e seguindo a qualquer um, ele é fiel”. Vejamos como a expressão é definida no Dicionário inFormal:

maria vai com as outras: Classificação morfossintática: [maria vai com as outras] substantivo próprio fem singular. Sinônimos: sem opinião. Antônimos: idéias. Palavras relacionadas: inútil, burro. Pessoas sem personalidade, caráter ou opinião própria que sempre concordam em tudo com o que lhe falam, mesmo não sendo a favor mesmo assim diz que sim pois é um(a) fracassado(a). -Na votação para o novo síndico, o maria vai com as outras nunca opina, só balança a cabeça. Enviado por L. G. (PE) em 13-12-2007. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011).

Temos no Dicionário inFormal duas grafias possíveis para *maria-vai-com-as-outras*, assim grafada com hífen e separada, sem hífen, apresentando então dois verbetes. Apesar de ser grafada de forma diferente da que aparece nos dicionários de língua, escolhemos esta definição, por a julgarmos mais completa. Nesta definição temos que a

expressão é reescrita por sinonímia em “sem opinião” e por antonímia “ideias”. É ainda reescrita por substituição em “burro, inútil”, a partir de um deslizamento de sentido, visto que, em princípio, uma pessoa sem personalidade geralmente não é considerada menos inteligente ou menos útil.

Aqui vemos mais uma vez como a expressão pode ser empregada tanto para o gênero masculino, quanto para o feminino, já que uma das palavras que a substitui está no gênero masculino (burro). Em seguida, é reescrita por definição em “Pessoas sem personalidade, caráter ou opinião própria que sempre concordam em tudo com o que lhe falam, mesmo não sendo a favor mesmo assim diz que sim pois é um(a) fracassado(a)”. O exemplo mostra mais uma vez o uso da expressão para designar homens em “o maria vai com as outras nunca opina”. A partir da análise dos três textos, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão maria-vai-com-as-outras:



Vemos neste DSD que a designação maria-vai-com-as-outras é determinada por pessoas que mudam de opinião só pra agradar alguém que por sua vez é determinada por pessoas que não têm personalidade própria. É sinônima de submissas, seguidor e sem opinião e se opõe a (ter) ideias (próprias).

3.3.2. Análise das Designações Construídas a partir do Nome Próprio José

Vejamos agora as designações genéricas produzidas a partir do nome próprio masculino José, ou melhor, de sua redução Zé. Através desta análise será possível perceber que, para o nome masculino está recortado um outro memorável, o de falta de importância ou status social como mostraremos a seguir. Começemos por uma designação tão popular quanto a anterior, também dicionarizada zé ninguém:

Eu sou um Zé Ninguém

Você que sempre foi um zé ninguém, um nem fede nem cheira, um zero a esquerda, o último da fila, um figurante da vida. Um cara que sempre passou despercebido e que ninguém lembra, você que sempre foi só estatística. Você está no lugar certo, aqui encontrará outros iguais a você! Quem sabe fazemos uma passeata para sair do anonimato! Será que alguém vai ver a gente? Huaehauheuahuehuahu.... (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 11/04/2011).

A comunidade, que se dirige a pessoas que se consideram um zé ninguém, traz alguns exemplos ou características da pessoa designada por essa expressão, todas de carga semântica negativa. Assim, temos que a designação zé ninguém é reescrita por repetição em “Você que sempre foi um zé ninguém”, por sinonímia construída a partir de uma enumeração em “um nem fede nem cheira” (equivalente a indiferente), “um zero a esquerda”, “o último da fila” e “um figurante da vida” e por expansão através dos exemplos em “você que sempre passou despercebido e que ninguém lembra” e “você que sempre foi só estatística”. É também reescrita por substituição e condensação em “outros (zé ninguém)” e por “a gente”. Vejamos a seguir as definições dos dicionários:

zeninguém pessoa sem expressão. “Tadim delezim, é um zeninguém, num tá com nada”.

zé ninguém (BR, PT) vide zeninguém, pessoa sem importância. “O cara é um zé ninguém, é fudido”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 720)

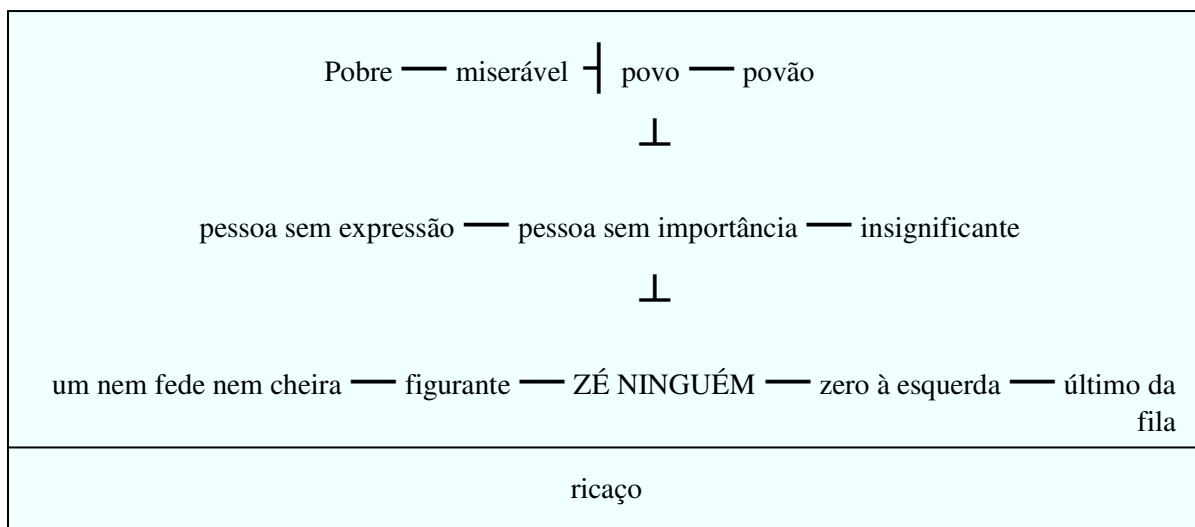
Temos no Dicionário de Gírias duas grafias para zé ninguém e, consequentemente, duas entradas lexicais diferentes. Na primeira acepção com a grafia “junta” zé ninguém é reescrita por definição em “pessoa sem expressão”. Depois é reescrita por repetição e desenvolvimento no exemplo que traz o verbete, respectivamente por “zeninguém” e “(alguém que) não tá com nada”. Na segunda acepção com a grafia separada, zé ninguém é

reescrita por substituição em “vide zeninguém” e por definição em “pessoa sem importância”. É reescrita também por repetição e por desenvolvimento através do exemplo “O cara é um zé ninguém, é f.”.

zé ninguém: **Classificação morfossintática:** [zé ninguém] substantivo próprio masc singular. **Sinônimos:** miserável, pobre. **Antônimos:** rico. **Palavras relacionadas:** povo, povão, cão sem dono. Uma pessoa qualquer, insignificante. "... Eu sou do povo, eu sou um **zé ninguém**, Aqui embaixo, as leis são diferentes..." Biquini Cavado. Enviado por M. (SP) em 05-03-2007. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

Temos no Dicionário inFormal duas grafias para zé ninguém e, conseqüentemente, duas entradas lexicais diferentes: zé ninguém escrito separado e zé-ninguém, ligado por hífen. Apesar de a segunda ser a forma dicionarizada, escolhemos apenas a primeira entrada, já que apesar de elas trazerem exatamente a mesma definição, inclusive o mesmo exemplo, a primeira traz preenchidos os campos de sinônimos, antônimos e palavras relacionadas, sendo assim mais completa.

Nela a expressão zé ninguém é reescrita por definição em “uma pessoa qualquer” e por sinonímia em “insignificante”. Depois é reescrita por expansão através do exemplo “Eu sou (alguém) do povo” e por repetição “Eu sou um zé ninguém”. É também reescrita por sinonímia em “miserável” e “pobre” e por antonímia em “rico”. É reescrita ainda por substituição em “povo”, “povão” e “cão sem dono”. Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão zé ninguém:



Neste DSD vemos que a expressão zé ninguém é determinada por pessoa sem importância, que por sua vez é sinônima de pessoa sem expressão e insignificante e é determinada por povo, que por sua vez é sinônimo de povão e é determinada por miserável, também sinônimo de pobre. Zé ninguém é ainda sinônima de um nem fede nem cheira, figurante, zero à esquerda e último da fila.

A partir da análise de como a expressão zé ninguém é reescriturada e de seu DSD, podemos dizer que o memorável recortado pela expressão funciona pela falta e não pela posse - ou com a projeção futura da posse do homem ou do que a ele pertence (futuridade) - ao contrário do que acontecia com as expressões com o nome Maria (exceto maria-vai-com-as-outras). Este memorável é determinado pelo discurso capitalista que supervaloriza o ter em detrimento do ser. Nesta formação discursiva, ter status ou ter posição social é extremamente valorizado, principalmente no universo masculino. Podemos ver funcionar este memorável a partir da relação de semelhança que se estabelece entre zé ninguém, povo e miserável através da reescritura, ao mesmo tempo que a expressão se opõe a riqueza.

Outra designação genérica construída a partir do nome Zé que pode funcionar como indicativo de falta de status social é a expressão zé mané. Vejamos a seguir sua descrição no Orkut:

Sempre tem um Zé! UM ZÉ MANÉ!!

Sujeito desprovido de razoável intelecto e capacidade mental, para discernir e avaliar as situações do dia-a-dia. Pessoa abestada, sem ação o mesmo que zé ruela, bunda mole. Pessoa boba, inocente. Quem não conhece uma pessoa assim? Todos nós em algumas circunstância da vida nos deparamos com cada coisa, com cada pessoa... Que acabamos falando SEMPRE TEM UM ZÉ , UM ZÉ MANÉ.....!!!! (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 12/04/2011).

Temos nesta descrição um funcionamento um pouco distinto das apresentadas até aqui. Apesar de nas outras descrições estarem contidas definições acerca das designações que nos interessam, aqui vemos que o texto se estrutura tal como o enunciado definidor característico do dicionário. As três primeiras linhas funcionam dessa forma, em que aparecem os hiperônimos “sujeito” e depois “pessoa”. É só no meio da terceira linha que o texto se dirige ao participante da comunidade “Quem não conhece uma pessoa assim?”.

Neste texto, temos que a expressão é reescrita por definição em “sujeito desprovido de razoável intelecto e capacidade mental, para discernir e avaliar as situações do dia-a-dia”. É reescrita novamente por definição, como se fosse uma segunda acepção em “pessoa abestada” e “pessoa sem ação”. Depois por sinonímia em “o mesmo que zé ruela” e “bunda mole”, mostrando mais uma vez um funcionamento similar ao do verbete do dicionário. Há ainda uma terceira acepção em que zé mané é reescrita novamente por definição e utilizando o hiperônimo “pessoa” em “pessoa boba, inocente”. É depois reescrita por substituição “ZÉ” e depois por repetição “ZÉ MANÉ”. É importante observarmos que a designação zé mané é reescrita neste texto apenas pelo primeiro elemento da expressão “zé”, o que nos mostra que este nome pode produzir a designação genérica ainda que não venha acompanhado de um segundo elemento. Vejamos agora as definições dos dicionários:

zé mané 1 pessoa sem expressão. “O zé mané chegou agora e ta por fora de tudo”.
zé mané 2 (RJ) otário. “O zé mané pensava que era malandro, mas no fundo era um otário”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 720)

Neste dicionário temos duas grafias e mais de uma acepção para cada grafia. Na primeira em que aparece zémané “junto”, temos três acepções. Não as apresentaremos aqui, pois elas repetem as definições trazidas pelos verbetes selecionados. Nestes na primeira acepção zé mané é reescrita por definição em “pessoa sem expressão”, enquanto na segunda zé mané é reescrita por sinonímia “otário”, sendo marcada como um regionalismo carioca. Vejamos a seguir como o Dicionário inFormal define a expressão:

zé mané Classificação morfossintática:____. Sinônimos:____. Antônimos:____.
Palavras relacionadas:____. Ze Mané, vulgo Mané, é aquele sujeito que não faz nada certo e sempre se dá mal. Pode ser encontrado em qualquer parte do mundo e principalmente no Brasil. Também usado como um apelido pejorativo.
- Ze Mane, te falei para não fazer isso!
- Seu Mané, vire a esquerda não a direita?!
- Aquele Ze Mane com aquela gostosa deve ter dinheiro.
- Você não colocou gasolina no carro??!! Puta Mane?!
- Com a carteira de estudante, você paga a metade no preço da entrada...Ze Mane
Enviado por Z.B. (GO) em 17-01-2010. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em www.dicionarioinformal.com.br/. Acesso em 08/04/2011)

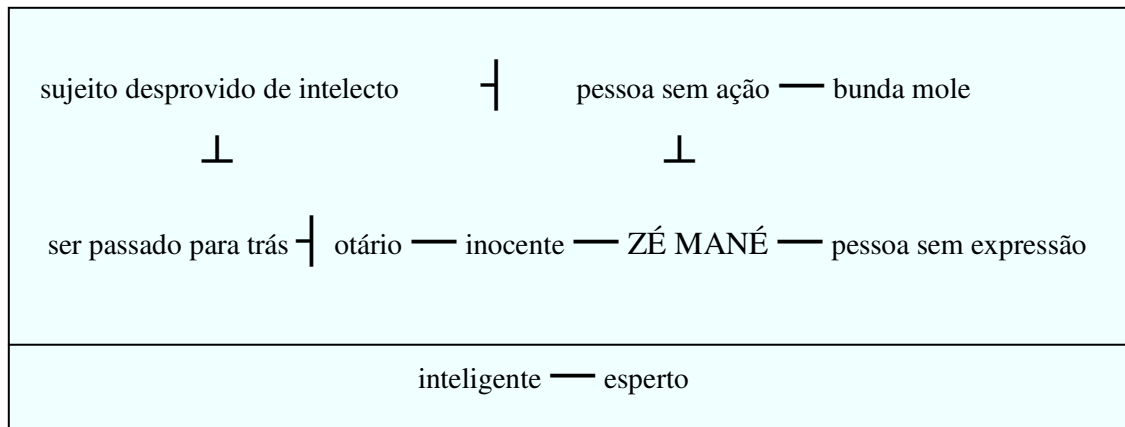
zé-mané **Classificação morfossintática:**____. **Sinônimos:** bundão, bobo, trouxa. **Antônimos:** inteligente, esperto. **Palavras relacionadas:**____. Otário, pessoa que não sabe de nada, que está sendo passada para trás. Joaquim é um zé-mané. Tremendo zé-mané. Enviado por P.F. (RJ) em 08-08-2010. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

Temos novamente duas grafias diferentes para a mesma expressão. Desta vez optamos por trazer as duas, pois elas apresentam definições um pouco diferentes. A expressão zé mané aparece grafada separada e ligada por hífen. Na acepção da primeira grafia temos que zé mané é reescrita por sinonímia em “vulgo mané” e por definição em “aquele sujeito que não faz nada certo e sempre se dá mal”. Depois por elipse em “também usado como apelido pejorativo” (em que aparece como uma segunda acepção) e em “pode ser encontrado na maior parte do mundo e principalmente no Brasil”. Devemos observar que esta última acepção tem uma forma parecida às definições de espécies de animais, ao trazer a expressão “vulgo mané” e mais para frente ao dizer “Pode ser encontrado em qualquer parte do mundo e principalmente no Brasil”.

Ainda em relação à primeira acepção, é importante observar que temos em dois dos exemplos que aparecem neste verbete um processo de recomposição da expressão zé mané em “seu Mané” e “puta Mané”, rompendo assim a composição inicial “Zé Mané”. Podemos pensar que o rearranjo é possível neste caso, pois trata-se da única expressão constituída por dois nomes próprios, sendo que é bastante frequente o uso de “Mané” sozinho, em oposição a alguém que é esperto, como podemos ver, por exemplo, na música “E malandro é malandro e mané é mané”, de Bezerra da Silva.¹⁵

Na acepção da segunda grafia temos que zé mané é reescrita por sinonímia em “bundão”, “bobo” e “trouxa” e por antonímia em “inteligente” e “esperto”. Depois é reescrita por sinonímia em “otário” e por definição em “pessoa que não sabe de nada” e “(pessoa) que está sendo passada para trás”. Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão zé mané:

¹⁵ Segue trecho da música citada: E malandro é malandro e mané é Mané/Podes crer que é/ Malandro é o cara que sabe das coisas/Malandro é aquele que sabe o que quer/Malandro é o cara que ta com dinheiro/E não se compara com um Zé Mané[...].



Neste DSD temos que a expressão zé mané é determinada por pessoa sem ação, que por sua vez é sinônima de bunda mole e determinada por sujeito desprovido de intelecto, esta por sua vez determina ser passado para trás que determina otário, que é sinônimo de inocente, zé mané e pessoa sem expressão. Tudo isso se opõe a inteligente e esperto.

A partir desse DSD, podemos perceber que a designação zé mané, além de reforçar o memorável já trazido pela expressão zé ninguém, designando indivíduos que não têm importância social (pessoa sem expressão), percebemos que ela traz um novo sentido: o de falta de sabedoria ou de inteligência atrelado à inocência, que caracterizaria o “otário”, conforme aparece acima. Outra expressão utilizada para designar este “comportamento” ou esta “classe” em que inclui os “otários” é a expressão zé ruela. Vejamos como ela aparece na descrição de uma das comunidades do Orkut:

Sinônimos de Zé Ruela

Grande zé ruelaaaa!!! As vezes deparamos num dilema sem fim. Nos encontrando em momentos meios constrangedores, pois não temos coragem e nem peito pra enfrentar certos problemas...por isso sou um zé ruela??? Acho que não!

Seu pai para vc e diz: Vai trabalhar ze ruela!

Ze ruela = Atoa

Seu amigo diz: Chega nela seu zé ruela!

Ze ruela = Mole

Sua namorada diz: Vai deixar ele mexer comigo zé ruela?

Ze ruela = Covarde

Eh isso aiii... Cada um tem uma visão apliada e diferente... Vamos postar....

(ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 12/04/2011)

O primeiro parágrafo descreve uma situação em que não se tem coragem para enfrentar os problemas e que essa pessoa poderia ser chamado de zé ruela, mas observa que qualquer um pode passar por esse tipo de situação e que isso não necessariamente caracteriza um zé ruela. Entretanto, o que vem a seguir parece contradizer esse primeiro parágrafo. Na segunda parte, a descrição traz três situações em que alguém pode ser considerado um zé ruela, apresentando sinônimos para cada uma delas. Nesse trecho zé ruela é reescrita por sinonímia em “à toa”, “mole” (=sem atitude) e “covarde” e por repetição nos três exemplos. Como a expressão não aparece no Dicionário de Gírias, passamos à definição apresentada no Dicionário inFormal:

zé ruela: **Classificação morfosintática:** [zé ruela] substantivo próprio masc singular. **Sinônimos:** bunda mole, medroso, cagão, viado, bixa, bicha, puto, rosa, bobão, babão, virgem, prego, tosco, bisonho, seu bosta, seu merda, zé viela, miserável, insignificante, porcaria, descartável, mané, zezão, bocó, envergonhado, pobretão, maloqueiro, pouca coisa. **Antônimos:** putão, miseravi, homem macho, home safado, safo, esperto, garanhão, rei da pista, o cara posudo, figurão, gente fina, legal, ligeiro, valente, bem educado, bem formado, educado, chic. Palavras relacionadas: idiota, roscao, queima rosca, zé mané, pastel, lobo desdentado, bundão, merda inútil, imbecil, imprestável, arruela, zé ninguém, zé pinto, casca de ferida, medroso, pobretão.

zé ruela 1: Pessoa sem ação, incapaz de sair de qualquer situação que apresente alguma dificuldade; o mesmo que bunda mole.

Aquela gostosa ficou nua na sua cama, de perna aberta, e você não fez nada??? Mas é um **zé ruela** mesmo!!!!

Enviado por C. (BA) em 09-03-2007.

zé ruela 2: Pessoa desprovida de sabedoria. Aquele que não sabe o que faz. Vulgo zé mané.

Abriu o portão e deixou o cachorro sair pra rua, perdeu o cachorro é um **zé ruela**.

Enviado por P. Z. (MZ) em 25-01-2010.

zé ruela 3: Um merda n'água, um qualquer, um inútil

Vai, **zé ruela**, faz alguma coisa direito, seu merda!

Enviado por F. (SP) em 28-09-2008.

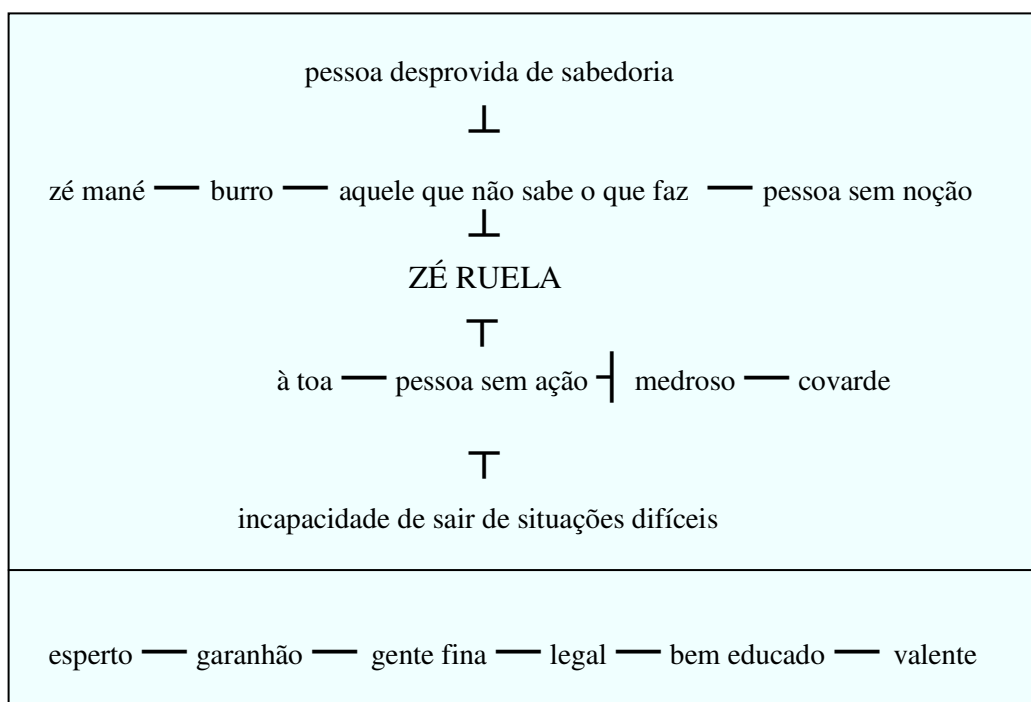
(DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

No InFormal temos duas grafias diferentes zé roela e zé ruela. Como os sentidos apresentados se repetem, selecionamos apenas a definição com a segunda grafia, em que temos três acepções. Antes das definições, vemos que curiosamente o verbete apresenta

uma série de sinônimos, antônimos e palavras relacionadas, em número bem maior em relação aos verbetes anteriores. Neste espaço temos que zé ruela é reescrita por sinonímia em “bunda mole, medroso, bobão, tosco, miserável, insignificante, mané, zezão, bocó, pobretão, pouca coisa”, etc. Também é reescrito por antonímia em “esperto, garanhão, rei da pista, figurão, gente fina, legal, valente, bem educado, bem formado, chic”, etc.

Em seguida, na primeira acepção, temos que zé ruela é reescrita por definição em “pessoa sem ação” e “(pessoa) incapaz de sair de qualquer situação que apresente alguma dificuldade” (que remonta à situação apresentada pela descrição do Orkut), e depois por sinonímia em “o mesmo que bunda mole”. A segunda acepção já traz um novo sentido para a expressão. Nela zé ruela é reescrita por definição em “pessoa desprovida de sabedoria” e também por “aquele que não sabe o que faz”, para depois ser reescrita por sinonímia em “vulgo zé mané”. A terceira acepção acrescenta ainda um outro sentido ao reescrever zé ruela por substituição em “um merda n’água”, “um qualquer” e “um inútil”.

Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão zé ruela:



Neste DSD vemos que zé ruela é determinado por aquele que não sabe o que faz que por sua vez é determinado por pessoa desprovida de sabedoria e sinônimo de zé mané,

burro e pessoa sem noção. Zé ruela é também determinado por pessoa sem ação que por sua vez é sinônima de à toa e determina medroso, que por sua vez é sinônimo de covarde.

Vemos a partir desse DSD que a expressão reforça o memorável do homem que não tem atitude, que tem medo da vida e que não tem sabedoria designado também por zé mané, além de acrescentar os sentidos de alguém que não tem atitude na vida, que é covarde. Entretanto, neste caso, não há referência a “povo”. Devemos ainda lembrar que essas são características extremamente negativas para o imaginário que temos do que é ser um homem em nossa sociedade.

Dando prosseguimento à nossa análise, outra expressão que designa um comportamento considerado negativo atribuído a alguém que é “do povo” é a expressão zé povinho, visto que a própria expressão traz a palavra “povo” no diminutivo, indicando assim uma característica negativa. Vejamos a seguir o que fala a descrição da comunidade do Orkut:

O que os Olhos não vêem Zé Povinho Deda!!!

Se você também ODEIA pessoas Fofoqueiras, pessoas enxeridas e que cuida da vida dos outros.

Se você ODEIA aquela pessoa que gosta de especular sobre sua Vida e não pode ter na rua com amigos ou em qualquer outro lugar, e vai correndo falar o que vc estava fazendo p/ seu namorado (a), mãe, pai... e pioooooooooor, se ele viu 8 ele diz 80... fazendo da sua vida um inferno.

Welcome...

Como dizem:

- “Deus deu a vida para que cada um cuide da sua”
- "O pior veneno do mundo é a lingua do fofoqueiro ... e não existe cura"
- “Deus deu 24 horas em cada dia para cada um cuidar da sua vida mas tem gente que "insiste" em fazer "hora extra" cuidando e fofocando sobre a vida alheia”

Pois é gente.. Não tem jeito...

O que os Olhos não vêem Zé Povinho Deda!!!

(ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 11/04/2011)

Esta descrição tem um funcionamento um pouco distinto das apresentadas até aqui, a começar pelo título. Nele vemos claramente um jogo de palavras tomando como base o dizer popular “O que os olhos não vêem o coração não sente”. A descrição começa com um texto em que se fala de algumas características ou atitudes das pessoas determinadas no título, fazendo uma interlocução com o participante da comunidade e em seguida, utiliza a mesma estratégia do título, mas agora sem modificar os ditados populares, como em “Deus deu a vida para que cada um cuide da sua” e “O pior veneno do mundo é a lingua do

fofoqueiro... e não existe cura". Este fato se mostra interessante, pois indica que quem produz a descrição utiliza a sabedoria popular para reforçar ou dar autoridade para o que diz, ou ainda, para legitimar os motivos pelos quais o sujeito designado pela expressão zé povinho é odiado. Observaremos esta questão com mais cuidado na seção seguinte em que analisamos de forma mais detalhada a cena enunciativa.

Assim, nesta descrição temos que a expressão zé povinho é reescrita por sinonímia através de enumeração em “pessoas fofoqueiras” e “pessoas enxeridas” e por definição em “(pessoa) que cuida da vida dos outros”. Depois temos que ela é reescrita por expansão/desenvolvimento de “pessoas fofoqueiras/enxeridas” em “aquela pessoa que gosta de especular sobre sua Vida e não pode te ver na rua com amigos ou em qualquer outro lugar, e vai correndo falar o que vc estava fazendo p/ seu namorado (a), mãe, pai...” e depois por substituição em “se ele viu 8 ele diz 80”. Este enunciado aponta para uma outra característica, pois indica que o zé povinho não conta só o que vê, mas também inventa, sendo portanto também mentiroso. Por fim, é reescrita por repetição no enunciado que nomeia a comunidade “O que os Olhos não vêem Zé Povinho Deda!!!”. Vejamos o que dizem os dicionários:

zepovão povo. “O zepovão ta esperando melhores dias”.

zepovim povo. “O zepovim sofre paca”.

zepovinho povo. “O zepovinho também é filho de Deus”.

zepovo povo. “O zepovo não guenta mais, a barra ta pesada”.

(DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 720)

Neste dicionário temos uma variação na grafia da expressão, temos quatro possibilidades: zepovão, zepovim, zepovinho e zepovo. Nos quatro verbetes a expressão é reescrita por sinonímia pela palavra “povo”, mudando apenas os exemplos dados. Devemos observar a diferença de sentido em relação ao que traz a comunidade do Orkut. Aqui, em nenhuma das acepções zé povinho é definida como “fofoqueiro”. O sentido produzido aqui é de alguém que faz parte do povo, identificado aqui como a classe mais pobre da população. Chama-nos atenção também o fato de que essa remissão ao povo não se dá de forma pejorativa, como nas outras expressões, mas apresenta o povo como vítima, conforme podemos ver nos exemplos, bem diferente do que ocorre no Dicionário inFormal:

zé-povinho **Classificação morfossintática:** __. **Sinônimos:** gentalha, fofoqueiro, desgraçado, povo, populares, gente simples, medíocre, fofoqueiros, boateiros, mentirosos, maledicentes. **Antônimos:** gente boa, ponta firme, elite, gente fina, intelectuais, gente de bem, verdadeiros, respeitosos. **Palavras relacionadas:** fofoca, ignorantes, gente da rua, analfabetos, pessoinha medíocre, fofoqueiro, cagoeta, indivíduo do povo.

zé-povinho 1: Pessoa curiosa, que adora fofoca. Vive cuidando da vida dos outros, qualquer confusão ela(e) já corre pra saber o que está acontecendo. -Ae, você é mó zé-povinho heim maluco, cuida da sua vida truta! Enviado por C.E. (SP) em 02-10-2007.

zé-povinho 2: Pessoa ou grupo de pessoas que pertencem a classe dos ignorantes e/ou pejorativo de classe social menos abastada. Fulano quer cortar a fila do supermercado e ter a razão...é um zé povinho mesmo. Eu não consigo trabalhar com caridade, não conseguiria ficar perto desses zé povinho

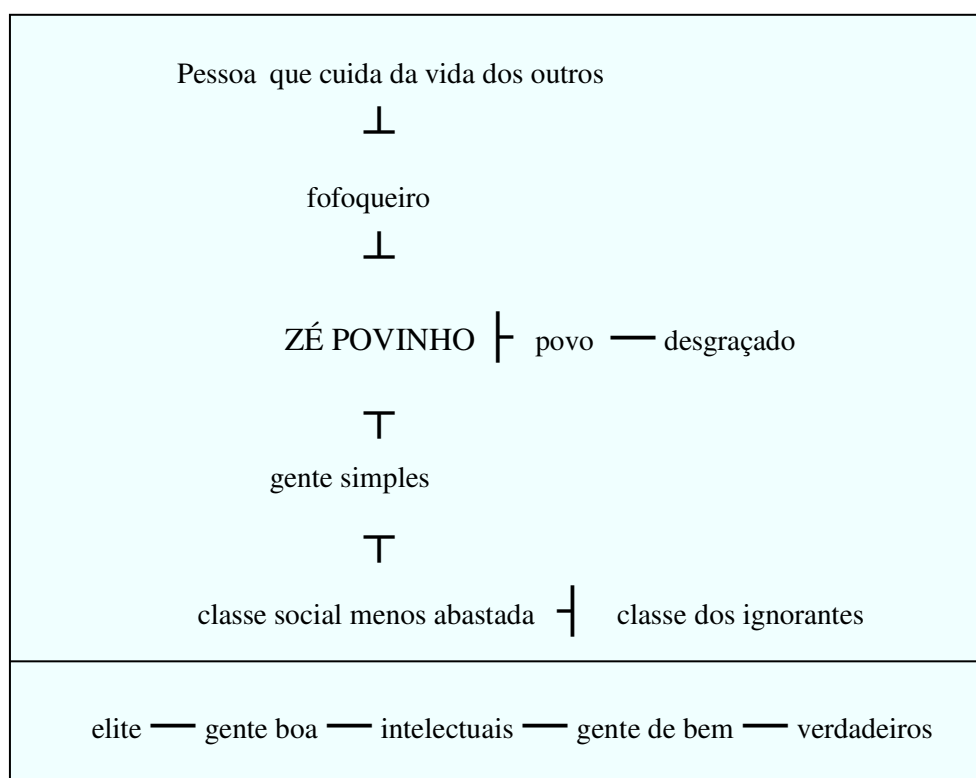
zé-povinho 3: Pessoa com comportamento medíocre . Vixi , a fêladaputa da vizinha fica espiando pelo muro ... mó Zé Povinho. Enviado por R.A.C. (SP) em 22-01-2008. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

No Dicionário inFormal temos duas grafias possíveis para a expressão: zé povinho (separado) e zé-povinho (ligado por hífen). E para cada grafia temos três acepções. Utilizaremos apenas o verbete que aparece com a grafia ligada por hífen. Nela, temos que zé povinho é reescrita por sinonímia em “gentalha, fofoqueiro, desgraçado, povo, populares, gente simples, medíocre, fofoqueiros, boateiros, mentirosos, maledicentes”. Depois por antonímia em “gente boa, ponta firme, elite, gente fina, intelectuais, gente de bem, verdadeiros, respeitosos”.

Já nas acepções, temos na acepção um que a expressão é reescrita por definição em “pessoa curiosa, que adora fofoca” e em “(pessoa que) Vive cuidando da vida dos outros”. Depois é reescrita por substituição através de expansão da definição anterior em “qualquer confusão ela(e) já corre pra saber o que está acontecendo”. Na segunda acepção temos que a expressão é reescrita por definição em “Pessoa ou grupo de pessoas que pertencem a classe dos ignorantes e/ou pejorativo de classe social menos abastada”. Por fim, na terceira acepção temos que a expressão é reescrita também por definição em “pessoa com comportamento medíocre”.

As acepções presentes no Dicionário inFormal trazem uma novidade em relação aos dois materiais anteriores, na verdade relacionando o sentido predominante na definição

do Orkut “fofoqueiro” ao sentido predominante no Dicionário de Gírias “povo”. Neste sentido, recorta o memorável de que a característica de ser fofoqueiro é exclusiva dos indivíduos que fazem parte da classe mais pobre. Podemos perceber isso, pelo fato de que o Dicionário inFormal coloca como sinônimos fofoqueiro, povo e gente simples, opondo tudo isso a elite, que por sinal é sinônimo de gente de bem. Dessa forma, vemos funcionar neste verbete o preconceito de classe ao se atribuir uma característica que, a princípio é típica do ser humano, marcando como uma falha de caráter do pobre. Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão zé povinho:



Neste DSD vemos que zé povinho é determinado por povo que por sua vez é sinônimo de desgraçado. Também é determinado por gente simples, que é determinado por classe social menos abastada, que por sua vez é determinado por classe dos ignorantes. Zé povinho é também determinado por fofoqueiro que por sua vez é determinado por pessoa que cuida da vida dos outros. Tudo isso se opõe a elite, gente boa, intelectuais, gente de bem e verdadeiros que aparecem como sinônimos.

Por fim, a última expressão que analisaremos é a que designa alguém que quer ser engraçado, mas que não tem graça. Trata-se da expressão zé graça:

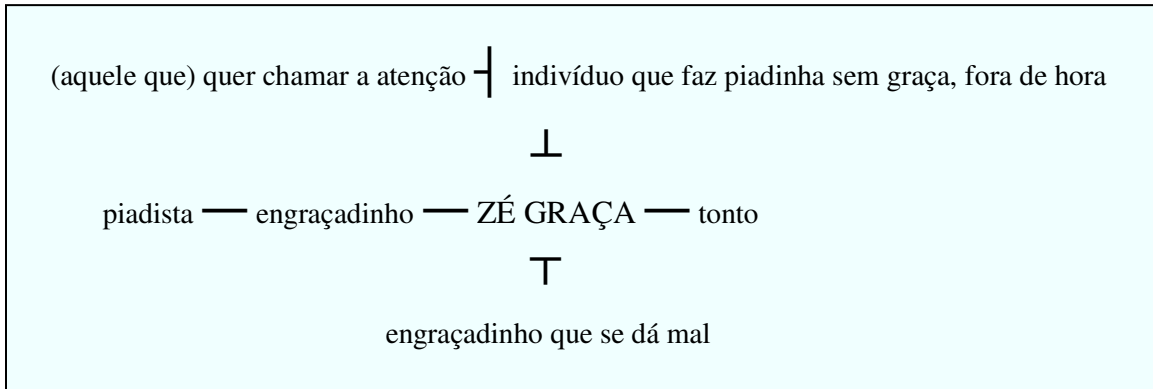
Zé graça... eu?!

Zé graça: Termo usado para o indivíduo que faz piadinhas sem graça, fora de hora. Mais conhecido como "engraçadinho" ou "piadista". Por mais que sua piadinha seja sem graça, todos escutam e acabam caindo risada. Se você gosta de ver as pessoas rindo pelo que você diz vc diz, ou se você se satisfaz pelo simples fato de ver as pessoas rindo ao seu lado... parabéns! Vc é um ZÉ GRAÇA!! E está no lugar certo. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 12/04/2011)

No início deste texto que descreve a comunidade, podemos perceber que o “autor” produz um enunciado de estrutura similar ao que ocorre no dicionário, justamente para definir o que seria o objeto de discussão da comunidade, o zé graça. Assim, temos que a expressão zé graça é reescrita por definição em “indivíduo que faz piadinhas sem graça, fora de hora”. Aqui também podemos ver a semelhança com o enunciado definidor do dicionário pela utilização do hiperônimo “indivíduo”. É também reescrita por especificação em “mais conhecido como engraçadinho ou piadista”. É reescrita a seguir por expansão através da enumeração de algumas situações em que alguém pode se considerar um zé graça e assim se identificar com a comunidade em “se você gosta de ver as pessoas rindo pelo que você diz” e “se você se satisfaz pelo simples fato de ver as pessoas rindo ao seu lado”. Como não aparece no Dicionário de Gírias, passamos para a definição do Dicionário Informal.

zé graça: Classificação morfofssintática: [zé graça] substantivo próprio masc singular. **Sinônimos:** tonto, engraçadinho. **Antônimos:** _____. **Palavras relacionadas:** piadista, fanfarrão, bonachão, engraçado. Quer chamar a atenção, engraçadinho que se dá mal. "O cara tinha que descer do carro para filmar o leão? é um zé graça mesmo." Enviado por C. (SP) em 09-06-2008. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

No Dicionário inFormal temos que zé graça é reescrita por sinonímia em “tonto” e “engraçadinho”. É reescrita também por substituição em “piadista”, “fanfarrão”, “bonachão” e “engraçado”. Também é reescrita por definição “quer chamar a atenção” e em “engraçadinho que se dá mal”. A partir dos dois textos, podemos estabelecer o seguinte DSD para a expressão zé graça:



Temos nesse DSD que a expressão zé graça é determinada por engraçadinho que se dá mal e por indivíduo que faz piadinha sem graça, fora de hora, que por sua vez é determinada por (aquele que) quer chamar a atenção. É também sinônima de tonto, piadista e engraçadinho. Aqui podemos perceber que não se trata mais do memorável do homem que não tem importância social ou que apresenta características negativas atribuídas ao fato de ser do povo. O que poderíamos pensar é que o uso do nome próprio neste tipo de expressão se popularizou de tal forma, podendo designar assim outros comportamentos ou classes de indivíduos de forma pejorativa ou para ridicularizar determinados comportamentos sociais.

Capítulo 4 - Análise da Cena Enunciativa

Neste momento do trabalho, passaremos à descrição da cena enunciativa em que se inscrevem os enunciados por nós analisados anteriormente, pois julgamos que esta se apresenta como um importante instrumento para identificar os discursos que circulam acerca dos grupos sociais nomeados pela designação genérica que aqui estamos estudando.

Essa identificação é possível, pois, segundo Guimarães (2002), a cena enunciativa caracteriza um espaço particularizado no qual estão distribuídos os lugares enunciativos no acontecimento que determinam “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Guimarães lembra que não se trata de pessoas, mas de figuras enunciativas ou as perspectivas enunciativas que determinam o dizer. Estas figuras são determinadas pelo caráter político do espaço de enunciação, a partir de relações de poder.

Dessa forma, para o autor, a cena enunciativa é marcada pela presença de um Locutor (L) que se divide por um lado pelo lugar social a partir do qual enuncia, chamado de locutor-x, sendo x o lugar social representado, e por outro lado pelo enunciador ou a perspectiva enunciativa que apaga o lugar social do locutor, representando-se assim como independente da história. Os enunciadores podem ser de quatro tipos: enunciador individual (aquele que se representa como origem do dizer), o enunciador genérico (aquele que se representa como aquilo que todos dizem), o enunciador universal (que se representa como uma verdade tomada como universal) e o enunciador coletivo (aquele que se representa a partir de uma coletividade).

A análise da cena enunciativa nos permitirá observar que a depender do tipo de material/enunciado analisado, haverá recorrência ou certo padrão nas figuras que caracterizam a cena enunciativa em questão. Será possível perceber também como estas figuras dizem ou produzem sentidos acerca das designações genéricas ou, mais especificamente, acerca dos grupos sociais designados por estas expressões.

Para facilitar a compreensão e devido à diferença dos materiais utilizados, dividiremos esta análise em duas partes. Na primeira faremos uma descrição da cena enunciativa em que se inscrevem os enunciados que descrevem as comunidades do Orkut. Na segunda, analisaremos a cena enunciativa em que se inscrevem os enunciados definidores, produzidos pelo Dicionário de Gírias e pelo Dicionário inFormal, observando

como um instrumento que em princípio seria o mesmo estabelece diferenças a partir das figuras enunciativas envolvidas.

4.1. A Cena Enunciativa nas Descrições do Orkut

Ao observarmos os textos que descrevem as comunidades do Orkut, foi possível perceber uma distinção em relação ao objetivo dessas comunidades que irá refletir no modo como se configura a cena enunciativa. Essa distinção diz respeito aos movimentos de identificação ou não com o estereótipo ou a classe de indivíduos particularizada pela designação genérica construída a partir do nome próprio. Percebemos assim que essas comunidades podem ser criadas por alguém que não se inclui na classe designada, logo que não se identifica por esta designação ou o contrário, são criadas por alguém que se inclui na classe nomeada pela designação genérica, se identificando com este grupo. Será a partir dessa divisão que trataremos a configuração da cena enunciativa nessas comunidades.

Antes de procedermos à análise, é importante dizer que os textos que descrevem as comunidades são produzidos pela pessoa que cria e registra a comunidade, não podendo ser alterados pelos participantes. Entretanto, é possível que os participantes criem espaços de interação dentro da comunidade, por exemplo, fóruns de discussão e enquetes. Assim, ainda que o texto que descreve a comunidade não seja construído coletivamente, os sentidos que constituem o objeto de discussão da comunidade podem ser determinados por esses espaços em que há maior participação. Há comunidades, por exemplo, em que os participantes criam tópicos como “defina o que é maria gasolina” em que todo participante pode construir os possíveis sentidos que esta designação veicula.

Feita esta ressalva, passemos então à análise destes textos, começando pelas comunidades em que há identificação com os sentidos determinados pela designação genérica na descrição das comunidades.

4.1.1. Comunidades em que o criador se identifica com a classe nomeada

Nas comunidades em que o processo de identificação se dá entre os indivíduos da classe nomeada pela designação genérica, podemos observar que a cena enunciativa se

configura a partir de um Locutor (L) que se representa como o dono da comunidade que enuncia enquanto um dos indivíduos que faz parte do grupo social nomeado pela designação genérica. Este L se divide em um locutor-x, sendo que este x é o lugar social do qual este L é autorizado a falar. No caso dessas comunidades, este x é representado pelo estereótipo nomeado pela designação genérica. Este L fala de um lugar dizer individual, representando-se assim como um enunciador-individual, visto que estas descrições estão marcadas pelo uso da 1ª e 2ª pessoas, mostrando assim um eu, que se coloca como fonte de um dizer e que se dirige a um tu, sendo que ambos fazem parte do conjunto de indivíduos nomeados pela designação genérica. Vejamos o primeiro exemplo:

Soh pra quem é Maria parafina

Essa comu é para todas aquelas q se consideram As "Marias parafinas" ou melhor (gostam de surfistas) ou q jah beijaram.. namoraram.. ou estaum ah procura de um.. se vc se considera uma.. Entre nessa comu.. bjs.. Dono: nenhum¹⁶. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 10/04/2011)

A partir do texto acima, observamos que o L se representa como um enunciador-individual, pois ao dizer “se vc se considera uma [maria parafina]... Entre nessa comu...”, temos um tu que pressupõe assim a existência de um eu que a ele se dirige, o que poderíamos observar através da paráfrase “ se vc assim como eu...”, ainda que este “eu” não esteja explícito no enunciado. Além disso, o próprio título restringe os participantes desta comunidade, pois ao utilizar o advérbio “só”, afirma que fazem parte dela apenas as mulheres/meninas que são maria parafina, mostrando assim que o Locutor fala enquanto maria parafina, ou seja, temos nesta cena um l-maria parafina.

Observamos ainda que este mesmo L pode ser reconhecido como do sexo feminino, visto que no início do texto se diz “só para aquelas que...”, em que temos uma elipse de “mulheres” (aquelas [mulheres] que), marcando assim que a comunidade foi criada e destinada apenas às mulheres. Esse termo é ainda retomado como sujeito oculto em “[mulheres] que gostam de surfistas, ou namoraram ou que já beijaram um” e também ao final “se você se considera uma [dessas mulheres]”, mas que pode ser também “se você se considera uma [maria parafina]”.

¹⁶ Quando a pessoa que cria a comunidade encerra sua conta no Orkut, o campo “dono” fica preenchido por “nenhum”, pois aquele que era dono já não está mais no Orkut. Em alguns casos, há um link “torne-se o proprietário”, para que qualquer pessoa possa se apropriar da comunidade.

A cena assim configurada nos permite dizer que o fato de que apenas mulheres podem ser designadas por esta expressão, recorta o memorável da mulher que se constitui enquanto sujeito sempre a partir do homem com quem se relaciona. Ou seja, a mulher que não tem carreira, nem profissão, sendo esta marcada pela profissão do homem com o qual se relaciona, neste caso, o surfista. Ela não surfa, mas namora um homem que surfa. Vemos assim que a mulher, enquanto maria parafina, se constitui sempre a partir da relação com um surfista, sendo sua existência atrelada a esta relação.

Devemos observar que para se definir ou explicitar o que é uma maria parafina, o Locutor utiliza a expressão “ou melhor” que produz efeitos de sentido a partir da relação de articulação que estabelece com o enunciado que a antecede e que a sucede, através de uma relação de incidência da expressão sobre os enunciados aos quais se relaciona, alterando assim a orientação argumentativa do enunciado. Segundo Guimarães (2009) a articulação é o procedimento pelo qual os elementos linguísticos se organizam em contiguidades locais, sendo este procedimento marcado também pela relação que estabelece o Locutor com aquilo que ele fala, enquanto falante de um espaço de enunciação.

Assim, ao utilizar “ou melhor”, o Locutor marca que maria parafina não é a melhor expressão para definir a mulher que gosta de surfista, para em seguida construir uma predicação sobre a mulher designada pela expressão “mulher que gosta de, namora ou já beijou um surfista”. Percebam que, em nenhum momento se diz sobre outros possíveis interesses, como por exemplo, o status social do surfista. Os verbos aí utilizados marcam a existência de um envolvimento amoroso ou afetivo, descartando a possibilidade de interesse material, por exemplo.

Assim, observamos que o Locutor ao enunciar enquanto predicado pelo lugar social de maria parafina, representa não o memorável da maria parafina como uma mulher interesseira, como ocorre com maria gasolina por exemplo, mas como uma mulher que se apaixona pelo surfista, tirando assim qualquer carga moral negativa que normalmente recai sobre as mulheres nomeadas pela designação genérica. Podemos pensar ainda que, se mudasse o lugar social do locutor, sendo, por exemplo, um locutor-surfista, talvez o memorável recortado fosse outro, como vemos ocorrer na comunidade “Odeio maria gasolina” em que temos um Locutor que enuncia do lugar social de “vítima” de uma maria

gasolina. Observemos outro exemplo, agora com uma designação genérica construída a partir do nome masculino:

Eu sou um Zé Ninguém

Você que sempre foi um zé ninguém, um nem fede nem cheira, um zero a esquerda, o último da fila, um figurante da vida. Um cara que sempre passou despercebido e que ninguém lembra, você que sempre foi só estatística. Você está no lugar certo, aqui encontrará outros iguais a você! Quem sabe fazemos uma passeata para sair do anonimato! Será que alguém vai ver a gente? Huaehauheuahuehuahu.... Dono: R. M.¹⁷. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 11/04/2011).

Mais uma vez percebemos que está estabelecido um diálogo entre o dono da comunidade e seu participante que se identifica com o grupo designado pela expressão zé ninguém. Temos assim um Locutor que se divide como um locutor-zé ninguém e um enunciador-individual que se representa como um eu pressuposto pelo uso de você. Porém, temos neste texto um outro lugar de dizer que se representa como um enunciador-coletivo, na medida em que aparecem o pronome de 1ª pessoa do plural nós, implícito pela terminação verbal em “fazemos” e a locução a gente, marcando assim “eu + vocês”, algo como “nós, os zé ninguém”.

Podemos pensar ainda na presença de um enunciador-genérico, na definição que se dá a zé ninguém, construída a partir da enumeração dos diversos dizeres que definem a figura do zé ninguém. Essa enumeração construída a partir de sentidos já produzidos em enunciações anteriores mostra que os memoráveis por elas recortados são rememorados e atualizados nesta cena enunciativa. Se tomarmos cada uma dessas predicções chegaremos aos sentidos atribuídos ao zé ninguém: um nem fede nem cheira (=sem expressão, efeito), zero à esquerda (=sem valor), o último da fila (=que não merece atenção), figurante da vida (em oposição à protagonista, que é o personagem valorizado em qualquer narrativa) e só estatística (é apenas um número entre tantos outros, não se subjetiva/particulariza). Percebemos assim que, todas as expressões utilizadas remetem à falta de importância ou expressão social, recortando assim o memorável de que para ser alguém na vida deve-se ter importância socialmente, ser “protagonista”.

Além destes enunciados que descrevem as comunidades serem representados em grande parte por enunciadores-individuais, temos ainda um outro funcionamento possível

¹⁷ Os nomes foram abreviados com o objetivo de preservar a identidade dos criadores dessas comunidades.

que também irá aparecer no grupo seguinte, a partir de um enunciador-universal. Observemos a descrição abaixo:

Zé graça... eu?!

Zé graça: Termo usado para o indivíduo que faz piadinhas sem graça, fora de hora. Mais conhecido como "engraçadinho" ou "piadista". Por mais que sua piadinha seja sem graça, todos escutam e acabam caindo risada. Se você gosta de ver as pessoas rindo pelo que você diz vc diz, ou se você se satisfaz pelo simples fato de ver as pessoas rindo ao seu lado... parabéns! Vc é um ZÉ GRAÇA!! E está no lugar certo. Dono: agulha.net (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 12/04/2011)

Neste texto que descreve a comunidade, temos um funcionamento um pouco distinto, visto que o texto começa com uma definição do que seria um “zé graça”, com uma estrutura muito similar à dos enunciados definidores de dicionários institucionalizados. Podemos ver as seguintes marcas que caracterizam este tipo de enunciado: o uso da expressão “termo usado para”, o uso do hiperônimo “indivíduo”, a estrutura relativa “sujeito que faz x” e a expressão “mais conhecido como x”.

Devemos observar que, neste ponto do texto que descreve esta comunidade há uma espécie de simulacro do lugar social de lexicógrafo. O Locutor, ao organizar seu enunciado a partir das marcas linguísticas características do verbete lexicográfico tradicional, simula enunciar enquanto um profissional da linguagem ou um lexicógrafo, submetido assim ao rigor da ciência. Entretanto, trata-se apenas de uma simulação, visto que este Locutor não é autorizado a falar deste lugar social.

Temos então nesta cena um Locutor que fala enquanto dono da comunidade e enquanto um zé graça (l-zé graça), sendo o seu dizer representado inicialmente como um enunciador-universal que é próprio do discurso submetido à relação de verdadeiro ou falso, porém não mais do lugar da ciência mas da língua enquanto um saber linguístico visto como verdade absoluta. Saindo dessa estrutura, o enunciado passa a se representar como um enunciador-individual, em que temos um eu como fonte deste dizer, pressuposto pelo uso de “você” na maior parte do texto.

Podemos observar a partir dos enunciados acima apresentados que os textos que descrevem as comunidades em que tanto o criador da comunidade quanto o participante fazem parte do grupo de indivíduos particularizado pela designação genérica são

configurados pela presença de um Locutor (L) que fala predicado pelo lugar social de um indivíduo que faz parte do grupo nomeado pela designação genérica (l-maria parafina, l-zé ninguém e zé graça) e representa seu dizer majoritariamente por um enunciador-individual marcado por um “eu” que se dirige a um “tu”, ainda que em alguns momentos estes enunciados se representem por outras vozes enunciativas, como no caso de zé graça em que está representado um enunciador-universal.

4.1.2. Comunidades em que o criador não se identifica com a classe nomeada

Além das comunidades em que há uma identificação como um dos membros do grupo nomeado pelas designações genéricas, temos também aquelas comunidades criadas e destinadas a pessoas que se identificam como não pertencentes a estes grupos e que defendem determinada postura em relação a eles. Elas podem se destinar a pessoas que odeiam o grupo nomeado ou que conhecem algum membro deste grupo. Nestes casos, temos um movimento de não identificação de um grupo que se distingue de um outro, aquele que é nomeado pela designação genérica. Temos aqui a relação entre um eu e o outro, que marca oposição de comportamentos.

A cena enunciativa em que se inscrevem estes enunciados pode se configurar de diferentes formas, tendo, entretanto, como representação do dizer predominante o enunciador-individual e o enunciador-genérico, como veremos a seguir. Começemos por algumas das comunidades em que se expressa o ódio ao grupo designado pela expressão genérica:

Odeio Maria gasolina!

Odeio Maria gasolina, para as pessoas que sabe que mulher da muito mais moral para quem tem carro, algumas só fica com quem tem carro, isso é horrível, tudo interesseira, são poucas as que não são assim. Por isso odeio Maria gasolina. Odeio maria gasolina. Dono: L.F.L.A.. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 14/02/2011)

ODEIO MARIA VAI COM AS OUTRAS

VC odeia aquelas pessoas que mudam de opiniao só pra agradar alguém, e não tem personalidade?

Essa comunidade é para todas as pessoas que ODEIAM MARIA-VAI-COM-AS-OUTRAS.

Ainda mais quando voce é uma das vitimas dessas pessoas, que não tem

personalidade própria, que são a copia das pessoas que fazem acontecer, que não são como elas, que apenas gostariam de ser mas não conseguem, que são seguidores das pessoas que tem personalidade, nada mais do que isso, pessoa sem opinião própria, sem ideias, enfim nada mais do que copias. Sendo até submissas aceitando tudo de seus "Ídolos", perdendo grandes oportunidades e amizades. Se você odeia isso também, e concorda com o dito na descrição sinta-se a vontade para entrar aqui. SEJAM BEM VINDOS!!
Dono: sem tempo para Orkut.
(ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 29/03/2011).

Observando as duas comunidades acima, podemos perceber que a cena enunciativa está configurada de maneira distinta nos dois casos. No primeiro, podemos pensar que temos um Locutor que fala do lugar social de homem ou mais especificamente, de homem que foi vítima de uma maria gasolina, algo como um l-vítima de maria gasolina. Podemos dizer que o Locutor só pode falar deste lugar social pelo uso totalizador da expressão “mulher dá muito mais moral para quem tem carro” e em “tudo interesseira”, pois se o enunciado fosse produzido do lugar social de mulher, haveria uma divisão aí explicitada entre as mulheres que são interesseiras e as que não são, visto que, em princípio, seria incoerente ser mulher e produzir esta crítica¹⁸.

Para a segunda comunidade, podemos pensar que o Locutor também fala do lugar de vítima de alguém que faz parte do grupo designado por maria-vai-com-as-outras, ainda que esta vítima não esteja restrita a um único gênero, na verdade, a ausência de marcas de gênero aponta para o fato de que tanto homens, quanto mulheres podem ser vítimas de pessoas da classe nomeada, como podemos ver em “para todas as pessoas que odeiam maria-vai-com-as-outras”. Os indivíduos que podem ser designados pela expressão também podem ser tanto homens quanto mulheres, pelo fato de que sempre se faz referência a pessoas, e não a homens ou mulheres, como em “aquelas pessoas que mudam de opinião” e “pessoa sem opinião própria”.

Em relação à perspectiva enunciativa, observamos a presença do enunciador-individual, a partir de um eu que se dirige a um tu que, assim como ele, partilha do ódio ao grupo designado pela expressão. Podemos perceber isso nos momentos em que temos verbos flexionados na primeira pessoa do singular como aparece nos títulos “odeio x”, algumas vezes antecidos pelo pronome eu, além do uso do pronome de tratamento você “ainda mais quando você é vítima dessas pessoas”, que aponta para a presença de um tu ao

¹⁸ Não afirmamos que seria impossível que este enunciado fosse produzido do lugar social de mulher, mas acreditamos que, se este fosse o caso, haveria o uso de alguma restrição ou de alguma referência a este lugar.

qual se dirige este enunciador. Podemos perceber esse enunciador-individual também em alguns momentos em que aparecem apreciações de valor como em (eu acho que) isso é horrível, (eu acho que é) tudo interessante, (eu te digo que) aqui é o lugar certo.

Além do enunciador-individual, vemos funcionar também nestes enunciados um enunciador-genérico que traz para a cena um dizer que é diluído em algo como “todos dizem que” ou “é o que dizem”. Este enunciador-genérico aparece na caracterização ou definição do que seriam esses grupos odiados, como por exemplo, em “pessoas que sabe que mulher da muito mais moral para quem tem carro”. Além deste funcionamento, encontramos também comunidades em que a cena se distingue um pouco, como a comunidade abaixo:

Eu ODEIO Maria-Tatame!

Comunidade para quem também acha que lugar de Maria-Tatame é fora do dojo!!!
Porque Maria-Tatame só é bom para os homens se divertirem e, para nós, lutadoras de verdade, finalizarmos! Dono da comunidade: F.M. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com.br. Acesso em 30/03/2011)

Esse enunciado que descreve a comunidade configura uma cena enunciativa bastante peculiar. Temos neste caso um Locutor (L) que fala do lugar social de lutadora de jiu-jitsu (l-lutadora), possível de ser identificado na expressão “nós, lutadoras de verdade”, em que a locução “de verdade” pressupõe que as mulheres consideradas maria tatame não são lutadoras, marcando assim dois lugares sociais distintos a partir dos quais o Locutor pode enunciar (l-lutadora x l-maria tatame). Temos aí um locutor-lutadora que fala para um alocutário-lutadora, além de um enunciador-coletivo, através do uso do pronome “nós”.

Esta oposição é ainda reforçada por um enunciador-genérico quando se diz que “maria tatame só é bom para os homens se divertirem”, pois traz para a cena um discurso já estabilizado e corroborado por esse “todos” de que há mulheres feitas para o homem casar e outras feitas para os homens se divertirem. Há ainda um enunciador-individual, assim como nas outras comunidades, percebido através do diálogo que se estabelece entre quem cria a comunidade e aquele que se identifica com ela e dela participa.

Dentro deste grupo de comunidades há ainda outros dois funcionamentos possíveis da cena enunciativa. O enunciador-individual continua a aparecer, mas é possível observar

outras formas em que aparece o enunciador-genérico, além da presença de um enunciador-universal. Vejamos as duas comunidades que seguem:

Sempre tem um Zé! UM ZÉ MANÉ!!

Sujeito desprovido de razoável intelecto e capacidade mental, para discernir e avaliar as situações do dia-a-dia. Pessoa abestada, sem ação o mesmo que zé ruela, bunda mole. Pessoa boba, inocente. Quem não conhece uma pessoa assim? Todos nós em algumas circunstância da vida nos deparamos com cada coisa, com cada pessoa... Que acabamos falando SEMPRE TEM UM ZÉ , UM ZÉ MANÉ.....!!!!!! Dono: L.L. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 12/04/2011).

O q olhos ã vê Zé povinho deda!!!

Se você também ODEIA pessoas Fofoqueiras, pessoas enxeridas e que cuida da vida dos outros. Se você ODEIA aquela pessoa que gosta de especular sobre sua Vida e não pode te ver na rua com amigos ou em qualquer outro lugar, e vai correndo falar o que vc estava fazendo p/ seu namorado (a), mãe, pai... e pioooooooooor, se ele viu 8 ele diz 80... fazendo da sua vida um inferno.

Welcome...

Como dizem:

- “Deus deu a vida para que cada um cuide da sua”
- “O pior veneno do mundo é a língua do fofoqueiro... e não existe cura”
- “Deus deu 24 horas em cada dia para cada um cuidar da sua vida mas tem gente que “insiste” em fazer “hora extra” cuidando e fofocando sobre a vida alheia”

Pois é gente... Não tem jeito...

O que os Olhos não vêem Zé Povinho Deda!!!

Donos: R. e R. (ORKUT. Disponível em www.orkut.com. Acesso em 11/04/2011)

Estas duas comunidades têm em comum o fato de seus enunciados descritivos representarem-se em alguns momentos como um enunciador-individual, em que há um diálogo entre um eu e um tu que partilham do ódio ao grupo designado e que em algum momento são vítimas desse grupo. Essa oposição fica evidente no trecho “se ele viu 8 ele diz 80... fazendo da sua vida um inferno”, em que temos marcado um grupo constituído de um eu e um tu que se opõe a um ele, sendo que é este ele que faz parte do grupo designado pela expressão.

Entretanto, percebemos na primeira descrição em “Sempre tem um Zé, um Zé Mané”, que o enunciado se representa como um verbete lexicográfico tradicional, na medida em que para definir o comportamento a ser criticado na comunidade, vale-se da estrutura tradicional de um verbete de dicionário, através do uso de hiperônimos e da estrutura relativa “pessoa que...”, por exemplo. Este movimento traz para a cena mais uma vez o simulacro do qual falamos acima, em que o Locutor simula enunciar do lugar social

de lexicógrafo apesar de não ser autorizado a enunciar deste lugar. Porém, ainda que este lugar social seja simulado, tal como ocorre no caso anterior, vemos funcionar um enunciador-universal, agora não mais representando o dizer da ciência, mas o dizer da língua enquanto saber inquestionável. Esse enunciador traz certa autoridade para a cena, pois não é o povo que diz, nem um indivíduo, mas um lugar de dizer em princípio inquestionável que se aplica de forma universal que é o lugar do saber linguístico.

A partir do exemplo acima, é possível percebermos um pouco do que lembra Elias de Oliveira (2006, p.18) sobre o papel do dicionário na sociedade ocidental. A autora lembra que o dicionário se caracteriza como um instrumento que produz uma divisão entre o objeto que encerra o saber e o sujeito do não-saber. Esta divisão que marca a relação falante-dicionário é o que sustenta a simulação por parte do Locutor de falar de um lugar social a partir do qual não é autorizado a falar, mas que dá autoridade ao enunciado.

Já na segunda comunidade, essa autoridade é trazida não por um enunciador-universal, mas por um enunciador-genérico, tal como nas comunidades anteriores. A diferença é que neste caso, a descrição se vale de enunciações proverbiais, caracterizadas por Oliveira Santos (2004, p.242)¹⁹ não como formas fixas ou cristalizadas da língua, mas como um “espaço de movimento e mudança de sentidos e sujeitos”. A autora faz tal afirmação diante das várias possibilidades de “subverter” enunciações proverbiais, produzindo novos sentidos, sem, contudo, que se perca aquele sentido que produz o reconhecimento do provérbio em questão.

Podemos observar isso no texto que descreve a comunidade acima, em que alguns provérbios são reproduzidos fielmente “o pior veneno do mundo é a língua do fofoqueiro”, enquanto outros são parafraseados, produzindo assim novos sentidos, como o enunciado que nomeia a comunidade “o que os olhos não vêem zé povinho deda”, paráfrase de “o que os olhos não veem o coração não sente”. Importante dizer ainda que a enunciação proverbial é marcada pelo efeito de verdade, algo como a “voz do povo” que por sinal, pode ser a própria “voz de Deus”, segundo um dos provérbios.

Retomando então as questões aqui apontadas, podemos dizer que nas comunidades do Orkut em que há não-identificação com o grupo designado pelas expressões genéricas,

¹⁹ É importante lembrar que a autora não toma o enunciador do provérbio como um enunciador-genérico como Guimarães (2002), mas como um enunciador-coletivo que se confunde em alguns momentos com um enunciador-individual. Não entraremos nesta questão aqui, visto que nosso objeto de estudo é outro.

observamos que a cena enunciativa configura-se de um lado de um Locutor (L) que é o dono da comunidade, que fala do lugar social de vítima do grupo designado pela expressão genérica. A cena é também marcada pela presença constante de um enunciador-individual, pois sempre há um diálogo entre aquele que cria a comunidade e aquele que vai dela participar, além de constantes apreciações de valor em relação ao comportamento criticado. E também por um enunciador-genérico que, na maioria das vezes, é o lugar de dizer que sustenta a definição do comportamento ou classe descrita.

Por fim, se retomarmos também uma comunidade do primeiro grupo, podemos observar que o modo como as figuras enunciativas se constituem recortam diferentes memoráveis. Se compararmos, por exemplo, os enunciados descritivos de maria parafina e maria gasolina, temos que o fato do Locutor falar predicado do lugar social de mulher ou de homem, respectivamente, muda o modo de construir a predicação, recortando assim memoráveis distintos.

No primeiro caso, temos o uso dos verbos “gostar” e “namorar”, que envolvem algum envolvimento afetivo, enquanto para maria gasolina temos o verbo “ficar” e a expressão “dar moral” (=valorizar) que, pelo contrário, não envolvem afetividade, mas interesse, marcando assim negativamente o comportamento descrito. Se compararmos ainda o enunciado que descreve maria tatame, temos um outro memorável recortado, o de que existem dois tipos de mulheres que se distinguem: as mulheres que farão o papel de esposa e por isso merecem respeito e as mulheres que farão o papel da amante. O que nos chama atenção é que este memorável é utilizado como argumento que parte da própria mulher para se distinguir em relação às mulheres que “servem apenas para a diversão masculina” e que por isso não merecem respeito.

Teríamos então no primeiro caso um processo de identificação entre mulheres que gostam de surfistas, no segundo caso uma oposição entre as mulheres que são maria gasolina e os homens que foram suas vítimas e que as condenam (mulher x homem) e no terceiro caso uma oposição entre mulheres feitas para casar e mulheres feitas para o homem se divertir (mulher x mulher). Devemos observar que, mesmo em maria tatame em que a mulher se constitui como lutadora e não como namorada de lutador, ainda funciona de maneira muito forte o memorável da mulher que deve servir ao homem, neste caso, aquela que deve ser esposa.

4.2. A Cena Enunciativa nas Definições do Dicionário de Gírias e do Dicionário InFormal

Como já dissemos, selecionamos para este estudo dois espaços definidores bastante distintos entre si, com o objetivo de identificar como se configura a cena enunciativa nestes dois modos de definir. Temos assim um dicionário de gírias, produzido por um profissional da linguagem que, em princípio, estaria autorizado a falar sobre ela e um dicionário colaborativo da Internet, produzido não mais por um profissional da linguagem, mas por todo e qualquer falante que queira falar sobre a língua que o constitui.

A análise de dois espaços definidores distintos se mostra bastante interessante, pois nos permite refletir sobre o imaginário que se tem do dicionário enquanto instrumento linguístico. Segundo Elias de Oliveira (2006) a relação que se estabelece entre o dicionário e os falantes é marcada por uma divisão entre o objeto que encerra o saber e o sujeito do não-saber, não permitindo assim qualquer dúvida ou questionamento desse sujeito em relação ao objeto. Podemos observar esta relação no modo como se configura a cena enunciativa em que se inscreve o dicionário, que se representa como um enunciator-universal, colocando-se no lugar de uma verdade absoluta e apagando-se toda e qualquer determinação histórica.

Entretanto, por mais que o dicionário tente apagar qualquer referência ao social, a mesma autora nos lembra que este deve ser tomado como um texto que é constituído e determinado por relações históricas. Neste sentido, observar os diferentes modos como se configuram as cenas enunciativas dos dois dicionários em questão, nos permite perceber diferentes modos de dizer aquilo que seria o mesmo, mostrando muitas vezes, ainda que de forma velada, algumas relações sociais como o preconceito de gênero e de classe, conforme mostraremos a seguir. Além disso, concordamos com esta autora quando assume que o dicionário pode “não só nos contar algo da palavra, mas também nos permitir flagrar modos de dizer a sociedade na qual ela funciona” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2006, p. 20).

Para configurar a cena enunciativa aí colocada, trazemos apenas alguns dos verbetes com os quais estamos trabalhando, apenas aqueles mais representativos da cena (que se repete nas definições) e que podem nos apontar algumas questões relevantes. Selecionamos assim as definições de maria gasolina, maria parafina, maria-vai-com-as-

outras, zé ninguém, zé mané e zé povinho. Começemos pelas definições da expressão maria gasolina que aparece nos dois dicionários:

maria gasolina mulher que namora motorista ou garoto que tem carro importado ou muito bonito. “A piranha é uma tremenda maria gasolina”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 474)

maria-gasolina: Sinônimos: interesseira. Antônimos: desinteressada. Palavras relacionadas: maria, maria-vai-com-as-outras, maria-maçaneta. Mulher interesseira que só fica com homens que tem carro. – Com esse carro novo que eu comprei eu vou pegar todas as maria-gasolina da faculdade. Enviado por Dicionário inFormal (SP) em 18-10-2006. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 24/09/2010).

Observamos que os dois enunciados que constituem a definição da expressão se estruturam a partir do uso do hiperônimo “mulher” mais uma oração relativa “que namora/fica com x”, sendo que x neste caso é o homem que tem carro, mas pode ser jogador de futebol, surfista, lutador, nas definições das outras expressões com o nome Maria. O hiperônimo utilizado é o primeiro fato que nos chama atenção, pois ao contrário da maior parte das definições que tenta abarcar de forma mais ampla possível o conjunto de pessoas designadas utilizando os hiperônimos “pessoa” ou “indivíduo”, temos aqui uma restrição a um grupo específico: o grupo das mulheres. Ao trazer esta restrição, o dicionário nos mostra que tal designação pode ser atribuída apenas a mulheres, sendo impensável utilizá-la para nomear homens.

Outra questão que nos chama atenção é a diferença na escolha dos verbos que constituem a predicação da mulher designada pela expressão. No primeiro caso temos o verbo “namorar”, que reflete a busca do efeito de neutralidade que o dicionário pretende ter, já que atenua a carga semântica negativa que traz a expressão maria gasolina, visto que “namorar” pressupõe a existência de um envolvimento amoroso. Já o Dicionário inFormal usa o verbo “ficar” que não pressupõe um envolvimento amoroso, o que marcaria mais fortemente o interesse material da mulher em se relacionar com homens que têm carro.

Por fim, observamos também que, por mais que o Dicionário de Gírias busque este efeito de neutralidade, este é quebrado no exemplo dado ao produzir uma equivalência entre “piranha”, termo frequentemente usado para designar mulheres com uma conduta sexual mais liberal (comportamento fortemente condenado socialmente) e “maria gasolina”,

produzindo assim uma apreciação de valor sobre a expressão. Esta apreciação aparece também no exemplo do Dicionário inFormal ao utilizar o verbo “pegar” que marca mais fortemente uma relação entre homens e mulheres sem qualquer envolvimento amoroso. As outras expressões que temos trabalhado têm funcionamento semelhante, sendo todas elas definidas a partir do hiperônimo “mulher”, apenas *maria-vai-com-as-outras* parece não se enquadrar neste caso, recortando assim um outro memorável, como veremos a seguir:

maria vai com as outras seguidor. “Ele é maria vai com as outras, mas é fiel”. (DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 475)

maria vai com as outras: Classificação morfossintática: [maria vai com as outras] substantivo próprio fem singular. Sinônimos: sem opinião. Antônimos: idéias. Palavras relacionadas: inútil, burro. Pessoas sem personalidade, caráter ou opinião própria que sempre concordam em tudo com o que lhe falam, mesmo não sendo a favor mesmo assim diz que sim pois é um(a) fracassado(a). -Na votação para o novo síndico, o maria vai com as outras nunca opina, só balança a cabeça. Enviado por L.G. (PE) em 13-12-2007. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011).

A partir dos dois enunciados que definem a designação *maria-vai-com-as-outras*, observamos que não se utiliza mais o hiperônimo “mulher”, mas um sinônimo no gênero masculino, no primeiro caso, e um hiperônimo mais amplo “pessoas”, inclusive no plural, no segundo caso. Além disso, nos dois exemplos notamos que a expressão designa um homem - no primeiro através do pronome “ele” e no segundo através do artigo masculino “o” que antecede a designação. Observamos assim que, apesar da expressão ser construída a partir do nome próprio feminino Maria, ela não recorta o mesmo memorável recortado pelas expressões anteriores, visto que não se refere apenas a mulheres, mas a pessoas de modo geral, marcando uma característica do ser humano e apagando assim a relação de gênero. Ainda assim, é possível perceber que trata-se de uma expressão pejorativa, visto que é marcada como sinônima de duas palavras bastante depreciativas: burro e inútil.

Passemos então às expressões construídas com o nome *Zé* - *zé ninguém* e *zé povinho* - a fim de observarmos e identificarmos as possíveis diferenças em relação à *cena* e aos memoráveis recortados comparadas às expressões anteriores.

zeninguém pessoa sem expressão. “Tadim delezim, é um zeninguém, num ta com nada”.

zé ninguém (BR, PT) vide zeninguém, pessoa sem importância. “O cara é um zé ninguém, é f.”.

zepovim povo. “O zepovim sofre paca”.

zepovinho povo. “O zepovinho também é filho de Deus”.

(DICIONÁRIO DE GÍRIAS, p. 720)

zé ninguém: Classificação morfossintática: [zé ninguém] substantivo próprio masc singular. **Sinônimos:** miserável, pobre. **Antônimos:** rico. **Palavras relacionadas:** povo, povão, cão sem dono. Uma pessoa qualquer, insignificante. "... Eu sou do povo, eu sou um **zé ninguém**, Aqui embaixo, as leis são diferentes..." Biquini Cavado. Enviado por M. (SP) em 05-03-2007. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

zé-povinho Classificação morfossintática: __. **Sinônimos:** gentinha, fofoqueiro, desgraçado, povo, populares, gente simples, medíocre, fofoqueiros, boateiros, mentirosos, maledicentes. **Antônimos:** gente boa, ponta firme, elite, gente fina, intelectuais, gente de bem, verdadeiros, respeitosos. **Palavras relacionadas:** fofoca, ignorantes, gente da rua, analfabetos, pessoinha medíocre, fofoqueiro, cagoeta, indivíduo do povo.

zé-povinho 1: Pessoa curiosa, que adora fofoca. Vive cuidando da vida dos outros, qualquer confusão ela(e) já corre pra saber o que está acontecendo. -Ae, você é mó zé-povinho heim maluco, cuida da sua vida truta! Enviado por C. E. (SP) em 02-10-2007.

zé-povinho 2: Pessoa ou grupo de pessoas que pertencem a classe dos ignorantes e/ou pejorativo de classe social menos abastada. Fulano quer cortar a fila do supermercado e ter a razão...é um zé povinho mesmo. Eu não consigo trabalhar com caridade, não conseguiria ficar perto desses zé povinho

zé-povinho 3: Pessoa com comportamento medíocre . Vixi , a fêladaputa da vizinha fica espiando pelo muro ... mó Zé Povinho. Enviado por R.A.C. (SP) em 22-01-2008. (DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 08/04/2011)

A partir das definições apresentadas acima, podemos observar que nas que aparece um hiperônimo este é sempre mais amplo, mais especificamente “pessoa”, ampliando assim a classe de indivíduos particularizados por estas designações e apagando assim as diferenças de gênero observadas anteriormente. Entretanto, percebemos que há um outro memorável sendo recortado nesta cena, não mais relativo à diferença de gênero, mas à diferença de classe social. Em todas as definições (exceto a primeira definição de zé

ninguém) aparece a palavra “povo” em algum momento do enunciado, seja como sinônimo da expressão ou como uma palavra relacionada.

Observamos que “povo” aparece aqui não só como a massa, mas como sinônimo de uma classe social menos abastada, possível de perceber através do uso de sinônimos como “pobre” e “miserável”, pela própria definição que se dá na acepção 3 de zé povinho no Dicionário inFormal, pelo uso dos antônimos “elite” e “intelectuais” opondo-se a “populares” e “analfabetos” neste mesmo dicionário.

Vemos assim que, se antes tínhamos um memorável funcionando pela posse de status social do homem com o qual alguma das várias marias pode ser relacionar, vemos que o memorável recortado aqui funciona pela falta. Nos dois casos, percebemos que o que determina fortemente estes dois memoráveis é o discurso capitalista que marca as pessoas ou valoriza sempre o ter em detrimento do ser. Só tem importância aquele que tem algo, seja posição social (jogador de futebol), seja um carro que indica a classe social. Sendo o zé ninguém alguém do povo, ou seja, uma pessoa que pertence à classe dos pobres, ele não terá, neste discurso capitalista, qualquer importância ou expressão.

No caso das expressões construídas com Zé, observamos que esta falta de status é frequentemente marcada na definição pela preposição “sem” - sem importância, sem expressão - ou ainda pelo uso de sinônimos altamente pejorativos – mentirosos, gentilha, ignorante. Percebemos também que há dois sentidos sendo construídos nestas definições. No Dicionário de Gírias, observamos que “ser do povo” é “ser vítima” - poderíamos dizer - do sistema, ainda que não apareça o agente causador da pobreza, enquanto no Dicionário inFormal, essa pobreza é caracterizada como uma “falta de caráter”, como podemos observar a partir do modo como a expressão é reescrita por sinonímia em “desgraçados” e “mentirosos” e por antonímia em “gente fina” e “gente de bem”.

Outra questão importante que podemos observar é que o sentido de fofoqueiro que a expressão zé povinho veicula é determinado por “povo” ou ainda por “indivíduo do povo”, através de reescritura por sinonímia, restringindo assim uma característica que poderia ser atribuída a qualquer ser humano, independente da classe social, a uma classe específica, a das pessoas que não têm dinheiro. Essa restrição fica evidente, pelo fato da expressão “zé povinho” ser reescrita por antonímia em “elite”. Assim, ao observarmos as palavras que reescrevem a expressão zé povinho, percebemos que o ato de fofocar ou de falar da vida

alheia é determinado como uma característica típica da classe social dos mais pobres, evidenciando assim um preconceito de classe, que não se sustenta na realidade.

Após apresentar algumas questões relativas ao modo como são estruturadas algumas das definições com as quais estamos trabalhando e os memoráveis que estes enunciados recortam, podemos dizer que estes dois espaços de definição configuram duas cenas enunciativas distintas.

De um lado temos o Dicionário de Gírias que se constitui como um instrumento linguístico de registro de parte do léxico, mais especificamente, de um léxico considerado como “gíria”, no qual há um Locutor (L) que fala do lugar social de lexicógrafo (l-lexicógrafo), pois ele só pode falar enquanto predicado deste lugar social. É este lugar que lhe dá autoridade para falar sobre a língua, para produzir o dicionário, a partir do discurso de neutralidade da ciência, com o objetivo de apenas descrever a língua, no caso do dicionário.

Vemos assim funcionar um enunciador universal que apaga este lugar social do Locutor, produzindo um dizer que é o dizer da ciência, submetido à relação de verdadeiro ou falso, como se estivesse fora da história, ainda que não esteja de fato. Entretanto, observamos que este dizer sustentado no discurso da ciência “neutra” é rompido nos exemplos que aparecem nos verbetes. Vemos então nestes enunciados funcionar um outro lugar de dizer que não é mais o da ciência, mas o de um consenso. Temos assim nos exemplos a presença de um enunciador-genérico, pois já não é mais a ciência que diz, mas um “todos” que não se pode mais identificar a origem. Através deste lugar de dizer, vemos aparecer questões como o preconceito de gênero, por exemplo, ao se produzir a equivalência entre maria gasolina e piranha ou ainda de classe, ao se marcar determinado modo de falar como característico de um grupo social como o uso de *tadim por tadinho*, para marcar a fala do pobre, designado pela expressão.

De outro lado temos o Dicionário inFormal, produzido não mais por um lexicógrafo, mas por todo e qualquer falante que queira produzir uma definição. Ainda que este dicionário se proponha a ser um espaço de definição regrado, marcado por uma estrutura bastante similar à do dicionário tradicional, entendemos que o Locutor (L) que produz a definição não pode falar do lugar social de lexicógrafo, tal como no Dicionário de Gírias, já que não é autorizado a falar deste lugar. Sendo assim, podemos dizer que temos

nesta cena um Locutor (L) que fala do lugar social de falante da língua que fala (l-falante), sendo autorizado a falar dela somente por este motivo.

É importante observar que ao falarmos de um l-falante, estamos considerando a noção de falante tal como é proposta por Guimarães (2002), em que não se trata da pessoa ou indivíduo que desempenha a atividade fisiológica ou psicológica de falar, mas de uma categoria linguística e enunciativa que é tomada por agenciamentos enunciativos configurados politicamente.

Neste caso, por exemplo, esta configuração política se dá pela divisão já retratada acima produzida pelo dicionário entre o saber linguístico e o sujeito do não-saber. Dessa forma, aquele que em princípio não estaria autorizado a falar sobre a língua (o falante) ou a produzir uma definição, simula enunciar do lugar social de lexicógrafo, principalmente através da utilização da estrutura característica do verbete lexicográfico, como já descrevemos acima. Ao simular falar deste lugar, o Locutor sustenta o efeito de verdade que caracteriza os enunciados dessa natureza. Entretanto, sabemos que esta autorização se dá por ser um falante constituído e determinado pelo saber linguístico.

Apesar de não se tratar mais de um l-lexicógrafo, os enunciados definidores do Dicionário Informal continuam a se representar como um enunciador-universal, porém não mais do lugar da ciência, visto que ao se colocar como um dicionário informal já se inscreve na informalidade e não na ciência, podendo inclusive ser questionado (imaginário que não funciona em relação ao dicionário tradicional como vimos anteriormente). Este enunciador-universal representa o dizer da verdade não mais da ciência, mas da própria língua enquanto lugar de saber.

Além do enunciador-universal, vemos representado também nesta cena um enunciador-genérico, visto que nas próprias definições aparecem termos que apontam para um dizer constituído e repetido por um “todos”, como a inserção do adjetivo interesseira em relação ao hiperônimo mulher em “maria gasolina”, ou ainda o uso do adjetivo inútil em relação ao hiperônimo pessoa, que traz para a cena uma ideia que parece ser um consenso que circula socialmente, sem que possamos identificar sua origem, representando-se assim como um dizer fora da história.

Podemos observar ainda diferenças em relação aos dois dicionários no que diz respeito à linguagem utilizada, pois observamos que o Dicionário de Gírias procura utilizar

uma linguagem mais “neutra”, evitando palavras de baixo calão, ou ainda produzindo uma modalização (ao menos nas definições), para atenuar a carga semântica negativa que caracteriza estas expressões, visto que este espaço, sendo determinado pelo discurso da ciência, não poderia conter questões polêmicas que abrissem para qualquer questionamento.

Já o Dicionário inFormal por ser um instrumento construído por diferentes sujeitos que enunciam enquanto falantes determinados pelas línguas que falam, observamos a presença de palavras de baixo calão, alto índice de palavras depreciativas, consideradas ofensivas, além de trazer algumas questões polêmicas, como por exemplo, quando diz que zé povinho é sinônimo de analfabeto que é também sinônimo de mentiroso.

Observamos assim, uma diferença bastante grande entre os dois espaços definidores, visto que no primeiro há um compromisso com o rigor científico e com a verdade no momento em que busca descrever a língua, enquanto no segundo, o compromisso não é com este rigor, mas com o saber partilhado entre os falantes que constroem este dicionário. Essa diferença é bastante relevante para nosso trabalho, pois nos permite observar de forma clara quais os memoráveis que estas expressões recortam, ao aparecerem em definições espontâneas que refletem de modo mais próximo o modo como essas expressões são utilizadas pelos falantes e o modo pela qual elas incidem sobre e constituem os sujeitos.

Capítulo 5 - O Discurso acerca das Designações Genéricas

Como foi possível perceber ao longo das análises presentes neste trabalho, as designações genéricas nos mostram algumas questões ideológicas acerca dos grupos de indivíduos designados por estas expressões. Entendemos que estas questões são determinadas historicamente e, mais especificamente, refletem discursos estabilizados e por diversas vezes repetidos e reproduzidos em nossa sociedade.

Neste momento, julgamos relevante trazer à tona a relação que se estabelece entre a teoria que temos trabalhado - a Semântica do Acontecimento - e algumas das questões trazidas pela Análise do Discurso de origem francesa, tal como é trabalhada por Eni Orlandi no Brasil. Considerando o rico diálogo que se estabelece entre as duas teorias, devemos lembrar inicialmente que “falar é ser tomado por um agenciamento político no acontecimento da enunciação e pelo interdiscurso” (ZOPPI FONTANA, no prelo), ou seja, ao enunciar o sujeito o faz a partir de uma formação discursiva, assumindo assim uma posição-sujeito.

O interdiscurso caracteriza-se por ser uma relação de diferentes discursos que se cruzam no acontecimento enunciativo e são determinados por formações ideológicas, configurando assim uma memória do dizível linguística e historicamente definido. Assim, é o interdiscurso que determina a posição-sujeito assumida pelo Locutor no acontecimento enunciativo. Dessa forma:

O Locutor fala de uma região do interdiscurso, de uma memória de sentidos, na qual ocupa uma posição sujeito que o constitui no acontecimento enunciativo numa relação particular com o lugar social - locutor-x - do qual enuncia e com o espaço de enunciação no qual é constituído como falante. (ZOPPI FONTANA, no prelo)

Feita esta breve retomada sobre alguns dos conceitos da Análise do Discurso - importantes para entendermos as questões discursivas envolvidas na produção da designação genérica - podemos apresentar algumas das questões por nós percebidas ao longo do trabalho. Podemos dizer que as designações genéricas recortam alguns discursos estabilizados no que diz respeito à diferença de gênero e de classe.

Iniciando pela questão do gênero, foi possível observar que, o gênero gramatical do nome próprio que constitui a expressão pode determinar se o indivíduo designado é do sexo masculino ou feminino. Neste sentido, notamos que as expressões construídas com o nome próprio feminino Maria, exceto a expressão maria-vai-com-as-outras, são utilizadas, na grande maioria das vezes, para designar “classes” de mulheres apenas. Além disso, as quatro expressões (maria gasolina, maria chuteira, maria parafina e maria tatame) são determinadas por uma relação da mulher com um homem, relação esta marcada não pela afetividade, mas pelo interesse no que esta relação pode lhe proporcionar no que diz respeito a status ou dinheiro.

Dessa forma, ao produzir as quatro designações genéricas acima citadas, o sujeito enuncia a partir de uma formação discursiva machista marcada pelo discurso de que a mulher, sendo “inferior” ao homem, não tem meios próprios de ascender ou ter destaque social (seja pelo seu trabalho ou qualquer outra contribuição para a sociedade) precisa sempre da relação com o homem para alcançar este status. Podemos ver funcionar este discurso machista (que é também um discurso moralista), por exemplo, na determinação de maria chuteira por alpinistas sociais, no texto que descreve a comunidade do Orkut “Eu ODEIO Maria Chuteira”. Neste momento podemos ver claramente funcionar este discurso moralista que condena o comportamento descrito.

Juntamente com este discurso vemos funcionar também o discurso de que toda mulher é interesseira (ou pelo menos a maioria), incapaz de se relacionar com um homem sem que tenha algum interesse escuso, como podemos ver no texto que descreve a comunidade “Odeio Maria gasolina!”, em que maria gasolina é determinada por tudo interesseira, são poucas as que não são assim, ou ainda na definição do Dicionário Informal mulher interesseira que só fica com homens que tem carro.

Dessa forma, ao observarmos o cruzamento entre esses discursos, podemos perceber que funciona nestes textos o discurso que diz que a mulher só pode ter posição social a partir da relação com um homem, sendo esta relação marcada então por interesse e não afetividade, sendo que este comportamento é, por diversas vezes, criticado e apontado como falta de caráter, como podemos ver através do uso de palavras depreciativas que denotam geralmente um comportamento sexual “liberal” por parte da mulher, o que é condenado socialmente. Podemos ver isso nos diversos momentos em que se produz uma

equivalência entre a designação genérica e essas palavras, como em “A piranha é uma tremenda maria gasolina” (Dicionário de Gírias) ou ainda em “essas vagabundas interesseiras” que reescreve maria chuteira (Descrição do Orkut).

Podemos observar que a designação genérica construída com o nome próprio Maria é determinada por um discurso machista que coloca a mulher em uma relação de dependência com o homem, já que essas designações sempre perpassam por esta relação, não remetendo nunca a características próprias dessas mulheres nomeadas. Nos mostra assim que circula socialmente o imaginário da mulher que tem como única função proporcionar prazer ao homem, o que nos remete ao discurso machista/moralista que diz que há dois tipos de mulheres: aquelas que são feitas para casar e por isso merecem respeito e aquelas que são feitas apenas para os homens se divertirem e que, portanto, não merecem respeito algum.

Esse discurso aparece no texto que descreve a comunidade “Eu ODEIO Maria-Tatame!”, em que temos “Porque Maria-Tatame só é bom para os homens se divertirem e, para nós, lutadoras de verdade, finalizarmos!”. É interessante observar aqui que este discurso é enunciado por um Locutor que fala do lugar social de “mulher que luta jiu-jitsu”, assumindo a posição-sujeito no discurso acima citado de “mulher feita para casar”, uma vez que é construído no enunciado uma oposição entre “maria tatame” e “lutadoras de verdade”, em que se dá uma articulação por dependência entre “lutadoras” e a locução “de verdade”, constituindo assim um único elemento que se opõe a “maria tatame”.

O exemplo acima nos mostra de maneira clara, como a figura do enunciador e a posição-sujeito não se confundem, conforme afirma Guimarães (2002, p. 30), uma vez que, em princípio, esperaríamos que, pelo fato de ser um discurso considerado machista determinado por uma postura que o homem assume em relação à mulher, marcando assim uma espécie de um conflito entre gêneros, temos na verdade, um locutor-mulher lutadora que enuncia a partir de um lugar de dizer coletivo (nós, lutadoras de verdade), a partir de uma formação discursiva de origem machista.

Por fim, em relação à questão de gênero, podemos dizer que este memorável ou interdiscurso que determina as designações genéricas com o nome Maria, parece não funcionar em relação ao homem, uma vez que, tanto nas definições do Dicionário inFormal, quanto nas definições do Dicionário de Gírias, o hiperônimo utilizado é sempre

mulher, garota ou menina, e nunca “indivíduo” ou “pessoa”, como aparece usualmente nas definições de dicionários. Aparece apenas uma vez em maria gasolina (amigos maria gasolina), mas não designa homens que se relacionam com mulheres apenas porque elas tem carro, mas homens que gostam muito de andar de carro ou que "aproveitam" dos amigos que tem carro.

Partindo então para as expressões construídas a partir do nome próprio Zé, podemos perceber um funcionamento distinto, uma vez que a designação genérica neste caso não é determinada por uma relação com o outro, mas por uma falta de alguma qualidade, seja falta de esperteza (zé mané), de notoriedade social (zé ninguém) ou de caráter (zé povinho), do próprio sujeito que constitui a classe designada. Aqui, vemos que a designação é determinada não mais pela posse de algo, mas pela falta, ou seja, por aquilo que não se tem.

Neste sentido, vemos funcionar nos enunciados que definem o que seriam esses “zés”, um discurso que valoriza o “ter” em detrimento do “ser”, localizando-se assim em uma formação discursiva determinada pelo discurso capitalista, sustentado pelo memorável de que “para ser alguém na vida é preciso ter dinheiro”. Ao se colocar nessa formação discursiva capitalista, assume-se a posição-sujeito que julga que só é importante aquele que tem dinheiro ou fama, que pode comprar tudo o que quiser e ser respeitado e admirado socialmente por isso.

Podemos ver funcionar este discurso, na medida em que, a expressão zé ninguém, por exemplo, é determinada por “pessoa sem expressão”, sendo sinônima de miserável e pobre e antônima de rico, sendo definida ainda como uma pessoa qualquer, insignificante (Dicionário inFormal). Este enunciado deixa clara a relação que se estabelece entre “não ter dinheiro” e “não ter expressão”, a partir de uma relação de sinonímia, evidenciando assim um discurso capitalista que atrela o “ser” ao “quanto se tem”.

Essa distinção entre classes sociais é também marcada por um outro discurso que relaciona pobreza não só à falta de dinheiro, mas também à falta de caráter, como característica intrínseca àquele que é pobre. Por exemplo, a designação zé povinho tem como um de seus sinônimos as palavras povo e mentiroso, se opondo à palavra elite e à locução gente de bem. Ou seja, ser mentiroso e falar da vida dos outros é determinado por “ser pobre”, característica essa que não se aplicaria, segundo esse discurso, ao rico (elite), já que este é determinado por sinonímia por gente de bem, ou seja, pessoas de bom caráter.

Vemos assim que ao enunciar a partir de uma formação discursiva capitalista se tem como determinante da falta, podendo ser de qualquer uma das qualidades apontadas, o fato de ser pobre, marcando assim a pobreza como uma espécie de pecado capital que condena o sujeito à exclusão social e ao esquecimento. E, se lembrarmos os discursos que determinam as designações genéricas com o nome Maria, em que o homem para despertar o interesse da mulher deve possuir algo, seja um carro como símbolo de riqueza, seja status social determinado pela profissão, no caso de jogador de futebol, perceberemos que funciona aí o discurso de que um homem só é homem mesmo, ou só tem importância, por aquilo que ele possui.

Nesse sentido, podemos dizer que há um ponto comum às designações genéricas construídas com o nome Maria e àquelas construídas com Zé, sendo este ponto a formação ideológica capitalista constituída por sua vez por uma formação ideológica machista, marcada por duas posições-sujeitos distintas: uma que desvaloriza o homem que não tem (perdedor) e outra que desvaloriza a mulher (interesseira) que corre atrás do homem que tem (ganhador, pegador).

Por fim, podemos dizer que todas as dez expressões aqui estudadas designam diferentes classes a partir de uma característica considerada ruim socialmente. São marcadas assim, por seu caráter depreciativo, o que parece ocorrer também com as outras designações que não entraram neste trabalho, já que não encontramos, por exemplo, zé bonitão ou maria gracinha, para designar homem muito bonito ou mulher graciosa. Se estas expressões aparecessem, provavelmente designariam um homem que se acha bonito, mas não é ou uma mulher que se acha graciosa e não é. Dessa forma, o que explicaria o caráter depreciativo dessas expressões?

Podemos dizer que o que determina a qualidade pejorativa das designações genéricas é justamente o nome próprio que as constituem, ou melhor, os discursos que determinam estes nomes. Voltamos aqui a algumas questões que pontuamos no início deste trabalho. Naquele momento, afirmamos que parecia haver qualquer propriedade nestas expressões que possibilitava sua grande produtividade e agora dizemos também, seu caráter pejorativo, sendo que estas propriedades não são próprias da forma linguística, mas de como estas formas funcionam no acontecimento da enunciação.

Assim, não são as formas linguísticas Maria e Zé em si que determinam as características de depreciação e produtividade das designações genéricas, mas as enunciações e os memoráveis que estes nomes recortam, uma vez que são considerados nomes bastante corriqueiros, não tendo assim nada de “especial”. Assim, ainda que de uns tempos para cá tenha se tornado moda entre pessoas famosas dar nomes considerados “simples” ou “comuns” a seus filhos²⁰, estes nomes recortam um memorável de pobreza ou simplicidade, como se fossem nomes a serem dados aos destituídos de dinheiro e poder.

Dessa forma, entendemos que é esta memória, ou esta formação discursiva que, ao ser recortada pelos nomes próprios Maria e Zé, permite que a designação genérica se constitua como um modo de nomear e classificar grupos de indivíduos estigmatizados socialmente. Além disso, acreditamos que a produtividade se dá justamente pela grande circulação desses nomes, em enunciações que se prolongam ao longo da história, sendo sua popularidade determinada pelo discurso religioso, já que Maria e José são os nomes dos pais de Jesus na tradição cristã.

²⁰ Exemplos de famosos que deram nomes simples aos seus filhos: a atriz global Giovana Antonelli, cuja filha se chama Antônia, a cantora pop-star Madonna, cuja filha se chama Lourdes Maria ou ainda Joaquim, que é filho dos apresentadores de TV Angélica e Luciano Huck.

Considerações Finais

Procuramos desenvolver neste trabalho uma reflexão acerca de um fenômeno linguístico tão corriqueiro que chega a nos parecer banal, as expressões construídas a partir de um nome próprio usadas para se referir a uma “classe” de pessoas. A partir da nossa análise, foi possível perceber que, nestas expressões, o nome próprio deixa de particularizar um indivíduo na produção da referência, para particularizar uma “classe de indivíduos”, deslocando assim o funcionamento que caracteriza o nome próprio ao produzir uma leitura genérica.

Nestas designações genéricas, o nome próprio parece funcionar como uma espécie de base à qual se ligam outros elementos de classe gramatical diversa (nome comum, pronome indefinido e sintagma verbal), como podemos ver na seguinte fórmula: nome próprio-x. Estas expressões são assim construídas por composição, a partir de uma relação hierárquica entre o nome próprio, que aparece sempre na primeira posição e constitui o núcleo da composição, enquanto a variável x, que ocupa a segunda posição, constitui o especificador. Foi possível observar também que se trata de expressões nominais, já que aparecem nas posições sintáticas sempre ocupadas pelo nome (sujeito, objeto, predicativo do sujeito, adjunto adnominal e vocativo).

Em relação ao sentido que essas expressões recebem a partir de sua relação com outras palavras nos textos em que aparecem, foi possível perceber que a designação genérica se caracteriza por ser sempre pejorativa, já que não encontramos na língua, casos como zé bonitão, por exemplo, para designar a classe dos homens bonitos. No caso das expressões com o nome Maria (maria gasolina, maria chuteira, maria parafina e maria tatame), vemos aparecer o memorável da mulher que se relaciona com um homem apenas por interesse no status social que esta relação pode lhe proporcionar. Já as expressões com Zé, funcionam não pela posse, mas por alguma característica que falta ao indivíduo designado (status, esperteza, graça ou caráter) e que gera desprestígio social. Não enquadrámos aí a expressão maria-vai-com-as-outras, pelo fato desta ter um funcionamento distinto: tem origem delocutiva e é bastante estabilizada na língua.

Encontramos também diferenças no modo como essas expressões ocorrem no acontecimento enunciativo, principalmente em relação ao lugar social a partir do qual a

designação genérica é produzida. Esses lugares podem ser: como alguém que pertence à classe nomeada (comunidades do Orkut em que há identificação entre os participantes e a classe nomeada), como alguém que foi vítima da classe nomeada (comunidades do Orkut em que há não-identificação com a classe nomeada), como lexicógrafo (Dicionário de Gírias) e enquanto falante da língua (Dicionário inFormal).

Em relação aos lugares de dizer que representam estes enunciados encontramos em todas as comunidades do Orkut um enunciador-individual, principalmente a partir do diálogo que se estabelece entre o criador da comunidade e o participante. Nos dois dicionários encontramos um enunciador-universal, sendo o primeiro marcado pelo lugar de dizer da ciência e o segundo pelo lugar de dizer do saber linguístico. Encontramos também nos três materiais, um enunciador-genérico que dá autoridade ao modo como as classes designadas são definidas, a partir de um dizer que é de todos.

Por fim, foi possível perceber que, através do modo como a designação genérica se estrutura, dos nomes utilizados (Maria e José) e dos lugares sociais a partir dos quais são enunciadas, pudemos observar que a designação genérica é produzida a partir de uma formação discursiva capitalista, em que o “ter” é valorizado em detrimento do “ser” e de uma formação discursiva machista, em que a mulher é vista como inferior, com o papel social de servir ao homem.

Podemos observar isso através da valorização do status do homem pelo qual as mulheres designadas se interessam, por exemplo, a posse do carro que pode indicar riqueza ou no mínimo uma posição social. É o fato de possuir o carro ou o status de jogador de futebol que marca o interesse da maria-x (gasolina, chuteira, parafina, etc). Além disso, as expressões com o nome Zé marcam a falta, por exemplo, de posição social privilegiada, de fama, de esperteza, de caráter, etc.

Vemos assim que, as designações genéricas construídas a partir de nome próprio podem nos mostrar dois tipos de preconceito. O preconceito de gênero já que as mulheres que buscam este status através da relação com o homem são mal vistas socialmente, sendo designadas de forma bastante pejorativa. Além disso, essas designações parecem não funcionar para se referir aos homens. Temos também preconceito de classe, pois o fato dos grupos designados pelas expressões com Zé não possuírem determinadas características é

determinado por essas pessoas fazerem parte do “povo”, como podemos ver em zé povinho que é caracterizado como alguém mentiroso e que é do povo e não da elite.

Por fim, podemos dizer que as designações genéricas nos mostram como o sentido não está preso a uma forma linguística e não é evidente, sendo constituído de relações diversas a partir do cruzamento de diferentes discursos. Assim, ao se debruçar sobre estas designações, foi possível perceber as relações sociais que se dão entre os sujeitos e como essas relações são determinadas historicamente. Como dissemos no início, as designações genéricas construídas com nome próprio se mostram como um fenômeno extremamente produtivo, podendo revelar ainda questões que não pudemos perceber no trabalho empreendido aqui. Esperamos que este possa contribuir para os estudos do léxico, ao mostrar como um item lexical pode dizer muito do modo como se constituem os sujeitos e como estes se relacionam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, M.** Cap. 5: Processos gerais de formação. In: Teoria lexical. São Paulo: Ática, 2007 (8ª edição), p. 30-40.
- BENVENISTE, E.** (1966). Cap. 23: Os verbos delocutivos (p. 306-315). IN: Problemas de Linguística Geral I. Campinas: Pontes. 5ª Edição, 2005.
- DIAS, C. P.** O discurso sobre a língua na materialidade digital. Revista Eletrônica Interfaces. V. 02, nº. 01. 201, p. 38-46.
- DIAS, C. P.; DO COUTO, O. F.** As Redes Sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. (no prelo)
- ELIAS DE OLIVEIRA, S.** Cidadania: história e política de uma palavra. Campinas: Pontes, RG Editores, 2006.
- GUIMARÃES, E.** Semântica do Acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. Domínio Semântico de Determinação. IN: MOLLICA, M. C. e GUIMARÃES, E. (orgs.) A Palavra: forma e sentido. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- _____. Um contra argumento delocutivo: “Fala sério!”. Revista Línguas e Letras. V. 9, nº. 16, 2008, p. 85-101.
- _____. A Enumeração: Funcionamento Enunciativo e Sentido. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 51.1, Jan./Jun.2009, p. 49-68
- HENRIQUES, C. C.** Relações entre neologia, eponímia e antroponímia. IN: ISQUERDO, A. N. e KRIEGER, M. da S. (orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p. 43-51.
- HORTA NUNES, J.** Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006ª, p. 15-43.
- _____. Lexicologia e Lexicografia. IN: GUIMARÃES, E. e ZOPPI FONTANA, M. G. (orgs.). Introdução às Ciências da Linguagem: A Palavra e a Frase. Campinas: Pontes Editores, 2006b, p. 149-172.

ILARI, R. Encore quelques délocutifs. Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A.), v.18: Especial, 2002, p. 115-129. Disponível em www.scielo.br/delta, acesso em 05/07/2011.

LODOVICI, F. M. M. O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua. 2007. 121 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SANTOS, M. O. “*O provérbio é um comprimido que anda de boca em boca*”: os sujeitos e os sentidos no espaço da enunciação proverbial. 2004. 236 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ZOPPI FONTANA, M. G. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. Revista Organon. Porto Alegre, v. 17, nº. 35, 2003, p. 245-282.

_____. Acontecimento, temporalidade e enunciação. Definições terminológicas e o fato novo na ciência. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 51.1, Jan./Jun.2009, p. 69-94.

_____. A arte do Detalhe. (Artigo no prelo).

MATERIAIS CONSULTADOS

BORBA, F. S. Dicionário de usos do português do Brasil. São Paulo, Ed. Ática, 2002.

SERRA E GURGEL, JB. Dicionário de Gírias. Modismo Linguístico. O equipamento falado do Brasileiro. Brasília, 2005, 7ª edição.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em <http://dicionarioinformal.com.br>. Acesso entre fevereiro e abril de 2011.

COMUNIDADES DO ORKUT. Disponível em www.orkut.com.br. Acesso entre fevereiro e abril de 2011.